

Uma História de Canela

Grande Hotel Canela

SERRA GAÚCHA | BRASIL



O Segredo do Sucesso

Esta história começa em 1882, quando João Corrêa, então com apenas 19 anos de idade, conheceu o “Campestre Canella”, região ainda inóspita, habitada por poucos colonos e fazendeiros, mas de imensas belezas naturais. Canela é assim mesmo, uma terra mágica que encanta à primeira vista e desperta emoções em todos que aqui chegam. É, portanto, muito natural que, ao conhecer o lugar, o jovem imediatamente vislumbrasse seu futuro e as possibilidades de fazer o progresso chegar ali. Seu sonho levou quase 30 anos para se tornar realidade. Para isso precisou abrir caminhos e fazer com que o trem subisse a serra possibilitando o acesso a comerciantes, novos moradores e veranistas. Poucas cidades têm um fundador tão heroico e empreendedor como João Corrêa, e esses feitos são contados no primeiro capítulo – Uma História – pelo consagrado escritor Eduardo Bueno, gaúcho e veranista de Canela desde o final dos anos 50.

A pesquisa que realizamos, com a ajuda imprescindível de Paula Krause Corrêa, bisneta de João Corrêa, reuniu documentos e fotos que a família tão cuidadosamente preservou ao longo dos últimos cem anos para conhecimento das novas gerações, desvendou finalmente o segredo do sucesso de João Corrêa além de fatos históricos importantes sobre a formação de Canela. Revelou também fatos que se misturam com a história dos imigrantes, com o turismo, a hotelaria e com o progresso de toda a Região das Hortênsias. Muitos foram os fatores que contribuíram para o crescimento do veraneio na serra gaúcha, mas sem sombra de dúvida, o ramal ferroviário Taquara-Canela foi fundamental nesse

processo, facilitando o acesso, encurtando distâncias e impulsionando um novo modelo de turismo. O trem cumpriu seu papel, subindo as montanhas e transportando turistas a uma das mais belas regiões do Brasil.

Este livro é um testemunho da formação da mentalidade hospitaleira de uma família e dos habitantes da cidade, da história dos primeiros turistas, do surgimento da indústria hoteleira e do comércio, responsáveis pelo sustento de milhares de habitantes. Um turismo que começou no tempo em que as pessoas viajavam em diligências puxadas por mulas e a iluminação era a carbureto, na mesma época em que surgiram os hotéis no Caracol, quando João comprou as terras onde construiu seu hotel. Contando as memórias do Grande Hotel Canela, o único hotel do Brasil há cem anos administrado pela mesma família que o fundou, *Uma História*, *Uma Família*, *Um Grande Hotel*, resgata, por meio de imagens, acervos históricos, depoimentos e ensaios, uma parte da história serrana, evidenciando a importância da preservação do patrimônio cultural da região. A curadoria das imagens foi feita pelo fotógrafo Fernando Bueno, diretor do Canela Instituto de Fotografia e Artes Visuais, que desenvolve um trabalho de preservação do material visual da cidade junto com renomados fotógrafos de todo o Brasil.

A história do Grande Hotel Canela projeta a saga de duas grandes famílias unidas para sempre pelo casamento de Danton e Anita: a família de João Corrêa, fundador da cidade, e a de Pedro Carlos Franzen, que construiu o Castelinho do Caracol todo feito com madeira da região e que é hoje um dos mais importantes pontos turísticos da serra

gaúcha. O capítulo *Uma Família* tem narração épica da escritora Paula Taitelbaum, contando os feitos dessas pessoas que hoje têm seus nomes nas praças, ruas e escolas da cidade. As muitas recordações passadas carinhosamente “de boca para coração”, entre os Franzen Corrêa, tomaram forma de romance na escrita poética de Letícia Wierzchowski, contando o amor de Danton e Anita.

Ora, pensando bem, qualquer vida poderia se transformar em um livro, até a de um hotel! E é com as reminiscências das netas gêmeas de João Corrêa, Aquilêa e Marilena, que contamos aqui a história de *Um Grande Hotel* que surgiu no milênio passado, cresceu e se modernizou, resistindo ao tempo e a seus personagens. E o livro tem uma quarta parte, *Um Século*, um epílogo que – como não podia deixar de ser, quando algo ou alguém chega à avançada idade de 100 anos – traz as justas homenagens que recebe da família de seus fundadores e dos amigos pelos bons momentos vividos e revividos, da comunidade de Canela, que realizou no Grande Hotel seus eventos, casamentos e luas de mel, e de parceiros, fornecedores e colaboradores que tornaram possível realizar esta obra. Todos quiseram render suas homenagens. Selecionamos algumas para que fiquem de recordação deste Centenário.

João Corrêa deixou um legado material para a história da cidade, mas sobretudo, deixou gravadas na memória de seus descendentes (e por que não dizer, na vocação turística da região?) o segredo do seu sucesso, as palavras mágicas que incansavelmente repetia a seus filhos:

– *Nada é impossível de se fazer!*

Liliana Reid

Uma História de Canela

Uma História,

Uma Família,

Um Grande Hotel

Este livro é dedicado a todas as famílias
pioneiras que ajudaram a formar a
cidade de Canela.

Uma História

Uma Família

Um Grande Hotel

Um Século

Sumário

O Sonho de João Eduardo Bueno	13
---------------------------------	----

De Pais para Filhos Paula Taitelbauam	45
Danton e Anita, uma História de Amor Letícia Wierzchowski	55
Genealogia	68
Linha do Tempo	70

O Grande Hotel tem uma História para Contar Liliana Reid	75
Narrativas e Relembraças Aquiléa Corrêa Homem de Carvalho e Marilena Corrêa Cavalcanti	81
Um Chalé, Um Museu	99
O Novo Grande Hotel	103

Homenagens	131
O Hotel do Seu Danton Heloisa Vellinho Corso	137
Crônica de Tempo e Espaço Pedro Oliveira	139
Mensagem da Família Corrêa Daniel Corrêa Homem de Carvalho	143

English Version	148
-----------------	-----



Uma História,
Uma Família,
Um Grande Hotel





O Sonho de João

Eduardo Bueno

O pinhal se erguia majestoso – como um templo de colunas rugosas e arroxeadas. A copa dos pinheiros, em forma de taça, repleta de galhos eriçados feito antenas, perfurava um céu sem nuvens. O silêncio ancestral era rompido apenas pelo grasnado da curicaca ou pelo esvoaçar da gralha azul. Sob o dossel da floresta, abaixo das pinhas e grimpas, cresciam outras espécies de menor porte, mas não de menos beleza ou valor – caneleiras com troncos recobertos de musgos, cedros de casca áspera, um ipê em flor... Mais rente ao chão, líquens avermelhados e bromélias lilases recebiam os raios de um sol que rajava a mata como fachos através de um vitral. Cotias e jacus iam se esgueirando pela sombra dos xaxins, enquanto um riacho saltitava cristalino no lajeado, reluzindo qual reflexos num espelho. Então, de repente, o sombreado da mata cessava, abrindo espaço para uma vasta clareira, plana e recoberta de relva – um céu às avessas, plantado no verdor do campo.

Uma ilha de grama perdida no tempo, mas bem localizada no espaço. O espaço típico da serra gaúcha, imerso em tempo imemorial.

João Corrêa apeou do cavalo, piscou os olhos com rapidez e vigor – como voltaria a fazer tantas outras vezes, por muitos anos em sua vida. Tirou o chapéu, passou a mão nos cabelos suados e respirou fundo. Era uma manhã qualquer de 1882, e ele tinha 19 anos. O cavalo resfolegou, inflou as narinas, dilatou as ilhargas e baixou a cabeça para pastar. O cavaleiro se manteve impávido sob a sombra da bem conhecida e centenária

canela que emoldurava aquele campestre – o Campestre Canella, no qual, rezava a lenda, os tropeiros descansavam desde um século antes, quando a dita árvore já estava ali, e já espalhando a mesma sombra.... Num átimo, num relance – como o voo da gralha, como no salto de uma rã –, Corrêa vislumbrou o porvir. E, de imediato, transformou-o num sonho.

Aquele lugar seria dele e ali ele construiria o futuro.





A história é uma fabulação, quase uma fabricação. A história não é uma ciência exata, embora seja construída por meio de pesquisa que se pretende exaustiva e com sólida base documental. A questão é que, quem escreve, escolhe o que entra e o que fica fora: recorta, edita e, algumas vezes, conjectura. Com base em fatos, é certo – mas os fatos são fugidios, sob o véu transparente do tempo. O tempo que por vezes elucida é o mesmo que em outras tantas embaralha...

Pois bem: não existem registros documentais a comprovar que a cena narrada acima tenha acontecido tal como vem descrita – embora o cenário seja real (e, de certa forma, continue bem parecido), e a data esteja correta. O homem

de fato existiu – o cavalo e a cavalgada também. O devaneio do cavaleiro é, igualmente, plausível. Mas quem pode assegurar que tal sonho lhe tenha perpassado a mente naquele instante? Como saber o exato momento em que João Corrêa (1863-1928) teve o vislumbre de que aquele lugar seria seu e que, a partir dali, ele se revelaria capaz de transformar para sempre a história da Serra Gaúcha e do turismo brasileiro – mudando ainda boa parte da economia e da política locais?

O fato é que existia um lugar chamado Campestre Canella – e ele parecia mesmo “uma ilha perdida nos trópicos”, como o próprio Corrêa o chamou. E esse recanto relvado era mesmo



um aprazível pouso de tropeiros – embora seja difícil acreditar que, nas primeiras décadas do século 18, aqueles rudes cavaleiros fossem se desviar tanto da rota principal (que ladeava a borda dos Campos de Cima da Serra, passava por São Francisco de Paula e descia a encosta até Taquara), apenas para descansar numa determinada paragem, por mais especial que ela fosse. De todo modo, em princípios dos anos 1800, ou seja, já nos albores do século 19, o dito Campestre era ponto de referência consolidado na vida e no trajeto dos homens que conduziam gados e muares pelas arredias corcovas da Serra. E a sombra daquela caneleira, bem como o campestre em si, haviam adquirido notoriedade.

O que não se pode saber com certeza é se, *antes* dos 20 anos de idade, o intrépido e visionário João Corrêa, recém-casado e recém-desempregado, teria mesmo tido a ideia de comprar aquela clareira, fazer ali uma vila, levar uma linha férrea até lá e ainda erguer um hotel no local. Tal suposição soa como a substância de que são feitas as lendas – o mesmo tecido tênue no qual se imprime, aliás, a afirmação segundo a qual, embora viesse a escrever tanto e tão bem ao longo de sua vida adulta, João Corrêa teria frequentado a escola por apenas três meses, sem jamais ter recebido qualquer outra educação formal...

Ocorre, porém, que o material que constitui as lendas é o mesmo que afiança os sonhos. E João Corrêa cedo se revelaria capaz de concretizar os seus, a ferro e fogo, com a rigidez dos trilhos e a firmeza dos dormentes, com a comprovada fé no poder do dinheiro e a habilidade para trançar os fios, os enlacs e as artimanhas da política; com a ajuda da mulher e dos filhos e, sobretudo,



com a certeza de que o impossível só existe para ser contrariado.

Assim sendo, como duvidar de qualquer façanha atribuída a esse homem? Porque o fato é que, com ou sem comprovação documental, bem se pode imaginá-lo parado no Campestre Canella, aos 19 anos de idade, de botas e chapéu, alto e corpulento, de mãos fortes e hábeis, olhando para frente com seus olhos luzidios e aquosos – olhos que tanta impressão causavam naqueles que o encaravam.

E então, à medida em que o olhar de João Corrêa vai se expandindo, é como que se a paisagem ao redor fosse se transmutando. Já não se trata apenas de um lugar bucólico e romântico.

Aquele pinhal vale dinheiro – e Corrêa é sujeito pragmático: ele vai lucrar com aquelas árvores, como qualquer homem de seu tempo. O relvado em si não é apenas recanto aprazível: é um local estratégico – os caminhos que permeiam o topo da serra, e os que galgam os vales, devem necessariamente passar por ali. Para o leste, fica o Faxinal e a estrada dos Campos de Cima da Serra; para oeste, o Gramado e a ligação com as colônias italianas; para o norte, a Vacaria, Lages e uma rota mais direta para Sorocaba; para o sul, os vales se debruçam em direção às margens do Sinos e aos campos de Gravataí.

O ar é puro, mas as águas correntes o são ainda mais – e não só para beber, pois se, domadas,

hão de fornecer energia farta e barata... E os homens que trabalham muito, e muito lucram, depois de algum tempo querem e precisam de descanso. Haverá lugar melhor para descansar do que ali? Entre águas límpidas, sombra fresca e ar puro? Mas, para que tudo isso se concretize, é preciso acesso. As estradas de rodagem devem vir substituir as trilhas enlameadas mais afeitas aos equinos e aos muares, meros caminhos do gado. E, mais do que as rodovias, o trem precisa chegar ao cume das montanhas, mesmo que resfolegando, como o cavalo que primeiro conduziu João àqueles campos elísios.

Por tudo isso, faz sentido e não ofende a razão, imaginar João Corrêa em pé, bem ali, no coração





do Campestre Canella, e então, se a história pudesse ser acelerada, qual uma fita do agora já ultrapassado videocassete, seríamos convidados a ver, através de seus olhos, em ritmo vertiginoso, o relvado quadrangular virando praça, recém-criada e já cercada de largas e retilíneas ruas (não por acaso batizadas Borges de Medeiros e Júlio de Castilhos). Ao fundo uma catedral vai surgindo, imponente como um pinheiro de basalto, em terreno que fora dele; e casas comerciais, oficinas e ferrarias, e lares de veraneio, também construídos em terras por ele vendidas. Uma cidade nascendo do nada.

E assim, justo onde ficava a canela que batizara aquele campo, brota agora uma estação férrea, na qual o trem chega, arfante, soltando fumaça pelas ventas de ferro fundido, e João sorri e exulta, embora fatigado, quase falido. Mas então, junto com ele próprio, o trem sai de linha e automóveis chegam para substituí-lo, como um enxame, feito abelhas, e se enfileiram e até se engarrafam, trazendo turistas de todas as querências do Rio Grande, de todos os rincões do Brasil e até do Mercosul, e não são poucos os que se hospedam no hotel, o Grande Hotel, que Corrêa ergueu por conselho e a pedido da esposa.

E, como num milagre em um país cujo modelo desenvolvimentista é tão voraz e cruel quanto o do Brasil, os ares seguem puros, os pinheirais ainda lançam sua sombra hirsuta nos verdejantes campos ondulados. As águas já não são mais tão límpidas – mas a fonte que João cedo reconheceu segue brotando cristalina. E Canella se concretiza num sonho feliz de cidade em meio a um Brasil urbano que cresce descontrolado, envolto em fumaça.

Quem pode duvidar, portanto, que a visão de João Corrêa se tornou realidade? Até porque ali está ele, em pedra e bronze, com olhos que, se já não piscam, não cessam de vigiar. Quem ousará dizer que, ao desmontar do cavalo, sob a sombra dos ipês em flor, emoldurado pelo perfil umbroso dos pinheirais, João Corrêa não teria antevisto tudo o que agora é concreto? Mas, para reafirmar essa certeza, será prudente recapitular sua vida tão intensa e repleta de realizações. E ela não se passa só no Canella...

É hora, portanto, de descer a serra – seja a cavalo, seja de trem, na ilustre companhia de João Corrêa.





Os feitos de João

João Corrêa Ferreira da Silva – que depois adotaria apenas o primeiro sobrenome – nasceu em Santa Maria da Boca do Monte, em 1863. Mas não é exatamente lá que se devem buscar suas raízes, nem talvez o nascedouro de suas ferrenhas motivações. Para desvendá-las é mais apropriado descer do Campestre Canella e voltar para São Leopoldo, perto de onde Corrêa teria saído, a cavalo, rumo ao campo que haveria de ser seu, em algum momento de 1882, quando o Brasil ainda era um império escravocrata com menos de dez milhões de habitantes – e apenas 434 mil deles estavam instalados no Rio Grande do Sul.

Como se trata de uma viagem hipotética, não parece um despropósito retornar ao ponto de partida em um dia de semana qualquer de 2016. Porque então, em pleno coração de São Leopoldo, num cruzamento movimentado da Avenida Mauá, será fácil ver milhares de passageiros apressados, circulando pela principal estação de trem da cidade – na verdade, um metrô de superfície. E, como num tributo coerente com a história, os vagões de onde elas entram e saem, estão parados muito próximos do local onde a Avenida Mauá se conecta com a Avenida João Corrêa.



Não há de se tratar de mera coincidência. Pois, embora a maioria dos usuários do Trensurb o desconheça, o fato é que a conexão entre Mauá e Côrrea se revela bem maior do que o casual encontro de seus nomes em uma esquina agitada. Afinal, ambos ajudaram a colocar o trem – e o Brasil – nos trilhos da história e, de carona, levaram o turismo a localidades serranas que, acreditavam eles, mereciam ser mais do que simples pontos perdidos no mapa.

O Barão de Mauá, precursor do sistema ferroviário brasileiro – entre outros percursos e em meio a muitos percalços –, fez o trem chegar a Petrópolis, a antiga cidade de veraneio imperial, na região serrana do Rio de Janeiro. Tempos depois, Corrêa seguiria o mesmo e árduo caminho de abrir a ferros as entranhas montanhosas de uma serra e, após anos de tratativas e esforços, conseguiria criar a linha Taquara/Canela. Foi o impulso para que o antigo campestre com nome de árvore brotasse com força e se transformasse em um dos mais consagrados e cobiçados destinos turísticos do Brasil – bem como a cidade que sedia o único hotel brasileiro a se manter por mais de um século nas mãos de uma mesma família, a família de João Corrêa.

Quando Corrêa morreu em São Leopoldo, no dia 16 de março de 1928, com apenas 65 anos, vítima de um inesperado ataque cardíaco, seu corpo foi transportado de trem até Canela, onde morava oficialmente com a família. Tudo havia começado com o trem – natural, portanto, que acabasse em companhia do trem... E enquanto o cortejo fúnebre-ferroviário parava em todas as estações para as devidas honras ao homem que





havia ajudado a semear e a impulsionar aquelas cidades, os periódicos gaúchos lhe prestavam homenagens. Uma das mais entusiásticas foi publicada no *Koseritz' Deutscher Volkskalender für Brasilien*, editado pela *Neue Deutsche Zeitung*. Entre palavras que discorriam sobre os tantos feitos do Coronel João Corrêa, o autor do artigo escreveu que, no Brasil, apenas um homem poderia ser equiparado a ele: Mauá. Mais de dez anos depois, o ex-diretor do Tesouro do RS, Renato Costa, que conhecera e convivera com Corrêa, faria a mesma comparação.

João Corrêa nasceu exatamente 50 anos depois de Irineu Evangelista de Souza, o Mauá. Os dois homens nunca se cruzaram de verdade, já que o Barão fincou raízes no Rio de Janeiro e o “Coronel” passou a maior parte dos seus dias transitando por cidades gaúchas. Mesmo assim, há outras tantas coincidências pairando sobre suas biografias que mais parece a fumaça de seus antigos trens a se entrelaçar: ambos nasceram no interior do Rio Grande do Sul, perderam o pai muito cedo, começaram a trabalhar ainda meninos, pouco frequentaram a escola e deixaram a cidade natal ainda jovens. E o mais importante: assim como Mauá, João Corrêa foi incansável na realização das ideias que teve – fosse abrir uma estrada de ferro em meio a montanhas escabrosas, fosse investir na cidade que, mais do que adotar como sua, ele virtualmente fundou.

João Corrêa Ferreira da Silva nasceu, como já dito, em Santa Maria da Boca do Monte, em 17 de fevereiro de 1863. Seu pai, Manoel Corrêa Ferreira da Silva, mudara-se para lá quando ainda era um rapaz, após sair de São Leopoldo para seguir a carreira militar, chegando ao posto de alferes. Em Santa Maria, Manoel conheceu aquela que



seria a mãe de seus três filhos, a descendente de alemães Luiza Juliana Sonnet. Uniam-se assim, o sangue luso e a fibra germânica. Essa mistura iria definir os destinos e balizar as realizações de João Corrêa. Mas não apenas ela: o infortúnio também viria a fazer parte da receita, pois, em março de 1866, pouco depois de o menino completar três anos, o chefe da família morreu em meio à sanguinária Guerra do Paraguai. Não era a primeira vez que um conflito atingia em cheio a história dos Corrêa, mas era a primeira que deixava um vazio tão profundo.

Cerca de três décadas antes, em 1835, quando a Revolução Farroupilha teve início, o avô paterno de João, o açoriano José Corrêa Ferreira da Silva, tomou parte na “revolta”. Só que, como a maioria dos moradores do Vale dos Sinos, ao lado dos imperiais, e não dos Farrapos. Em 1837, em meio ao conflito, José se tornou inspetor do sétimo quartelão de São Leopoldo e, mais adiante,

ocuparia por duas vezes o cargo de presidente da Câmara dos Vereadores da cidade, em 1857 e 1869. Cabe salientar, aliás, que sua ligação com São Leopoldo havia se iniciado antes mesmo dos primeiros colonos alemães chegarem, em 1825, pois instalou-se lá com a esposa, também portuguesa dos Açores, em 1821, um ano antes da independência, atraído pela terra fértil que margeava o sinuoso rio que batizou a região.

No Vale dos Sinos nasceriam os sete filhos de José, entre eles, o pai de João, Manoel, em 1827. João Corrêa parece ter herdado muito da personalidade do avô: o espírito de liderança, o envolvimento com a política e a vontade de deixar seu nome perpetuado no tempo e nos espaços por onde passou. Mas a chegada de João Corrêa na cidade da família paterna só aconteceria na fase adulta da vida. Antes disso, ele teria que percorrer a árdua trajetória que começou prematuramente aos 8 anos de idade, em São Sebastião do Caí, quando recebia “duas patacas de 84 centavos por semana”, conduzindo uma “ponta de animais que amassavam barro para uma fábrica de tijolos”.

Aos 12 anos, mudou-se para Forromeco, distrito de Bom Princípio, também na região do Caí, para morar com tios. Lá, aprendeu o ofício de ferreiro, que, aliás, parecia predestinado por um de seus sobrenomes: “Ferreira”. Também lá, teria frequentado “a única escola de sua vida, pelo curto tempo de apenas três meses” – como insiste a maioria das fontes, embora não só a caligrafia ondulosa como a redação sucinta e lúcida com a qual redigia suas cartas, pareçam indicar que pode não ter sido apenas essa a educação de João.

Em 1880, quando estava com 17 anos, o trem passou por sua vida e ele se deixou levar: ingressou



nas oficinas da Estrada de Ferro de Porto Alegre/ Novo Hamburgo, pertencentes a companhia inglesa The Porto Alegre & New Hamburg Brazilian Railway Company, fundada em 1866, justamente para construir a ferrovia ligando a capital à zona colonial alemã. Mas João ficaria apenas um ano naquele emprego. Tempo suficiente para se destacar no ofício, pois as fontes registram que o diretor da ferrovia, um mister Tweedie, indagou-lhe se ele “seria capaz de fazer as ferragens de um pequeno vagão, destinado ao uso privado daquele diretor”. O jovem Corrêa aceitou o desafio – e executou a tarefa a contento.

Trinta e dois anos se passariam até que, seus filhos, já então seus sócios, informados de que o pai fizera aquele vagão, partiram em sua procura. Foram encontrá-lo na sucata da V.F.R.G.S., em Santa Maria, onde o adquiriram pela quantia de um conto de réis (1:000\$000). Este viria a ser o primeiro vagão de passageiros que usariam logo após a reforma do ramal São Leopoldo-Fazenda São Borja, anteriormente percorrido apenas por trem de carga. Mais emblematicamente ainda, o mesmo e mítico vagão seria empregado também na linha Taquara-Canela, quando ela enfim ficasse pronta.

Mas ainda faltavam muitos anos para que isso acontecesse até porque João ficaria apenas um ano na companhia inglesa pois, aos 18, não apenas se desligou dela como se casou com Maria Luíza Frederica Burmeister, de 17 – um matrimônio que frutificaria em oito filhos. Foi uma atitude temerária, já que, além de constituir família, João Corrêa parece ter decidido partir para o próprio negócio – e ele não poderia ser mais ousado. O jovem casal mudou-se para Santa Cristina do Pinhal, quase às margens do

rio dos Sinos, nas proximidades de Taquara e não muito distante de Sapiranga. A partir dali, João teria tido a ideia de fazer uma ferrovia que levasse até Torres.

É evidente que o ponto de partida não seria Santa Cristina – um lugarejo ainda hoje bucólico, quase esquecido entre colinas de arenito e alagadiços às margens do Sinos. O ramal provavelmente partiria de Novo Hamburgo e, pelo vale onde fica Entrepelados, seguiria para Santo Antônio da Patrulha, mais ou menos pelo trajeto da atual rodovia RS 242, sem enfrentar nenhuma montanha de maior porte. Mas o projeto jamais sairia do papel. De certo modo, isso pouco importa, pois foi naquele mesmo ano de 1882, antes de completar sua segunda década de vida e tendo partido a cavalo desde Santa Cristina do Pinhal, que João Corrêa enveredou

pelos vales, subiu a serra e veio a conhecer o lugar que jamais esqueceria.

Quando João chegou pela primeira vez ao Campestre Canella, as terras pertenciam a Joaquim Gabriel de Souza. Embora os breves e apolo-géticos perfis biográficos de Corrêa costumem afirmar que ele teria ficado hipnotizado com a beleza do local, e sonhasse em adquiri-lo, entusiasmado pela possibilidade de fazer uma estrada de ferro serra acima, é pouco provável que, com 19 anos, sem emprego fixo e tendo recentemente sofrido um revés em seu projeto de levar o trem até Torres, ele de fato tenha achado que seria capaz de comprar aquela cobiçada área e ainda fazer o trem subir a serra.

Até porque, oito anos antes, em 1874, a própria firma da qual ele fora funcionário já havia





aventado tal possibilidade – e desistira dela. Com efeito, a companhia inglesa, representada pelo escocês John Mac Ginity (um ex-funcionário de Mauá), havia inaugurado a primeira ferrovia do Rio Grande do Sul no trecho Porto Alegre/São Leopoldo e, logo depois, apresentara um projeto de estender a linha férrea até São Francisco de Paula. A questão é que o povoamento era pequeno demais para justificar os enormes riscos e o alto custo que a empreitada exigiria, pois seria preciso vencer a barreira das montanhas. E, assim, a ideia de fincar trilhos pelos caminhos tortuosos da serra ficaria parada no tempo. Como se à espera de João Corrêa.

E os planos teriam mesmo que aguardar, pois, desiludido com a impossibilidade de fazer a ferrovia até Torres, João retornou para a cidade onde nascera. Em 1883, lá está ele em Santa Maria, onde abriria uma padaria – muito possivelmente por sugestão da esposa. Mas sua vocação estava nos ferros, não na farinha e, um tempo depois, já se encontra de novo numa ferraria – só que agora se trata de um negócio próprio. Mais ou menos nessa época, muda-se para Lajeado, nos arredores de Taquara, para lá dar início à sua carreira de empreiteiro, construindo a estrada de rodagem entre Taquara e São Francisco de Paula, até então mero caminho carroçável, há mais de um século usado pelas tropas e por tropeiros. Mas o empreendimento, embora concluído, lhe traz mais prejuízo do que lucro.

Em 1890, de volta a Santa Maria, Corrêa decide subempreitar a construção de um trecho da estrada de ferro Santa Maria-Cruz Alta, e o negócio se torna seu primeiro sucesso financeiro, embora tenha lhe tomado quatro anos de esforços. Quita suas dívidas e adquire sua primeira



casa própria em Santa Maria. Mas parece não ter vivido muito tempo nela, pois em 1894, a convite do irmão Agnelo, então diretor do Banco da Província em Porto Alegre, funda sua própria empresa: a firma Irmãos Corrêa. O objetivo era abrir estradas, tanto de ferro quanto de rodagem. Já instalados em São Leopoldo, os irmãos dão seu primeiro grande lance ao iniciarem a exploração de uma pedreira na fazenda São Borja, nos arredores da cidade. Constroem uma linha férrea para conduzir as pedras, e com elas fazem os primeiros calçamentos das ruas de São Leopoldo. A seguir, dão outra tacada de vulto: constroem as linhas do Telégrafo Estadual, conectando Porto Alegre com as regiões coloniais: São Leopoldo, Montenegro, Caí e Caxias.

Alavancada pelo bom relacionamento político e pelo espírito empreendedor dos irmãos, a firma vai assinando ótimos contratos e começa a ultrapassar suas concorrentes. Em meio à abertura das estradas Montenegro-Nova Prata, Caí-Caxias do Sul, Caxias do Sul-Vacaria, e da concessão para que construísse a estrada de ferro Novo Hamburgo-Taquara, João Corrêa também erigiu a ponte metálica do Passo do Cofre, a Ponte da cidade de Feliz e o Cais de Montenegro. Empreitadas impressionantes que, realizadas simultaneamente antes do raiar do século 20, e envolvendo mais de meio milhar de empregados, acabariam por tornar João Corrêa um dos mais dinâmicos empreendedores gaúchos de todos os tempos.



Enfim, dono do Canella

Em 1903, considerado por todos como sendo um notável empresário e já conhecido como “Coronel” – alcunha herdada dos antigos tempos em que grandes e poderosos proprietários de terra ganhavam títulos da Guarda Nacional, mas que, no caso dele, era uma espécie de reverência a tantas realizações –, João Corrêa finalmente foi capaz de adquirir as terras quase virgens e ericadas de pinhais com as quais tanto sonhava. Em 28 de março daquele ano, pelo preço de doze contos de réis, comprou do Capitão Felisberto Soares de Oliveira uma área de 19.862.950 m² em Canela. Cinco anos depois, ele compraria mais 18.968.000 m² de Ignácio Saturnino de Moraes por um valor estimado em 20 contos de réis. Tantos milhões de metros quadrados fariam com que se tornasse praticamente o único dono “do Canella”, mais de 20 anos depois de tê-lo conhecido.

Mesmo assim, a família ainda demoraria alguns anos para fincar raízes por lá, pois seguiria com o pé plantado na estrada. João Corrêa, a esposa Maria Luiza e seus filhos – Josefina, João Manuel, Victor, Carlos, Aparício, Agnelo, Danton e Luizinha – já haviam passado por Santa Maria, Tupanciretã, Lajeado e São Leopoldo antes de se mudarem definitivamente para Canela, por volta de 1910. Cabe ressaltar que Dona Maria Luiza, mais do que simplesmente acompanhar o marido em suas andanças e mudanças, era do tipo que colocava a mão na massa, literalmente. Durante a reconstrução da Rodovia Taquara/São Francisco de Paula, por exemplo, com os filhos ainda pequenos, com base na experiência anterior em Santa Maria, ela abriu uma padaria para alimentar os funcionários,

ao mesmo tempo em que ajudava na ferraria. A partir de 1910, quando a família se estabeleceu em Canela (antes mesmo de ficar pronta a casa), a matriarca cuidou dos filhos, da terra, da lavoura, de plantar árvores e flores. Não é de se estranhar, portanto, que até a primeira hortênsia cultivada em Canela seja atribuída a ela.

Mas antes disso, em 1904, quando no lugar de ser um lar, Canela era apenas um mar de terras onduladas, João Corrêa tratou, antes de mais nada, de investir em vias de acesso que levasse mais progresso ao seu paraíso preferido. Com uma firma que contava, na época, com 600 empregados, começou a realizar obras para o governo do estado sob a coordenação do engenheiro Faria Santos, que recebeu a tarefa de traçar a estrada de rodagem até Canela. A abertura dessa rodovia vinha puxada pela expectativa do governo do estado, sob o comando de Borges de Medeiros, de que com ela seria possível revigorar as frentes agrícolas e implantar o progresso em novas comunidades.

Mas o que uniu o coronel João Corrêa e o governador Borges de Medeiros não foram apenas as estradas. Havia, entre eles, fortes laços de amizade, amarrados pela solidariedade política: ambos estavam vinculados ao Partido Republicano Rio-grandense, o PRR. A partir do ano em que as obras da estrada até Canela tiveram início, os dois começam uma troca de correspondência que se estenderia por mais de uma década, até porque Borges se manteve por cerca de 30 anos no comando do Rio Grande.

A relação só ficaria estremecida em setembro de 1919, quando João Corrêa enviou uma carta ao

então presidente da província, solicitando audiência para tratar de um auxílio para a conclusão da ferrovia Taquara-Canela, atrasada por muitos problemas, entre eles, uma epidemia de “influenza hespanhola”, a gripe espanhola. Borges de Medeiros simplesmente não respondeu. Foi o que bastou para abalar os brios do Coronel que, menos de um mês depois, remeteu uma nova carta rompendo relações com Borges, declarando que havia sofrido de “desacato e humilhação” e que estava se desligando de “Va. Excia”. Furioso, informou ainda que, após concluir a obra, ele e seus filhos se afastariam do estado. Provavelmente Borges de Medeiros voltou atrás, pois em uma outra carta, escrita em 15 de setembro de 1920, um João Corrêa bem mais afável demonstra que a amizade fora retomada.





O trem sobe a serra

Mas as dificuldades econômicas relatadas na carta de 1919 jamais poderiam ter sido imaginadas cinco anos antes. Em 1912, quando a casa da família Corrêa finalmente começou a ser erguida em Canela, o patriarca havia acabado de fundar uma nova firma – a Companhia João Corrêa & Filhos –, cujo primeiro contrato, assinado no dia 10 de março, foi justamente com a Prefeitura de Taquara para a construção da linha ferroviária que levaria o trem até Canela. A empresa de João Corrêa e seus filhos contava na época com “100 contos de réis, dinheiro este vindo da venda de um pinhal de 20 colônias de sua propriedade, adquirido pela Cia. Florestal Rio-grandense de Canela”. A construção da ferrovia era, sem dúvida, o principal projeto e o maior desejo de João Corrêa, talvez desde que havia conhecido o Campestre, em 1882. O Coronel só não contava com uma coisa: além das pedras naturais do caminho, ele ainda tropeçaria em uma Grande Guerra, aquela que ninguém jamais imaginaria e tendo justamente o povo que tanto admirava, os alemães, como os vilões da história.

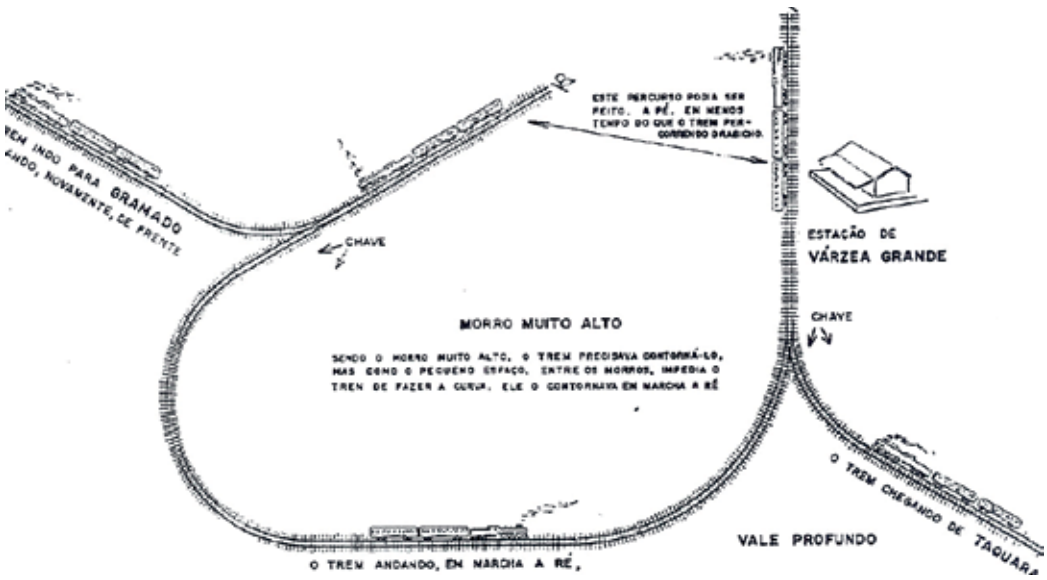
Até o início do conflito mundial, em 1914, as coisas pareciam transcorrer bem e o primeiro trecho da estrada de ferro, que levava até onde é Três Coroas, acabara de ser inaugurado – até porque, até ali, o terreno era todo plano. Com a guerra, as obras foram interrompidas por falta de verbas. Em uma das cartas enviadas a Borges de Medeiros, escrita na véspera de Natal de 1916, João Corrêa informou que não havia conseguido realizar empréstimos no Banco do Brasil para dar continuidade à sua grande obra. O empréstimo foi liberado pelo governo do estado

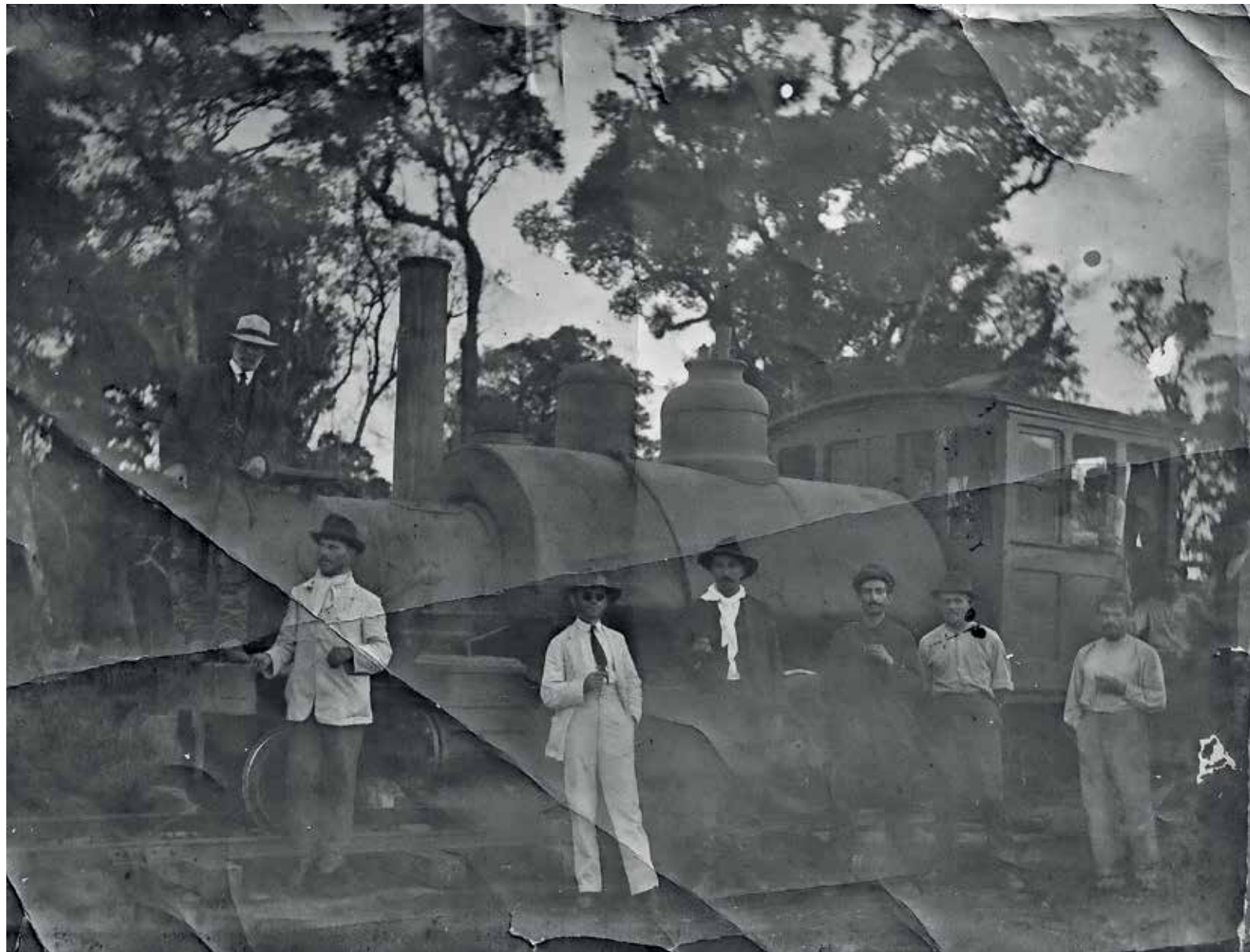
e, no ano seguinte, a estrada de ferro Taquara/Canela pode entrar novamente em movimento.

Mas, se as dificuldades econômicas foram grandes, as de engenharia se revelariam ainda maiores. Para decidir como vencer a serra e chegar à Canela, os mais conceituados engenheiros foram convidados a opinar. Todos eles declararam que era impossível levar uma estrada de ferro até o topo sem envolver vultosas somas de dinheiro. A solução, no entanto, foi dada pelo filho mais velho de João Corrêa, João Manuel, que sugeriu que se construísse um “rabicho” na curva mais íngreme da serra. A ideia consistia em fazer com que o trem, ao chegar na Estação de Várzea Grande, percorresse um pequeno trecho com a locomotiva andando em marcha a ré até chegar ao outro lado da curva, onde ficava

o rabicho, e daí retornar de frente utilizando um sistema de chave nos trilhos rumo ao alto da serra. A saída deu certo e, graças a isso, em 9 de abril de 1921, o trem subiu a serra e chegou à Estação de Gramado. O problema foi que, junto com os passageiros, o trem também levou a maior parte do patrimônio de João Corrêa que, sem recursos, não conseguiria terminar os oito quilômetros de trilhos que faltavam até a Estação Canela sem um novo financiamento.

À beira da falência, com os recursos esgotados, fisicamente esgotado, João Corrêa viu-se na árdua circunstância de aceitar o preço quase vil com o qual o Estado lhe acenou para encampar a ferrovia, em 7 de dezembro de 1921: três milhões e trezentos e vinte nove mil contos – aproximadamente a metade que ele gastara





na construção... Mas pelo menos há registro testemunhal e documental de como ele reagiu àquela espécie de afronta. Renato Costa, então da diretoria geral do Tesouro do Estado, recordaria, anos depois (em fevereiro de 1937, no jornal *Folha da Tarde*, e em fevereiro de 1952, no *Correio do Povo*), o comportamento resignado e altivo de João Corrêa.

“Recordamo-nos, ainda hoje, do processo final daquela encampação”, escreveu Costa. “Muitas vezes recebemos a visita de João Corrêa, que solicitava a nossa intervenção amistosa no sentido de serem apressados os últimos arranjos daquele ato. Nunca lhe ouvimos um queixume. Nem de seus lábios se murmuraram revoltas contra o exíguo preço da encampação arbitrado pelo Estado. Só lhe guardamos os comentários melancólicos que o ajuste lhe provocou, de não poderem ser indenizados, pelo menos o trabalho e as horas que dispensaram, ele e seus filhos, naquela obra monumental”.

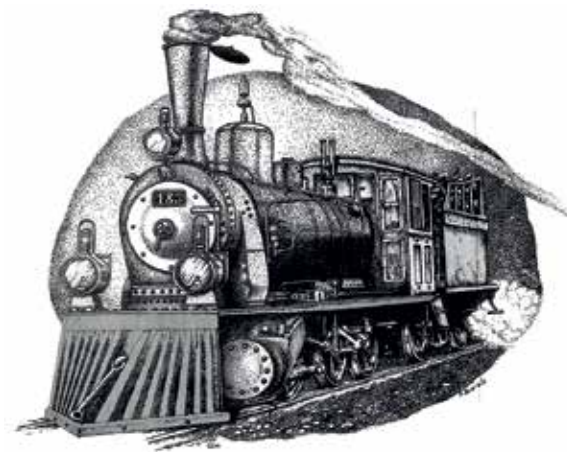
E foi nessas circunstâncias e, outra vez, em nome dos filhos que João Correa proferiu a frase que, de certo modo, o imortalizaria: *“A minha glória e a de meus filhos é a de termos vencido a subida da montanha, arrostado sacrifícios penosos e até a fome. A estrada ficará aí para exemplos dos que tiveram que repetir esta façanha. Nada mais queremos. Canela será a Petrópolis do Rio Grande do Sul e verão, os homens de amanhã, se fomos uns utopistas ou se revelamos ao Rio Grande um dos mais belos e futuros recantos de seu território”*, escreveria, num misto de alívio e desabado, logo após o acordo ser concluído.

De todo modo, um dos motivos que certamente o havia levado a aceitar o acordo de encampação,



feito por preço tão baixo, fora, mais do que as agruras financeiras ou o orgulho ferido, o comprometimento por parte do Estado de estender a linha férrea de Gramado até Canela, até porque a distância era de apenas sete quilômetros e o terreno já estava preparado para receber os trilhos e os dormentes. Mas a eclosão da chamada Revolução Libertadora de 1923, deflagrada contra Borges (no poder, quase ininterruptamente, por um quarto de século, desde 1898), fez com que as obras ficassem inteiramente paralisadas. Seria preciso, portanto, esperar mais três anos e contar com um novo empréstimo bancário e com o auxílio dos madeireiros da região para que, finalmente, em 1º de agosto de 1924, a locomotiva entrasse apitando pela primeira vez na estação Canela, construída justamente no

local em que originalmente estava a caneleira do antigo campo de descanso dos tropeiros. João Corrêa tinha conseguido.





Incansável até o fim

Mas engana-se quem pensa que ele descansou ao final da inauguração da estação ferroviária de Canela. Isso porque o descanso que interessava a ele era o dos outros, o daqueles que, graças ao trem, subiriam a serra para veraneiar, tratar da tuberculose, respirar novos ares. Já ele, incansável, não queria parar. Em 12 de outubro de 1924, assumiu a intendência de São Leopoldo e seguiu fazendo o que mais sabia e gostava: obras. Deu início a novas estradas de rodagem, implantou o serviço de tratamento de água e a respectiva hidráulica, próximo ao Rio dos Sinos, começou a construção do Hospital Centenário em São Leopoldo e alavancou a implantação da usina hidrelétrica da Toca.

Só que, apesar de tão envolvido com o vale lá embaixo, era quando subia a serra e chegava em Canela que ele se sentia em casa. Desde que a primeira residência havia ficado pronta, em 1913, a família Corrêa recebia muitos hóspedes, entre amigos e autoridades. Tantos eram os visitantes que, certo dia, a esposa, Dona Maria Luzia, disse que era preciso que fizessem um hotel. Ideia, aliás, que agradou a João Corrêa. E, assim, em 25 de dezembro de 1916, surgiu aquele que foi o embrião do Grande Hotel Canela – e que marca a chegada de seu centenário em 2016.

Felizmente, João Corrêa ainda viveu o suficiente para ver, em 1927, o hotel virar um empreendimento turístico de verdade, fundado oficialmente naquele ano sob a direção de Danton Corrêa, um de seus filhos, e no mesmo local que se encontra até hoje. Desde o início, o Grande Hotel se tornou um dos pontos preferidos dos



visitantes, fossem apenas turistas ou até mesmo grandes autoridades. Como o embaixador João Neves da Fontoura que, no ano de fundação do hotel, passou uma temporada de veraneio por lá e afirmou que tudo o que existia em Canela era fruto do empreendedorismo de João Corrêa.

Quem também provavelmente tenha frequentado o hotel é o já citado Renato Costa, a quem, aliás, se deve a mais nítida descrição física de João Corrêa: “Havia nesse homem de feições serenas, controlado por uma vontade férrea, uma agitação permanente de ideias. Conheci-o em pleno fastígio de sua assombrosa atividade. Era um simples. Sem arrogância nas suas atitudes. De uma bondade que contrastava com o poder de

sedução pessoal e a firme e invencível tenacidade de seu espírito. Alto, corpulento, como se a natureza lhe tivesse dotado de qualidades físicas excepcionais para vencer o ambiente árido em que ele viveu a maior porção da sua existência. Nesse corpo agigantado dominava uma fisionomia tranquila onde os olhos pequenos, luminosos davam a impressão de que estivessem perscrutando constantemente um mundo estranho. É que naquela maneira característica de apertar os olhos a ideia nascida na improvisação de um minuto, avultava, vencendo e impondo-se a todas as dificuldades. E o sonho, que escaldava na sua imaginação, assumia, então, formas reais, concretas...”, escreveu Costa em 1937, em artigo no *Correio do Povo* intitulado *Um desbravador dos sertões*.

Ao morrer, em 1928, poucos meses depois de Getúlio Vargas tomar posse como governador do Rio Grande do Sul e dois anos antes de deflagrar a revolução de 30, João Corrêa, de certa forma, permaneceu vivo. Seu espírito segue presente na cidade, seu busto ergue-se imponente na Praça Central, sua memória é exaltada sempre que se fala na história de Canela, desde sua fundação até sua vocação turística. Em 1932, quatro anos após sua morte, a viúva, Dona Maria Luiza, doou dois terrenos para a construção da igreja Nossa Senhora de Lourdes, conhecida hoje como Catedral de Pedra e atual símbolo da cidade. Também os terrenos da Igreja Luterana, um terreno para a Prefeitura, do Cemitério e do Colégio João Corrêa foram doados pela família.

E se o sonho de João Corrêa para a permanência do trem não perdurou, o desejo de que Canela se tornasse Petrópolis suplantou sua vontade.



Atualmente, enquanto a cidade serrana do Rio de Janeiro parece esquecida de seu passado imperial e se vê mergulhada no caos de um desenvolvimento urbano descontrolado, Canela permanece vibrante, recebendo milhões de turistas todos os anos, muitos deles hospedados no único hotel do Brasil que se mantém na mesma família há 100 anos: o Grande Hotel Canela, erguido quase no coração do Campestre.

É por tudo isso que João Corrêa é muito mais do que nome de praça, de escola, de rua ou de avenida. É bom lembrar disso ao percorrer o centro de Canela, ao lado do local em que ficava a árvore que deu nome à cidade e bem próximo de onde está parada, sem fôlego, a locomotiva que representa, em menor escala, a que Corrêa conseguiu levar montanha acima. E mais ainda ao hospedar-se no Grande Hotel, onde a memória do fundador da cidade é frequentemente celebrada através da exposição de fotos antigas e da presença constante de seus descendentes – netos, bisnetos e tataranetos.

Porque se João Corrêa, assim como Mauá, vislumbrou um Brasil que o Brasil ainda não foi capaz de concretizar, uma coisa ele certamente alcançou: conseguiu reunir muitos *brasís* em um mesmo lugar, no mágico Campestre Canella. Afinal, quando se ouvem os diferentes sotaques que ecoam pelos corredores do Grande Hotel – são paulistas, cariocas, mineiros, nordestinos e nortistas, sem mencionar os *hermanos* platinos, com seus típicos falares – é como se todos estivessem sem a dizer, mesmo que não saibam, que só estão lá graças aos caminhos abertos por João Corrêa há mais de um século. E que podem desfrutar ali, nem que seja por um final de semana, o sonho que ele teve há exatos cem anos...





Movimento de Terra

The image is a collage of historical documents and artifacts. On the left, there is a large, detailed table with columns for 'Nos. das Estacas', 'Superfície' (divided into 'Lado esquerdo', 'lado direito', and 'Total'), 'Comprimento dos prismas', and 'Cubo'. The table contains handwritten data, including measurements like '100 000', '195 000', '50 000', '800 000', '185 000', '1630 000', and '320.000'. To the left of the table is a small, circular portrait of a man with a beard. Below the table is a small, rectangular document with the text 'João Corrêa & Filhos'. To the right of the table is a large, rectangular document titled 'ESTRADA de FERRO de TAQUARA AO CANELLA' with a photograph of a steam locomotive and the name 'João Corrêa & Filhos'. Above this document is a smaller document titled 'CHEQUE' and another titled 'Recibo do Estação do Rio Grande do Sul'.



Excmo. Sr. Intendente Municipal
de Fagunza.

O Lheito assignado, concessionario da
construção da Estrada de Ferro que
ligará esta cidade ao lugar denominado
Cavella, vem, para os devidos fins,
apresentar a V. S. as plantas, perfis,
typos de obras d'arte e edificios a
construir na referida estrada de ac-
ordo com o respectivo contrato

Paix & fraternité

Assinado/João Correia F. da Silva.





Uma História,
Uma Família,
Um Grande Hotel



De Pai para Filhos

Aquela era uma casa de portas abertas, convidativa e pronta para receber quem dela quisesse se servir. Sobre a mesa de muitos lugares, havia sido colocada a melhor toalha de musselina, aquela que engomada com esmero, era como um tapete mágico que levaria todos os presentes a viajarem por muitos aromas e sabores. No centro, cercada de bandejas e talheres de prata, de pratos de porcelana e copos de cristal, um arranjo com hortênsias frescas colhidas horas antes por Dona Luiza.

Mas por mais que aquele Natal se parecesse com tantos outros, ele acabaria se revelando o mais especial de todos. Ele seria o primeiro de muitos a serem celebrados no hotel que a família oficializava naquele 25 de dezembro de 1916.

E mesmo que a descrição da cena natalina seja mero fruto da imaginação, mesmo que não se saiba exatamente se havia velas, musselinas ou porcelanas, uma coisa é certa: os Natais em família eram assim, os Corrêa estavam reunidos e, naquele 25 de dezembro, o jovem Danton, o sétimo filho de João e Luiza, ainda não sabia que seu nome ficaria gravado para sempre na história da hotelaria de Canela.

Danton logo completaria 22 anos. Havia nascido em 27 de fevereiro de 1895 na cidade de São Leopoldo, seis meses antes do final da Revolução Federalista que, iniciada em 1893, fez do Rio Grande do Sul o palco de uma guerra civil, cujo objetivo era “libertar” o estado das mãos do republicano Júlio de Castilhos e conquistar maior autonomia política para os gaúchos.

Um conflito armado no qual os chimangos, defensores do governo e que usavam lenços brancos, derrotariam os maragatos, federalistas de lenços vermelhos no pescoço.

Tal resultado da Revolução certamente agradou o pai de Danton, já que João Corrêa era membro



Paula Taitelbaum



do Partido Republicano Rio-grandense. O próprio rapaz tratava de se filiar ainda muito jovem ao PSD, Partido Social Democrático que era republicano. Aliás, não apenas na política, mas também no esporte, ele sempre se posicionou do lado oposto aos vermelhos. Em 23 de junho de 1912, enquanto a família começava a construir sua casa em Canela, Danton, então com 17 anos, ajudava o Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense a derrotar seu tradicional rival, ganhando o Grenal por 6X0 na Baixada, em Porto Alegre, e sagrando-se bicampeão invicto daquele ano. Jogava na defesa, ao lado da lendária e imbatível zaga hamburguesa, formada pela dupla Schubach e Mohrdieck e fez parte deste time vencedor até pelo menos 1914.

Em Porto Alegre, além de ter arquitetado jogadas no Grêmio, Danton frequentou a Escola de Engenharia da capital e conheceu aquela que seria sua primeira esposa, Maria Bento da Silva. O casal se uniria em núpcias em 1919 e os dois ficariam juntos até a morte dela, em 1930.

E foi com Maria Bento que Danton voltou para Canela em 1924, ano em que, graças aos grandes esforços de seu pai, o trem finalmente havia chegado ao antigo Campestre. Incentivado pelo Coronel – que com a ferrovia avistava cada vez mais turistas chegando –, Danton e a irmã mais velha, Josephina, criaram uma sociedade para administrar o hotel da família. Um hotel que, em 1924, já não era apenas “um quarto com duas camas para casal e filho” como o que dera início às atividades hoteleiras da família no Natal de 1916.

A ideia de Danton e de Josephina era aumentar ainda mais o estabelecimento que, desde que os

Corrêa haviam se mudado para uma residência na entrada de Canela, acomodava um maior número de hóspedes. Assim, em 1926, enquanto João Manoel Corrêa, irmão de Danton, ocupava o cargo de intendente de Taquara, teve início a construção de um novo prédio, de madeira, com uma infraestrutura mais completa e confortável. O nome escolhido demonstrava a grandiosidade do projeto: Grande Hotel.

Desde o dia em que o Grande Hotel Canela foi inaugurado, em 1927, Danton nunca mais

se desligaria dele. O que não quer dizer, no entanto, que, ao longo da vida, ele tenha se dedicado exclusivamente à administração de sua propriedade. Na verdade, Danton teve uma imensa e intensa atuação na política local e na sua comunidade.

Em 14 de março de 1926, ele foi um dos responsáveis pela Comissão de Instalação de Canela como 6º Distrito de Taquara. E, em 1930, foi nomeado suplente do subintendente do distrito que ajudara a criar.





Infelizmente, a vida de Danton também foi feita de perdas e, no mesmo ano de 1930, ele ficou viúvo de sua primeira esposa, Maria Bento, mãe de seus filhos Álvaro e Lecy. Dois anos depois, em julho de 1932, se casaria com Anita Franzen, aquela que se tornou seu braço direito (e também esquerdo) no Grande Hotel a partir de 1934, quando Danton adquiriu a parte da irmã na sociedade.

A participação de Anita, aliás, foi de extrema importância para a expansão do hotel já que Danton, além de cuidar da administração, multiplicava cada vez mais sua dedicação à Canela. No início da década de 30, por exemplo, paralelo à subintendência do distrito, ele assumiu também o cargo de subdelegado de polícia. Contam seus filhos que, nesta função, Danton implementou a realização de trabalhos dentro da cadeia para que, assim, além dos presos se tornarem mais produtivos, eles fizessem jus às refeições que recebiam.

Não é de se estranhar, portanto, que um periódico da região o tenha descrito como tendo um temperamento *“de todo irrequieto, se não dinâmico, de par com decidida boa vontade para o fiel desempenho dos encargos à sua guarda.”* Ou seja: se alguém tivesse qualquer problema, qualquer pedido, qualquer sugestão para Canela, Danton Corrêa certamente poderia ajudá-lo.

Apesar dos compromissos da vida pública serem muitos, ele jamais deixou de se dedicar à família que não parava de crescer. Em 1938, quando Canela foi elevada à condição de Vila – e somava 325 residências, 33 estabelecimentos de comércio, 4 fábricas e 12 hotéis e pensões – Danton e Anita ergueram uma casa anexa ao Grande Hotel para

que ali pudessem criar seus seis filhos: João Carlos, Darja Marilena, Mirna Aquiléia, Régis Danton, Luiz Fernando e José Agnelo.

E por falar em família, cabe aqui abrir um parêntese para dizer que Corrêa era o mais tradicional sobrenome de Canela, e isso não apenas graças a Danton e a seu pai. Todos os filhos de João Corrêa, de alguma forma, trataram de deixar seu nome gravado na história da cidade. Josephina, além de ter gerenciado o Grande Hotel durante anos, foi aquela que, seguindo o exemplo da mãe, fundou a primeira padaria da cidade. João Manoel não apenas ocupou o cargo de intendente de Taquara como foi aquele que ajudou o pai a solucionar vários problemas de construção da ferrovia (foi sua a ideia do “rabicho”). Carlos, quando era jovem, gerenciou o hotel da família com a mãe e depois esteve à

frente da pedreira do pai, além de ter sido intendente das cidades de Júlio de Castilhos e Montenegro e administrador de vários portos no Rio Grande do Sul. Aparício, engenheiro agrônomo, foi contador da empresa João Corrêa & Filhos, trabalhou na Secretaria de Agricultura do estado e atuou como Juiz de Paz em Canela. Agnelo teve participação em todos os empreendimentos do pai. E Luizinha, apesar de não ter tido participação direta na política, casou-se com o Dr. Vasconcellos Pinto que foi intendente de Cruz Alta e, com o marido, deu origem a uma nova linhagem de políticos: o filho, João Alfredo Corrêa Pinto, foi prefeito de Canela e o neto, José Vellinho Pinto, também ocuparia o mesmo cargo por dois mandatos.

Já Danton, entre tantos feitos políticos e sociais, teve participação direta na criação do





município de Canela. Em 1944, enquanto o mundo sentia a pesada sombra da Segunda Grande Guerra pairando sobre seus ombros, ele lutava pela emancipação do município – conquistada em 28 de dezembro daquele ano. Não por acaso, em 1947, nas primeiras eleições que ocorreram em Canela, Danton Corrêa foi eleito prefeito da cidade pela maioria: dos 1.947 eleitores, 1.064 deram seu voto de confiança a ele. Tomou posse em 1º de janeiro de 1948 e, entre suas primeiras realizações esteve a ampliação da Praça João Corrêa, o calçamento de diversas ruas e a abertura de estradas no interior de Canela. Em 1951, último ano de seu mandato, recebeu visitantes ilustres, entre eles o então embaixador norte-americano Herschel V Johnson.

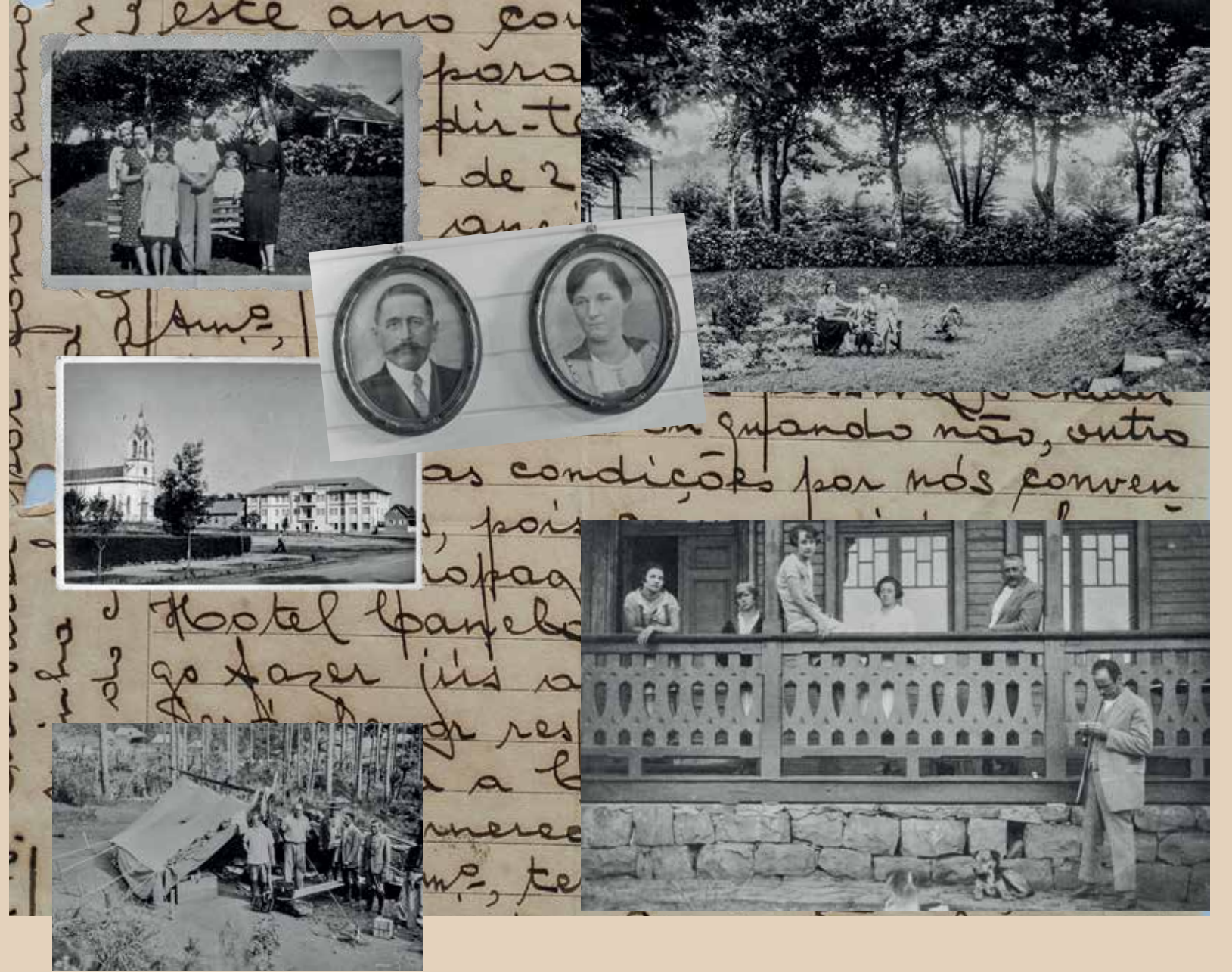
Ao terminar seu mandato como prefeito, Danton elegeu-se vereador com um expressivo número de votos. E, em 8 de novembro de 1958, foi novamente escolhido para ocupar a

cadeira principal da Prefeitura. Realizou ainda mais obras, inaugurou escolas e igrejas, ajudou a cidade a crescer e a se promover.

Enquanto isso, João Carlos, seu primogênito com Anita, foi assumindo as tarefas do hotel e, depois dos pais, acabaria sendo o principal administrador (junto com a esposa Helena) do Grande Hotel, realizando ampliações e modernizações. Ao se aposentar, seus irmãos, Régis Danton, Luiz Fernando e José Agnelo (apoiados por suas respectivas esposas Maria Luiza, Erna e Camila) assumiram a diretoria e atualmente preparam a sucessão para as novas gerações.

Mas voltando novamente ao passado, apesar de Danton estar envolvido com tantas obras e inaugurações, com tantos projetos e realizações, era quando estava no Grande Hotel, junto da mulher Anita, que ele sentia que tinha cumprido sua missão: a de criar um lugar sem igual que bem poderia ser (e era) o cenário de um romance repleto de amor.







Danton e Anita, uma História de Amor

A vida não dá ponto sem nó, mas isso Danton Corrêa não imaginava no dia em que conheceu a jovem Maria Bento em Porto Alegre.

Danton era um homem garboso, com jeitos de galã de cinema, e as moças suspiravam por ele. Com Maria, a coisa não fora diferente: ela caíra de amores pelo moço bonito que viera da serra para estudar na Capital. Estavam de namorico, quando João Corrêa, pai de Danton, chamou-o: ele precisava voltar para ajudar a família na construção da corajosa ferrovia Taquara-Canela. Danton casou com Maria Bento, e lá se foram os dois.

Depois de alguns anos, a ferrovia finalmente foi terminada. Danton e sua irmã, Finoca, passaram então a cuidar do hotel dos Corrêa, o *Grande Hotel Canela*. Danton e Maria tiveram dois filhos, Álvaro e Lecy. E, então, Maria Bento morreu de repente.

Danton tinha 35 anos quando ficou viúvo.

Corria o ano de 1930.

Danton aceitou aquela desdita com coragem, como aceitava tudo nesta vida. Tinha ficado sozinho, com dois filhos pequenos para criar. Mas dona Luíza Corrêa, a mãe de Danton, não era mulher de deixar as coisas por menos. Se a vida dera uma rasteira no filho, ela o ajudaria a reerguer-se. Ao ver Danton viúvo, dona Luíza logo teve uma ideia: havia um lugar onde ele poderia encontrar remédio para a sua desventura. E tal medicina estava bem perto, no verdejante Caracol, na casa do velho amigo dos Corrêa,

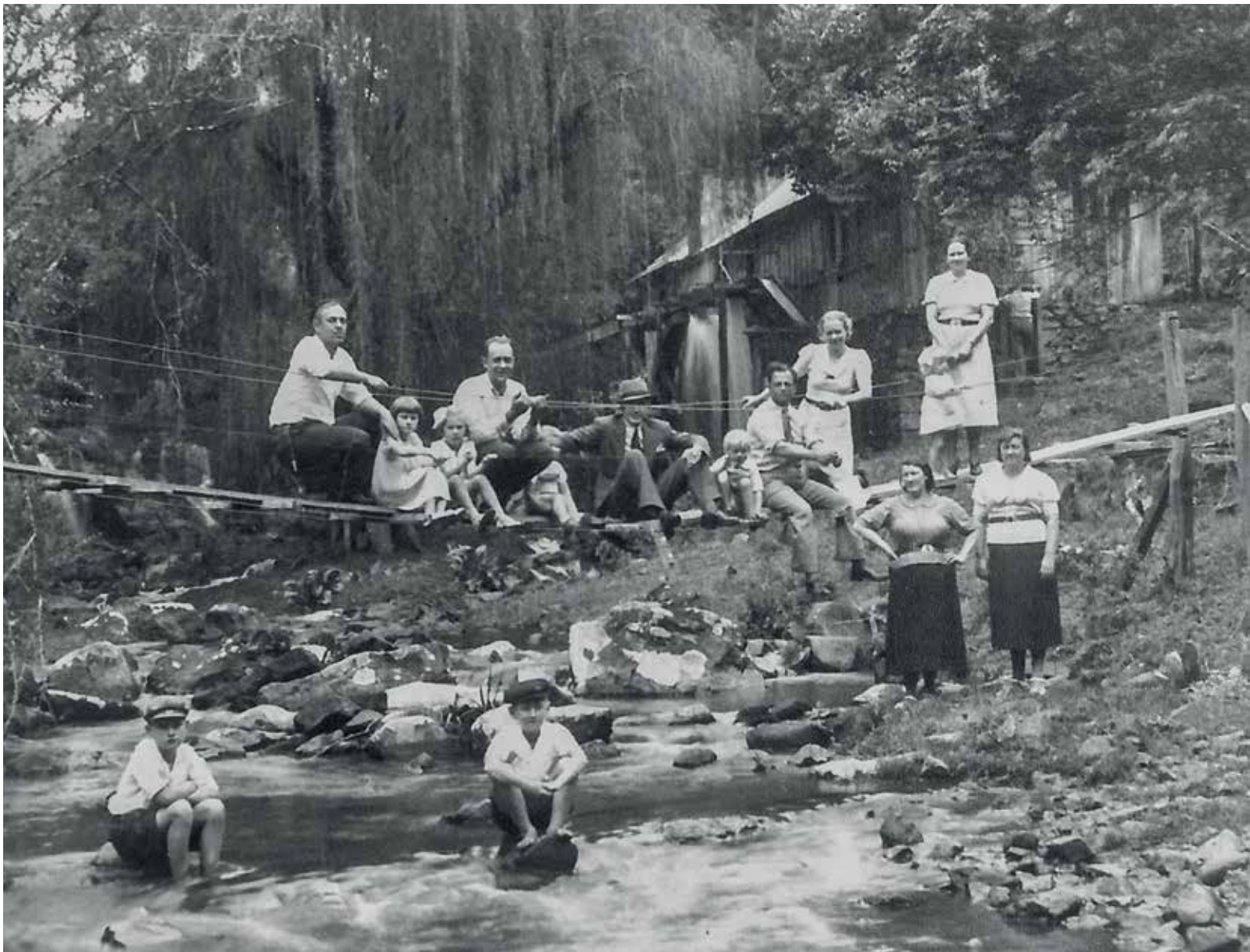


Pedro Carlos Franzen. Pois se João Corrêa não dissesse sempre que as filhas dos Franzen dariam excelentes esposas?

O fato é que a família Franzen tinha quatro belas filhas que viviam numa casa construída com esmero, conhecida na região como *O Castelinho*. O lar dos Franzen era um lugar musical, cada uma das quatro garotas tocava um instrumento: Irene tocava a cítara, Anita, o violino, Cora, o violão, e Ivone, o piano. Faziam-se saraus muito concorridos pelos moços casadoiros das redondezas, e foi lá que Luíza Corrêa aconselhou Danton a ir, de forma a sanar a sua tristeza.

Foi um tiro certo.

Leticia Wierzchowski



Danton tomou gosto pelas visitas ao Castelinho, e as irmãs Franzen regalavam-se nas visitas daquele homem garboso, com ares misteriosos. Mas, das quatro, era Anita a que ansiava. Quando Danton chegava no Castelinho, o mundo se acendia para ela. Um grande amor começava ali, entre pinheiros e acordes musicais.

Dona Luíza não se enganara: Danton caíra de amores pela jovem loira, inteligente e divertida, a segunda filha de Pedro Carlos Franzen. Como era um homem decidido, logo declarou-se à Anita.

Muitos saraus se passaram, até que, em 1932, Anita e Danton se uniram em matrimônio. Luíza Corrêa suspirou aliviada: costurava-se no altar, sob os auspícios celestes, o antigo elo entre aquelas duas famílias, tão importantes para o progresso da região, tão unidas no sonho de ver a prosperidade de Canela.

Aquele casamento também seria a alma do Grande Hotel Canela... Aqui, me adianto um pouquinho, mas as coisas se precipitaram após a noite em que Anita colocou no dedo a sua aliança de ouro. Ambos tinham pressa de viver, como se soubessem que o destino esperava deles muitos sonhos e trabalhos.

Algum tempo depois, após uma gestação malograda, Anita teve nos braços o seu primeiro menino, João Carlos. Seria o único dos filhos do casal a nascer no Castelinho dos Franzen, sob os auspícios das irmãs de Anita.

Em 1934, Finoca mudou-se para Porto Alegre, e Danton assumiu o controle do Grande Hotel Canela. Antes de comprar a parte da irmã, Danton achegou-se à sua adorada Anita, com

aquele jeito de falar que ele tinha, e perguntou à esposa:

– Você teria coragem de cuidar do hotel comigo, Anita?

Anita nunca diria um não ao marido, e respondeu:

– Onde você for, eu vou.



Poucas semanas mais tarde, eles mudaram-se para o hotel.

Parada em frente ao prédio principal, ainda de madeira, e de mão com o seu menino pequeno, Anita jamais poderia imaginar que aquela seria a sua casa pelo resto da sua mui longa vida, e que durante os próximos 65 anos, ela seria a alegria e o esteio daquele lugar. Junto com seu enorme amor por Danton, nascia também em Anita Franzen a paixão pelo Grande Hotel.

Instalados na nova casa, passaram a cuidar das lides do lugar. Danton surpreendeu-se com a capacidade de trabalho da sua jovem esposa. Ela tinha estudado no famoso colégio *Evangelisches Stiff*, mas os seus conhecimentos sobre o hotel e sua administração eram inatos. Nada escapava ao crivo de Anita, desde os lautos cardápios até o preparo da goma para as toalhas de mesa, ela tinha tino de tudo, pensando, organizando e inventado delicadas novidades para os hóspedes.

Como se fossem várias, e não apenas uma – tão bonita, quase diáfana – Anita obraava em todas as tarefas: escolhia a porcelana inglesa, os vinhos, que chegavam de Portugal e da França para a temporada de verão, organizava jantares, cosia lençóis, tratava com fornecedores e fervia o sabão de lavar roupa nas grandes tinas fumegantes que ficavam nos fundos do hotel. Tinha nascido exatamente para aquilo, sem sabê-lo.

Talvez João Corrêa, nas muitas antigas visitas a cavalo ao Castelinho dos Franzen, tivesse farejado na menina ao violino os dons necessários para fazer vingar o hotel da sua família, e depois sussurrado este seu pressentimento à esposa, Luíza. O fato é que Anita rapidamente tornou-se a alma do lugar, acertando-se com a rotina do hotel como uma mão com a sua luva, e o casamento do garboso Danton com a jovem filha loira dos Franzen anunciou-se efetivamente como um duradouro sucesso.

Saibam vocês que Danton era um homem ciumento da sua bela mulher. Mesmo com uma vida pública cada vez mais dinâmica – em 1930 já tinha sido subintendente do 6º Distrito de Taquara – ele acompanhava a esposa em todos os negócios do hotel, e estava sempre por perto,



flanando ao seu redor. Danton seguia suspirando de amores por Anita, como suspirara naqueles saraus do Castelinho, quando voltava para casa errando os caminhos, baratinado de amor pelas trilhas da serra.

Não demorou muito para que Anita descobrisse que estava grávida outra vez. Embora seu ventre crescesse a olhos vistos, Anita seguia incansável nas tarefas do hotel. Algum tempo depois, sob a lide de Frau Feltz, a parteira, Anita deu à luz. Marilena e Aquiléa não eram uma – mas duas! Tão iguaizinhas que pareciam a cópia uma da outra. Pequeninas, loiras e delicadas como a mãe, as meninas eram como um prêmio duplo por aquele amor que, embora tardio, nascera ardente e eterno.

Danton apaixonou-se pelas filhas, e Anita resolveu que elas teriam nome composto, porque haveriam de multiplicar tudo nesta vida: chamou-as de Darja Marilena e Myrna Aquiléa, o nome de uma das suas flores preferidas.

A chegada das gêmeas foi um novo sopro de vida para a família. Álvaro e Lecy, que moravam no hotel junto com o pai e a madrastra, e o pequeno João Carlos ficaram fascinados por aquelas duas menininhas que, de tão iguais, pareciam uma brincadeira de Deus.

À medida que as gêmeas cresciam, correndo pelos caminhos e salões do hotel, aprenderam a confundir funcionários e hóspedes com a sua semelhança, uma sempre parecendo a outra. E nunca se sabia se era Marilena ou Aquiléa quem estava tomando a fresca na varanda, ou qual das duas andava pela cozinha arrumando os guardanapos do jantar, ou ajudando Anita na faina de costurar novas roupas de cama para os quartos.



E, em 1949, chegou José Agnelo.

As crianças nasciam no hotel, e no hotel aprendiam as lides da vida. Desde cedo, cada um deles executava a sua parte nas tarefas cotidianas do lugar. Aprenderam a fazer a manteiga, a arrumar as mesas e a dispor os cálices e talheres. Ajudavam a carnear os animais, separavam a gordura e o sebo que sobrava para usar no preparo do sabão para a lavagem da roupa. As gêmeas eram responsáveis pelas sobremesas. Lecy tinha a tarefa de coordenar todos os sete irmãos, sob os auspícios da incansável Anita.

Era uma festa para as crianças seguir de carreta até a estação ferroviária, esperando a chegada do gelo, que vinha de trem – dando à Canela uns ares de Macondo, e aos Corrêa, uns modos de Buendía nas suas vidas cheias de maravilhosas aventuras cotidianas. Eram todos felizes naquele hotel encarapitado no alto da serra, e tanto amor tornava o lugar um dos destinos preferidos das famílias que vinham de longe em busca de temperaturas amenas durante a estação de veraneio.



Não havia nada difícil para Anita ou seus filhos, e Danton estava sempre à frente de tudo, construindo, de maneira quase mágica, duas vidas: uma no hotel, com a família e os hóspedes; e outra pública, em sucessivos cargos à frente do município de Canela: ele foi subintendente, vereador, subprefeito e duas vezes prefeito da cidade que amou com toda a sua alma. Durante suas gestões, Danton Corrêa nunca aceitou receber salário: Anita dizia ao marido que ele fora escolhido para doar à cidade os seus préstimos, sem receber nada em troca.

Embora estivesse ocupado abrindo estradas e construindo escolas no município, Danton Corrêa não faltava à cabeceira da mesa em cada uma das refeições familiares. Os filhos eram alegres e obedientes, vivendo num espaço tão fantástico que aquelas infâncias, entre dezenas de quartos, uma cozinha do tamanho de um salão de baile, caixas de frutas e guloseimas, porcelana inglesa e trabalho coletivo, permaneceriam para sempre intocadas nas suas memórias, repetindo-se nas gerações que o amor haveria de engendrar mais adiante.

É preciso dizer que os invernos, no tempo desta história, encontravam o Grande Hotel Canela de portas fechadas. A inclemência do frio serrano espantava os hóspedes numa época em que a calefação era ainda um sonho, quando era preciso aquecer os edredons de pena de ganso à beira do fogo para que as crianças conseguissem dormir a noite toda.

No auge do frio, Danton saía para suas caçadas anuais com os amigos. Quando os filhos homens cresceram, soliam acompanhá-lo nessas aventuras, enquanto as meninas ficavam fazendo

companhia à Anita, ou desciam para Porto Alegre para fazer compras. Os homens seguiam para Cambará ou São Francisco de Paula. Primeiro, iam a cavalo; depois, com os progressos e com a passagem do tempo, de carro. E voltavam dessas viagens carregados com perdizes, capivaras e tatus.

Era um descanso merecido para os verões que viriam, com o hotel alvoroçado pelas famílias que chegavam por um mês ou dois. Pelos parques e salas do hotel, não faltavam amigos ou namorados para os filhos de Anita e de Danton, e as festas do lugar ficaram famosas e até hoje são lembradas com sorrisos pelos hóspedes daquele tempo.

Houve uma em especial...

Era Carnaval, e o salão do hotel estava cheio de convivas animados. No centro de tudo, como sempre, lá estava Anita, fantasiada e cercada de gente. Danton circulava por todos os lados, mas não tirava os olhos da mulher. Foi quando viu um homem que, de longe, espichava o olhar para Anita. Danton esperou alguns minutos, mas o bailarino seguia vigiando a sua mulher, embevecido de amores. O velho ciúme tomou Danton Corrêa de assalto, e ele atravessou o salão feito um raio, agarrando o homem pela camisa. Diante dos olhos de todos, Danton Corrêa jogou o apaixonado pela janela, e ele foi desabar entre os canteiros floridos, expulso para sempre dos salões do Grande Hotel Canela.

Pois é, era um amor como poucos, o amor daqueles dois...

O tempo passou, os filhos cresceram. As gêmeas casaram com noivos cariocas: Danton Corrêa

entrou orgulhosamente na igreja com uma filha de cada lado, ambas iguais em beleza e felicidade, numa cena que permaneceu na memória de todos que a viveram. Depois deste duplo casório, Darja e Myrna foram morar no Rio de Janeiro com seus esposos, voltando ao hotel nas temporadas de verão. José Agnello conheceu Camila, sua esposa, nos salões do hotel. Amores multiplicavam-se sob os olhares afetuosos de Anita, enquanto Danton assumia a prefeitura de Canela ainda mais uma vez.





Começaram a nascer outros filhos, os netos de Danton e Anita. Nasceram Maria Tereza, Carla Regina, Rose Helena, João Francisco, Marta, Claudia, Álvaro, Carlos Augusto, João Henrique, Daniel, Adriana, Maria Valéria, Luiz Eduardo, Adolpho, Claudio, Cybele, Danton, Lísia, Priscila, Martina, Mariana, Paula, Luíza, Eduardo.

No meio de tantas chegadas, uma partida: Danton Corrêa morreu aos 70 anos, de infarto. Era o ano de 1965. Danton ainda era um homem forte e muito ativo, deixando Anita inconsolável com aquele adeus sem avisos.

Mas Anita Franzen tinha têmpera e seguiu em frente, cortejada pelos filhos e adorada pelos netos, uma rainha no seu hotel. As netas vinham todas as noites, fazendo rodízio para dormir com a avó Anita, e as saudades que ela sentia do esposo foram atenuadas pelo carinho daquelas novas infâncias que se multiplicavam pelos corredores, tornando a vida como outrora, quando seus filhos pequenos ajudavam-na nas lides cotidianas, e a família labutava junta pela prosperidade do lugar.

Os netos aprenderam a ajudar nas festas, e aprenderam também a amar o Grande Hotel Canela – a casa de todos eles.

E o tempo foi passando...

Inclemente, incansável, espalhando benesses e desditas, fazendo florir as hortênsias e semeando a geada dos invernos.

O infarto que levou embora João Carlos – herdeiro da morte de Danton – abalou Anita definitivamente. João e Helena, sua esposa, cuidaram do hotel ao seu lado durante 35 anos, e ela sentiu-se muito sozinha depois desta perda.

No dia do enterro, amparada pelos outros cinco rebentos, ela disse, num suspiro:

– Enterrar um filho é o preço que se paga por viver muito.

Anita morreu bem velhinha, cercada de numerosa descendência, no hotel que tanto adorava. Deitada em sua cama, na hora derradeira, Anita Franzen ainda tinha nos ouvidos a voz macia de Danton, sussurrando-lhe décadas atrás:

Você teria coragem de cuidar do hotel comigo, Anita?

E ainda sabia de cor a sua resposta, dita no fogo do amor que sentia pelo esposo tão bonito:

Onde você for, eu vou.

E ela foi.

Tudo nesta vida são histórias. Uma cidade é uma história, um hotel é uma história, e uma família, com suas gavinhas que se espalham e se ramificam pelo espaço e pelo tempo, também é uma história.

Danton e Anita deixaram uma larga descendência, que os anos só irão aumentar, espalhando pelo mundo a semente que eles plantaram no alto da serra. Ao terminar este pequeno conto, os bisnetos do casal já somam o número de 39 almas, mas outras vêm a caminho.



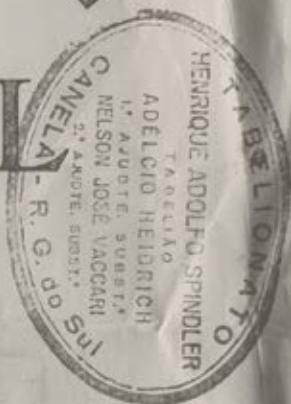
Talão n.

Pag.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



REGISTRO CIVIL



Estado de Rio Grande do Sul
Município de Itaquara
Districto de Canela

CASAMENTO (N. 20)

Carlos F Spindler Oficial
Escrivão Districtal

Reconheço a firma in-
fra de Carlos F. Spin-
dler, do que dou fé. ==
EM TEST. DA VERDADE
Canela, 19 de maio de
1.965. O Ajudante Sub-
stituto do tabelião:

Certifico que a fl. 151 do livro n. 100 de registro de casamentos foi registrado
hoje o assento do matrimonio de Danton Correa da Silva e Augusta
Franzen contraído perante o juiz Archimino Alves da Silveira
e as testemunhas João Manoel Correa Bráulio Bopp
Elle, nascido em São Leopoldo aos 27 de fevereiro de 1895, profissão funcio

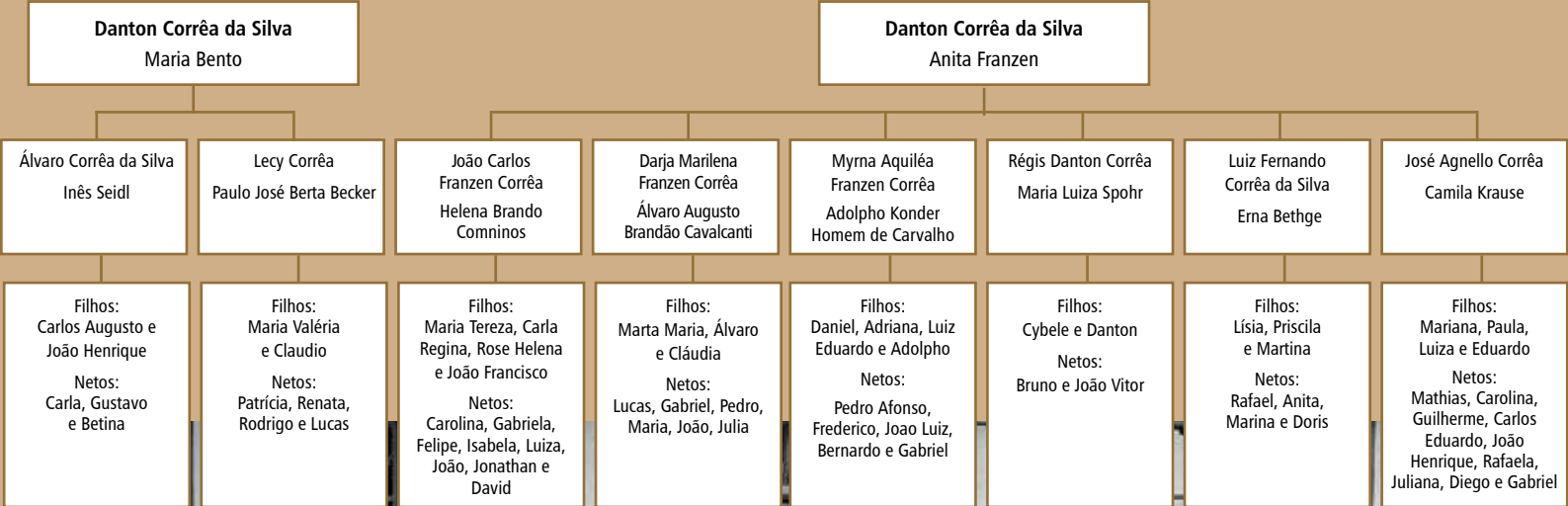




Genealogia



João Corrêa Ferreira da Silva
Maria Luiza Frederica Burmeister Corrêa



Linha do Tempo

Com base em fatos históricos e dados do acervo da Família Corrêa, esta linha do tempo dos acontecimentos da região, do estado e do país pode colaborar no entendimento dos fatos e feitos de épocas passadas. Narrativas orais e lembranças contadas através das gerações, contextualizam os acontecimentos que influenciavam o desenvolvimento da Serra Gaúcha.

1822
Proclamação da Independência.

1824
Início da vinda de imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul.

1863
Nasce, a 16 de fevereiro, João Corrêa Ferreira da Silva, em Santa Maria da Boca do Monte, filho do Alferes Manoel Corrêa Ferreira da Silva e de Luiza Juliana Sunnet. Em 16 de setembro do mesmo ano, nasce Luiza Frederica Burmeister, que mais tarde viria a ser esposa de João.

1864
Época do início da Guerra do Paraguai.
A região serrana do Rio Grande do Sul é ainda inóspita e praticamente deserta, com vastos campos abertos, onde tropeiros param para descanso. Algumas propriedades já se organizam, como a Fazenda do Faxinal, que pertencia a Felisberto Soares de Oliveira.

1866
Morre na Guerra do Paraguai o Alferes Manoel Corrêa Ferreira da Silva, pai de João Corrêa.

1875
Início da vinda de imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul.

1881
Casamento de João Correa com Luiza Burmeister, ambos com 18 anos. Viriam a ter oito filhos.

1882
João Corrêa, aos 19 anos, conhece o Campestre Canella, região que na época pertencia a Joaquim Gabriel de Souza. Encanta-se pelo lugar, sonha em comprar estas terras e lá fazer chegar um trem.

1888
Abolição da Escravatura no Brasil.

1889
Proclamação da República.

1894
João Corrêa e o irmão, Agnelo Corrêa, diretor do Banco da Província de Porto Alegre, fundam a firma Irmãos Corrêa. Para dar sequência a sua obra progressista, João Corrêa muda-se para São Leopoldo.

1895
Início da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, que viria a prolongar-se até 1895. Violentos combates sacodem o estado.
Nasce em São Leopoldo, a 27 de fevereiro, Danton Corrêa da Silva, sétimo filho de João Corrêa.

1898
João Corrêa vence concorrência e contrata a reconstrução das estradas de Montenegro a Nova Prata, e de Caí a Caxias do Sul.

1899
Aberta concorrência pelo governo do Estado para construção de uma estrada de ferro para ligar Novo Hamburgo a Taquara e Canela. João Corrêa, seu irmão Agnelo Corrêa e Augusto Carlos Legendre assumem a empreitada.

1900
O Governo do RS contrata a construção de estrada para ligar Caxias do Sul a Vacaria, e de ponte metálica do Passo do Cofre, sobre o Rio das Antas.

1902
Começa a construção da estrada de ferro que ligará Novo Hamburgo a Taquara e Canela.

1903
Inauguração, em 17 de agosto, do trecho ferroviário entre Novo Hamburgo e Taquara.

João Corrêa e seu irmão Agnelo sobem a serra decididos a comprar “o Canella”, mas compram apenas terras no entorno, pertencentes a Felisberto Soares de Oliveira.

Inauguração da estrada de rodagem até Canela.

Inauguração das obras da Estrada de Ferro que ligará Taquara a Canela.

1904
A empresa de João Corrêa, atuante na construção ou reconstrução das estradas de rodagem, tem, segundo relatório de Obras Públicas do Estado, “600 empregados”. É contratada pelo Estado para abrir as estradas de rodagem em Linha Bonita, Campo do Canela em Cima da Serra, e a de Sapiranga ao Herval, a fim de facilitar o escoamento dos produtos agrícolas através da via férrea que ligava Taquara a Novo Hamburgo.

1905
Nasce Anita Franzen, em 17 de outubro. Registrada como Augusta Sommer Franzen, em São João do Monte Negro, viria a ser a segunda esposa de Danton Corrêa.

1908
Em 06 de maio, João Corrêa compra as terras de Canela de Ignácio Saturnino de Moraes.

1910
João Corrêa vence concorrência pública do Ministério de Viação para construção dos ramais ferroviários de Dilermando de Aguiar a São Pedro do Sul e de São Borjá a São Luiz Gonzaga.

1911
João Corrêa Ferreira da Silva constrói um ramal ferroviário de São Leopoldo até Fazenda São Borjá. Construirá a seguir linhas de bonde ligando São Leopoldo – Novo Hamburgo – Hamburgo Velho.

1913
Canela recebe sua primeira escola, transferida do Saiqui.
João Corrêa constrói sua casa nos limites do Campo de Canella.

1914
Inauguração do trecho da estrada de ferro de vinte quilômetros entre Taquara e Sander, que vem a facilitar a chegada dos veranistas ao hotel e pensões existentes no entorno do Caracol.

Pedro Carlos Franzen dá início à construção da residência familiar: o Castelinho do Caracol, que até os dias de hoje pertence a seus descendentes.

1916
Em 25 de dezembro, João Corrêa e sua mulher Luiza declaram iniciadas as atividades hoteleiras em sua casa, dando origem ao Grande Hotel Canela que funciona até os dias de hoje nas mãos da mesma família.

1919
Danton Corrêa casa-se com Maria Bento.
São concluídos mais vinte e um quilômetros de estrada de ferro, que chega a Várzea Grande, pertencente a Gramado.

Inicia atividades no centro de Canela o hotel de Henrique Feltes, para acomodar negociantes e viajantes. Funcionaria até o final dos anos 30.

1921
Em 9 de abril, o Presidente da Província, Borges de Medeiros, encampa o trecho da Estrada de Ferro Taquara-Gramado com mais 10 quilômetros concluídos.

1923
Início da Revolução de 23, revolta armada liderada por Assis Brasil para derrubar Borges de Medeiros, dividindo o Rio Grande entre maragatos e chimangos.

1924
O Presidente da Província, Borges de Medeiros, encampa o trecho da estrada de ferro concluído até Canela, pagando a João Corrêa muito menos do que ele havia gasto.
João Corrêa é eleito Intendente Municipal em São Leopoldo, confirmando sua posição como líder do Partido Republicano e empreendedor benquisto na comunidade.
Vinda de famílias de outros municípios para Canela, comprando lotes para viver e para veranear.
Em 1ºde agosto, o trem, perfazendo uma distância de 58 quilômetros, chega ao Campestre Canella e, no dia 13, a Estação Ferroviária de Canela é inaugurada. João Carlos viria a ser administrador do Grande Hotel por muitos anos.

1926
Em 2 de março, o Campestre Canella é elevado à condição de distrito de Taquara, pelo ato municipal nº 309. Ocupa o cargo de intendente de Taquara João Manoel Corrêa, filho do Coronel João Corrêa.
Em 14 de março, é realizada a sessão inaugural do 6º distrito de Taquara, com sede no Grande Hotel Canela. Este documento encontra-se reproduzido no Museu do Grande Hotel Canela.

1927
Danton Corrêa inaugura o prédio central do Grande Hotel Canela, todo construído em madeira da região.

1928
Em 16 de março, falecimento do Coronel João Corrêa Ferreira da Silva, em São Leopoldo, no exercício da função de Intendente Municipal.

1930
Falece Maria Bento, esposa de Danton Corrêa.
Danton Corrêa é nomeado subintendente do 6º Distrito do Município de Taquara, com sede em Canela. É inaugurada a Usina da Toca, com presença de Getúlio Vargas.

1931
Danton Corrêa é nomeado subdelegado do 6º Distrito de Taquara.

1932
Em 30 de Julho, casamento de Danton com Anita Franzen, com quem teve 6 filhos, a maioria nascidos no Grande Hotel.

1933
A praça central de Canela recebe uma estátua em homenagem ao fundador da cidade e passa a chamar-se Praça João Corrêa.

1934
Danton Corrêa compra a parte da irmã Josephina no Grande Hotel Canela.

1938
Canela é elevada à condição de Vila.
Em 16 de janeiro, inauguração da Igreja Nossa Senhora de Lourdes – a Catedral de Pedra de Canela – em terreno doado por Dona Luiza Burmeister Corrêa.
A família de Danton e Anita passa a residir em casa construída para a família, anexa ao Hotel.

1939
Instalação em Canela da primeira fábrica de celulose ao sulfito da América Latina, com uma usina termoeétrica que ajudava a fornecer parte da eletricidade para o resto da cidade.

1944
Em 28 de dezembro, emancipação do município de Canela pelo Decreto de Lei Estadual nº 717.

1945
Em 1º de janeiro, acontece a instalação do Município de Canela.
Em 7 de janeiro, inauguração da Igreja Evangélica de Canela, construída em terreno doado por Dona Luiza Burmeister Corrêa.

1946
Morre Maria Luiza Burmeister, viúva de João Corrêa.

1947
Danton Corrêa torna-se o primeiro prefeito eleito de Canela.

1948
Danton Corrêa da Silva assume a Prefeitura de Canela, num mandato até 1951.

1951
Danton Corrêa elege-se vereador em Canela.
Realiza-se em Canela uma Grande Festa Hípica prestigiada pelo Governador do Estado, General Ernesto Dornelles.

1960
Danton Corrêa é eleito Prefeito de Canela para novo mandato, de 1960 a 1963.

1962
Danton Corrêa recebe em Canela o governador Leonel Brizola para inaugurar uma vila, a Fábrica de Acordeões Soneli.

1963
O trem até Canela deixa de funcionar.

1965
Em 15 de março falece Danton Corrêa.
Anita Franzen Corrêa segue na administração do Grande Hotel Canela ao lado do filho João Carlos Franzen Corrêa.

1977
Anita Franzen Corrêa é homenageada como decana da hotelaria no Rio Grande do Sul.

1986
Abre em Canela a Escola Superior de Hotelaria da Universidade de Caxias do Sul.

1991
Assume a administração do Grande Hotel Canela conselho formado pelos irmãos Régis Danton Corrêa, Luiz Fernando Corrêa e José Agnelo Corrêa.

1996
Anita Franzen Corrêa é homenageada como Personalidade de Destaque no Turismo do Rio Grande do Sul.

1998
Morre em Canela Anita Franzen Corrêa.

2016
O Grande Hotel Canela completa 100 Anos.



Uma História,
Uma Família,
Um Grande Hotel



O Grande Hotel tem uma História para Contar

Agora que cheguei à avançada idade de 100 anos, tenho muita história para contar. Faz um século que estou neste lugar. Antes aqui existiam campos, pastagens e mata nativa abundante. Uma frondosa caneleira deu ao povoado o nome de Campestre Canella. Sua sombra acolhia amistosamente os que por aqui passavam com tropas de gado indo e vindo dos Campos de Cima da Serra. Talvez minha vocação para receber viajantes tenha nascido com a energia que ficou espalhada por aqui.

Essa vocação começou a pulsar quando João Corrêa construiu exatamente aqui, quase à minha sombra, uma residência para sua família. A casa estava sempre cheia de visitantes, pois João era tão entusiasmado com a região que queria mostrar aos seus muitos amigos as belezas naturais e os encantos do seu “campestre”. Trazia autoridades, homens de negócios, familiares e muitas vezes amigos com problemas de saúde na busca do clima saudável do local. Todos eram convidados a se hospedar na casa dos Corrêa.

Dona Luiza, a esposa de João Corrêa, que recebia a todos, sugeriu que o melhor seria abrir um hotel. A ideia foi acatada e assim, a partir de dezembro de 1916, comecei a funcionar e me transformei no mais popular dos hotéis de veraneio da cidade. Com isso, a família mudou-se para uma casa na entrada da cidade e as construções feitas por João foram transformadas em chalés exclusivos para os visitantes.

Aqui nasci e sempre estive enquanto as pessoas passaram. Minhas paredes repletas de música, murmúrios, vozes, sonhos, risos e prantos guardam em cada fibra da madeira os registros das histórias das pessoas, dos tempos e dos feitos que testemunhei. Fui nascedouro e berçário de muitos filhos e também veleí nosso patriarca João Corrêa, Danton e outros familiares, acolhendo a homenagem dos que os amaram.



Liliana Reid

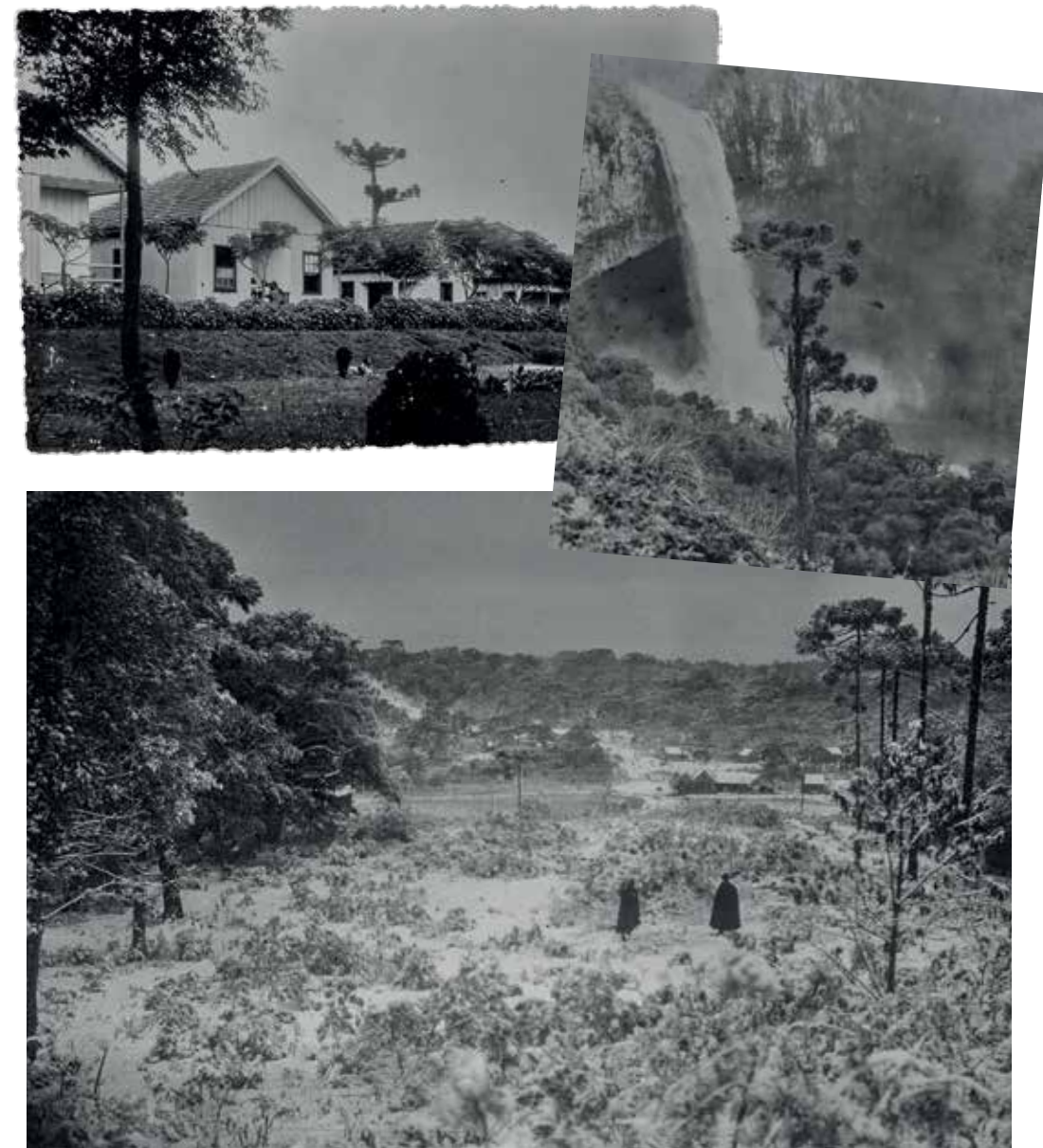


Com a chegada do trem em 1924, aumentou muito o número de turistas, curiosos para conhecer a nova estação de veraneio. Foi então que a filha mais velha e o filho mais moço do João Corrêa criaram uma sociedade para administrar e promover a vinda de mais veranistas. Assim, em 1927, Danton inaugurou o prédio central de madeira, aumentando a minha capacidade para receber os hóspedes e, na inauguração, ganhei este lindo e grandioso nome: Grande Hotel Canela.

Em 1934 a sociedade de Danton com sua irmã Josephina foi dissolvida. Foi nesse ano que ele perguntou a Dona Anita se ela aceitaria o desafio de ser hoteleira. Ela aceitou e durante 65 anos, foi a incansável anfitriã, a matriarca que deixou a marca de sua personalidade e de seu sorriso doce, tendo sido destaque do turismo e hotelaria do Rio Grande do Sul.

Com tanta modernidade nos dias de hoje, fica difícil de imaginar, mas não era nada fácil ser hoteleiro na época em que a eletricidade mal começava, a cidade era toda com ruas de terra, sem automóveis nem supermercados, sem computadores e muito menos internet, mas Danton e Anita administravam tudo com esmero.

Nas próximas páginas, estão contadas muitas memórias, encontradas entre os papéis cuidadosamente guardados e preservados pela família Corrêa em respeito e homenagem aos tempos que se foram, mas ainda permanecem vivos nas lembranças desta minha construção que, apesar de antiga, se renova e moderniza a cada dia para continuar abrigando com conforto os viajantes que chegam. Da mesma forma que fazia aquela antiga caneleira que deu nome à cidade.



Caiseira		Deve	Haver
4 Transport		31.200	1917
Aut barneiro pag		163.600	Jan 20 Ernani Fle
		194.800	" " " "
5 para leite		100	" 22 Ernani re
" Pellos		200	Fevereiro 1 Ernani re
" Pellos		200	" 6 Ernani
400 Fick 1 m big. em Tifhas		400	
10 d Phosphor		200	
Coronel R. Amorim pag		131.300	
Ma Lior barneiro pag		195.550	
1 Hollandeza		600	
Therminista Transporta Valor		37.900	
Antes Consistia			

O Papel da Memória

Bastou a decisão de abrir o hotel ser tomada para que tudo passasse a ser controlado no grande livro da fábrica de publicações comerciais Selbach, iniciado em 8 de janeiro de 1917, o documento mais antigo encontrado entre os pertences do Grande Hotel Canela.

- A partir dessa data nada passava sem ser anotado:
- Um quarto para casal e um filho;
 - Chalet nº6 – 1 banho às 16hs;
 - Trato de 1 cavalo \$1.500;
 - Alfafa para cavalo \$600.000...

Em fevereiro, cervejas e lança-perfumes trazidos pelo cacheiro-viajante indicavam que o carnaval estava próximo.

Para a cozinha: uma lata de azeitonas, uma lata de *petit pois*, e o que vinha da padaria:

Deve – 1 saco de farinha de trigo, tem em haver 20 pães d’água.

Eram anotados os créditos e as dívidas, os hóspedes que chegavam e o que eles pediam para seu consumo, como sabonete de benjoim, caixas de “*phosphoros*” e também tudo o que a família dos Corrêa consumia, queijo para *Frau* Corrêa e 1 *Hollandeza* para *Janguta*.

Era o primeiro livro caixa do hotel, marcava quanto o hóspede pagava quando saía, as retiradas do jardineiro, dos funcionários, tudo era anotado nas páginas cujo título era “Notícias do Dia”: os banhos dos hóspedes eram cobrados à parte, assim como os pedidos e as compras de cada família eram debitados para seu respectivo chalé. Calculavam-se os banhos, os sabonetes, os litros de leite, as balas para as crianças, palitos,



verduras, manteiga, banha, o que era devido e o que era cobrado, tudo junto e incluído no mesmo caderno para manter sob o controle atento de Dona Luíza. Por ali podia-se descobrir o que era moda consumir naqueles tempos: bebia-se cerveja *Primor* e vinhos *Rheno* e *Bordeaux*. E assim iam-se somando os lucros em contos de réis, e o Hotel dos Corrêa começou a crescer.



Narrativas e Relembanças

Por Aquiléa Corrêa Homem de Carvalho e Marilena Corrêa Cavalcanti, as gêmeas, netas de João Corrêa.

Até os anos 50 chegava-se ao Hotel pela frente do prédio central, onde havia um pequeno lago com um muro coberto de heras de um lado e uma cerca de ciprestes do outro. O acesso se fazia por uma ampla escada de pedras, tendo em cada lado, no alto, grandes arbustos de delicadas flores brancas chamadas “grinalda de noiva”. Uma calçada de lajes grês levava à varanda principal, de onde se via a alameda de hortênsias. Era por ali que se passava para chegar à recepção. Os hóspedes recém-chegados deviam preencher os livros de registro de próprio punho, com seus principais dados, sendo obrigatória a apresentação da certidão de casamento e, em alguns casos, um atestado médico comprovando que não era portador de doenças infectocontagiosas.

Conta-se que a primeira muda de hortênsia da “Região das Hortênsias” foi trazida de Petrópolis, RJ por Dona Luiza, esposa de João Corrêa, para o Grande Hotel Canela.

O telefone do Hotel ficava numa caixa de madeira retangular pendurada na parede da entrada do escritório. Havia um único aparelho, de número 12. Para fazer ligações, devia-se acionar a manivela. Do outro lado, a telefonista, na Central Telefônica de Canela, passava as ligações solicitadas que às vezes poderiam levar horas até serem atendidas.



No Aconchego da Serra

No prédio construído em 1927, existiam cerca de vinte habitações com dois banheiros ao fundo, masculino e feminino, abastecidos com água quente e fria. Nos quartos, jarro e bacia sobre um aparador que mais tarde foram substituídos por pias de louça inglesa com ligações hidráulicas. A água para beber vinha da vertente do Hotel e era colocada nos quartos em moringas de barro vermelho.

Os chalés de madeira não seguiam um modelo padrão e foram construídos de acordo com as disponibilidades financeiras dos proprietários, com projetos feitos por Danton e Anita, buscando sempre a melhor localização para que os quartos recebessem o sol da manhã, o que era imprescindível para o clima frio de Canela.

Ficavam enfileirados nos dois lados do prédio principal: ao lado direito os de 01 a 10, e do esquerdo, de 11 a 19. Todos tinham uma sala na entrada, um ou dois quartos e um banheiro de alvenaria, no início com banheiras, que mais tarde foram substituídas por chuveiro elétrico.

As camas eram de ferro com estrados de tela resistente e colchões feitos de crina de cavalo forrados com tecido listrado. Os travesseiros de penas de ganso e os acolchoados de lã de ovelha muito bem cardada e forrados em tecidos de grandes flores coloridas. As roupas de cama eram de cretone branco de puro algodão e as mesas de cabeceira cobertas por guardanapos bordados a mão e arrematados com delicadas rendas de croché feitos pela proprietária.

O Hotel era muito procurado por casais para passar a “Lua de Mel”. Para essas ocasiões, os

chalés recebiam preparação especial: um balde de gelo com champanhe e taças de cristal. Algumas vezes as famílias traziam as roupas de cama com rendas e bordados, feitas especialmente para a ocasião. Muitos casais voltam ainda hoje para comemorar seus aniversários de casamento e recordar os dias ali passados.





De Forno e Fogão

Um dos atrativos do Hotel estava na sua cozinha. As receitas que já acompanhavam a família há várias gerações somaram-se aos segredos culinários e especialidades dos hóspedes. O café da manhã era servido na sala menor. Os pães de centeio e milho e as Streuselkuchen – cucas com farofa de manteiga – acompanhados por geleias, mel e requeijão, convidavam a começar o dia.

Muitos hóspedes faziam questão de acordar bem cedo para ir até o tambo, tomar o espesso e espumante leite recém-tirado da vaca por seu Basílio ou seu Artidório, cujo neto, Egídio, cresceu ouvindo essas histórias e trabalha há mais de 40 anos como garçom do Hotel.

Até os anos 60 o Grande Hotel adotou o sistema de “Pensão Completa”, com o almoço, jantar e café da tarde incluídos na diária.

O sino tocava convidando os hóspedes para as refeições servidas no salão grande, com capacidade para até 200 pessoas. As mesas cobertas com toalhas brancas adamascadas e guardanapos dobrados em forma de leque eram servidas por garçons que já conheciam o gosto dos clientes habituais. As refeições começavam com pão, manteiga e sopa seguidos por um menu de comida caseira muito variado, em que não faltavam os saborosos bifes feitos na chapa do grande fogão a lenha, supervisionadas diariamente por dona Anita.

Como sobremesa do almoço eram servidas figadas, pessegadas, marmeladas, goiabada com queijo, casca de laranja em calda e outros doces caseiros preparados com frutas do pomar do Hotel. Para o jantar eram reservadas as tortas

de sabores variados cobertas por branco merengue cuidadosamente enfeitado com a ponta do garfo. Muitas das receitas eram tiradas do livro de Yaiá Ribeiro, outras eram criadas pelas mulheres da família, como o Pudim Esmeraldino da dona Luiza, e o de côco de dona Anita, que faziam o regalo dos hóspedes junto com o tradicional sagu de suco de uva, gelatina queimada e o Rei Alberto, sempre acompanhadas pelo

creme inglês. Não existia batedeira nem liquidificador. Tudo era feito à mão em enormes bacias de louça ou metal e grandes pás de madeira. Na temporada, chegava do Banhado Grande a dona Virgulina que passava dias preparando doces em tachos de cobre. Os figos verdes, depois de fervidos na água com cinzas, eram raspados e colocados na calda com cravo e canela, adquirindo uma cor verde brilhante e transparente.





Ferro, Fogo e Gelo

Antes do surgimento das máquinas domésticas, as roupas eram lavadas em enormes tanques com sabão em barra de confecção caseira, eram alvejadas na grama e secavam ao vento e ao sol. Os ferros de passar eram aquecidos com carvão, e as roupas de cama, depois de muito bem dobradas, passavam entre dois enormes rolos de madeira acionados manualmente por manivela em uma máquina inglesa, feita originalmente para fazer massa, e adaptada com criatividade pelo Hotel para deixar os lençóis bem lisos. Ajudar a mover a velha máquina – que ainda faz parte da memorabilia do hotel – era uma diversão para os meninos da família.

O abastecimento naqueles tempos era bem complicado, e quase tudo era feito pela família e seus ajudantes. Tinham gansos, galinhas, ovos, geleias, doces e um pomar enorme. Os primeiros frigoríficos do Hotel não eram elétricos; eram de madeira, revestidos internamente com metal. Para conservar comidas e bebidas, precisavam ser abastecidos diariamente com grandes barras de gelo que vinham de trem da cidade de Taquara a 40 quilômetros de distância. O Museu do Hotel conserva uma geladeira da marca Steigleider em perfeitas condições.

Até o final dos anos 50, a produção de ovos era sazonal e para tê-los o ano inteiro e suprir a temporada, era preciso conservá-los em grandes tinas onde ficavam submersos em um líquido espesso formado por água e cal, estocados no porão.



Noite Feliz

No Natal, o melhor da festa eram os preparativos. Início de dezembro, começava a limpeza da casa e a pintura das salas e dos quartos. Muitas horas eram dedicadas à lista de presentes e preparação dos mesmos. A velha máquina Mundlos trabalhava sem parar, costurando roupas novas, vestidos para as bonecas, cortinas e sacos de papel crepom verdes e vermelhos para embalar os presentes. A árvore de Natal ia até o teto. Era um pinheiro natural escolhido a dedo para a festa e decorado com bolas vermelhas, verdes e azuis, guirlandas prateadas, sinos, estrelas e velas de cera coloridas. Depois da ceia todos se reuniam em volta da árvore enfeitada para cantar Noite Feliz ao som do piano tocado por alguém da família. O presépio era trabalhado nos mínimos detalhes. Espelhos se transformavam em lagos, e os caminhos eram feitos com areia e pedras. Junto à manjedoura, coberta por um telhado de palha, ficavam José e Maria, o burrinho, as ovelhas e os pastores. Os Três Reis ficavam na estrada mais longe e se aproximavam à manjedoura até ficarem junto ao Menino Jesus no dia 6 de janeiro, dia dos Reis Magos, quando a tradição na cidade era receber a visita do Terno de Reis, que entrava cantando a história do Natal e cujos integrantes sempre eram convidados para jantar.

Na cozinha a movimentação era grande. Preparavam-se biscoitos de mel com formato de estrelas e pinheiros cobertos com glacê colorido e confeitos multicores. Os perus ganhavam uma dose de pinga na véspera para amaciar e aromatizar a carne. Depois de assados iam para a mesa com farofa e sarrabulho. No início da ceia a família fazia uma oração e um dos



membros desejava Feliz Natal a todos os hóspedes e funcionários. Depois chegava Papai Noel carregado de presentes. “Lembramos de um Natal na época da guerra, quando cada uma de nós recebeu uma boneca de celuloide vestida com a roupa de enfermeira da Cruz Vermelha” contam as gêmeas Aquiléa e Marilena.



Diversão e Arte

As diversões naquela época eram muito diferentes das de hoje: passeio de charrete ou a cavalo, jogo de ping-pong e cricket, campeonatos de vôlei entre hóspedes dos hotéis de Canela e Gramado, excursão à Cascata do Caracol e ao Laje de Pedra, para apreciar do alto do chapadão o Vale do Quilombo e as escarpas da caída da serra, ou caminhar pelo leito da estrada de ferro até Gramado para regressar no trem da tarde. A caminhada até a praça para assistir filmes no cinema da família Selbach, tomar sorvete no café da Dona Amália e o jogo de cartas eram programas da noite.

Com a chegada do trem, a estação ferroviária se tornou ponto de encontro às 17 horas, com rapazes e moças aguardando as novidades. Assim era com a missa aos domingos e as reuniões-dançantes no hotel dos Corrêa, onde a entrada era franca e tocavam músicos profissionais e amadores por pura diversão.

O Carnaval em Canela era famoso. Os bailes aconteciam no Clube Serrano com blocos alegres, eleição e coroação da rainha, quando então, não faltavam fantasias de odaliscas, pierrôs, ciganas e colombinas. O lança-perfume fazia parte das brincadeiras dos salões e podia ser comprado nos bazares e na entrada do Clube em tubos de vidro ou de metal.

Na segunda-feira o baile realizava-se no Salão do Grande Hotel. A preparação já era uma festa, com os hóspedes ajudando na decoração, desenhando e pintando máscaras que eram penduradas com os fios de serpentina coloridas. Nesse dia, o jantar era servido mais cedo e logo depois, as mesas arrastadas para os cantos,

ganhavam pacotes de serpentina, e a festa começava ao som das marchinhas tocadas pela orquestra “Flor da Serra”.

Os salões do Grande Hotel sempre foram palco de muitas comemorações, festas de casamento, almoços comemorativos, reuniões do Rotary e Lyons Club e eram o ponto elegante onde as famílias e a sociedade canelense se reunia. Dos seus jantares e reuniões frequentemente saíam grandes ideias e decisões, campanhas políticas e iniciativas como a construção de uma igreja ou o novo bloco cirúrgico para o hospital.





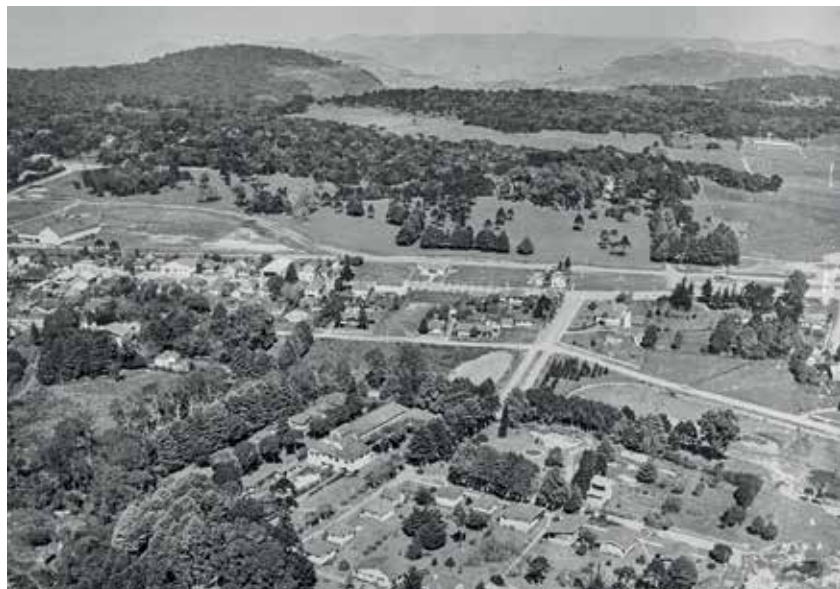
O Frescor do Veraneio

As reservas precisavam ser feitas com antecedência por meio de cartas e telegramas, pois o período de veraneio era curto, de dezembro a março. Nos outros meses o Hotel fechava abrindo apenas raramente, em junho ou julho, para hóspedes que viajavam para ver a neve, época em que Danton Corrêa e seus amigos organizavam grandes caçadas pela região.

Os turistas vinham na sua maioria de Porto Alegre e outras cidades do Estado. Subiam a Serra para descansar e encontrar um clima mais ameno durante os meses de verão. Muitos vinham de carro a vapor para jogar nos cassinos que eram permitidos na época. Às vezes a temporada de veraneio de algumas famílias se estendia por mais de um mês, embora os chefes de família não costumassem ficar todo o período, chegando apenas para os finais de semana.

Muitos chalés eram ocupados em todas as temporadas pela mesma família e assim ficaram conhecidos pelo nome de seus ocupantes, por exemplo: o nº 01 era da Fidoca e de Dona Maria do Carmo Mendonça Lima; o nº 06, da Dona Tininha Bulau; o 14 dos Canabarro; o 15 dos Di Primio... O 18 foi todo reformado para receber o interventor do Estado, General Cordeiro de Farias, e para isso, na época, recebeu telefone com linha direta para o Palácio. Também havia os chalés da família Dabdab, da dona Hilda Katz, da dona Joaniinha Huck e dos Maisonnave. Só não tinha o de Nº13, pois muitos hóspedes eram supersticiosos, ao contrário de Danton Corrêa que considerava o “13” um número de sorte.





Tempos Modernos

No início dos anos 50, com o desenvolvimento do turismo na serra gaúcha, o Grande Hotel Canela passou a funcionar durante todo o ano. Modernizou suas instalações, substituindo aos poucos as construções de madeira por alvenaria até completar 25 chalés, alguns com lareira e estufas de ferro. O parque e o jardim foram ampliados, foi construída uma barragem e os açudes transformaram-se no Grande Lago. Mas o Hotel cresceu sem nunca perder sua característica de administração familiar.

Por volta dos anos 60, iniciaram as obras do prédio central para oferecer mais conforto aos visitantes. Nos 3.200m² de área construída, fizeram portaria, recepção, escritórios, almoxarifado, salas de estar com uma grande lareira para acolher os hóspedes no frio do inverno, bar, sala de café, o grande restaurante com vista para o lago, sala de jogos e eventos, copa e a imensa cozinha que conserva até hoje, ao lado dos equipamentos modernos, o grande fogão a lenha. Os corredores subterrâneos abrigam caldeiras que alimentam a calefação e o aquecimento da água ao mesmo tempo que servem para passagem dos funcionários de um bloco ao outro.





Um Chalé, Um Museu

Em um dos antigos chalés, está instalado o Museu do Grande Hotel Canela que reproduz em suas pequenas peças os ambientes de antigamente com móveis e pertences originais utilizados na época de sua inauguração. O quarto com a cama de ferro e o berço, a sala de jantar com utensílios de copa e cozinha, o banheiro, objetos antigos usados no dia a dia e documentos que constituem um testemunho autêntico do início da hotelaria e do turismo na Região das Hortênsias.







O Novo Grande Hotel

O Grande Hotel Canela está situado em lugar privilegiado e central da cidade, em meio a um parque com gramados, jardins de flores e hortênsias de várias tonalidades, pinheiros, ciprestes e alamedas e bosques que convidam a descansar na quietude de suas sombras e na magia de seus encantos.

Em dezembro de 1977 uma nova construção foi inaugurada substituindo o antigo prédio de madeira; foram construídos mais 12 apartamentos com vista para o parque.

A partir de 1991 o Grande Hotel Canela passou a ser administrado por um conselho formado pela terceira geração da família, os irmãos Régis Danton, Luiz Fernando e José Agnelo Corrêa, que introduziram novo modelo de gerenciamento, focando na preservação, na administração sustentável, na preocupação com a ecologia e principalmente no respeito às necessidades e ao bem-estar dos clientes.

Em um parque natural com 85 mil metros quadrados de área verde, o Grande Hotel Canela possui chalés com privacidade e independência, e apartamentos equipados com ar condicionado e calefação, possibilitando acomodar até 276 pessoas. A área de lazer conta com quadras de tênis, vôlei e futebol, piscina térmica coberta, hidromassagem, sala de ginástica, trilha ecológica, coffee shop, bar, piano, churrasqueiras, cancha de bocha, lago para pesca, espaço gourmet, sala de reuniões, sala de vídeo e playground.

O prédio de 1926 continua até hoje, imponente no centro do parque, e é chamado de casarão. A velha cozinha foi transformada em um grill,

onde os hóspedes podem preparar seu próprio churrasco e organizar eventos gastronômicos.

Cultivando desde 1916 o espírito hospitaleiro e a arte de bem receber, com foco na sustentabilidade ambiental, o Grande Hotel Canela oferece hoje toda a experiência adquirida, aliada a um constante aperfeiçoamento na área hoteleira, primando pelo conforto e a total satisfação dos clientes.





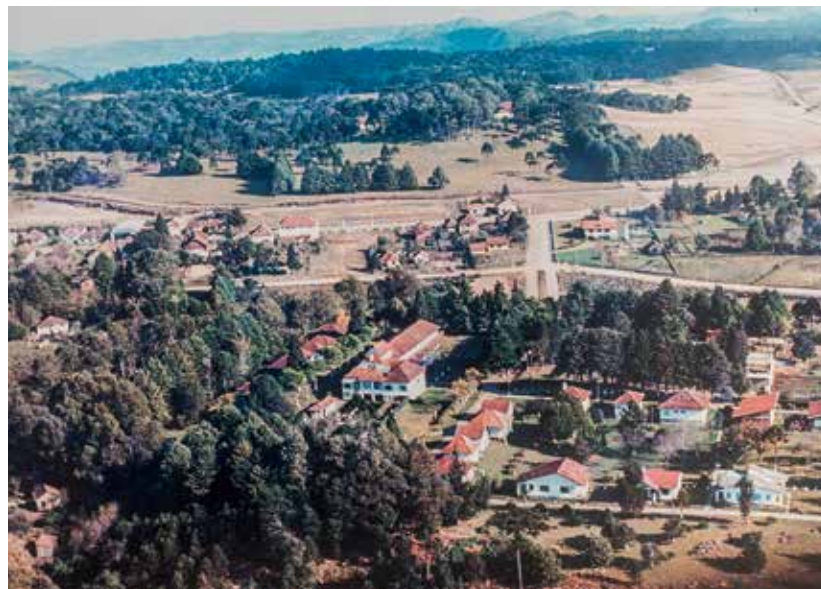








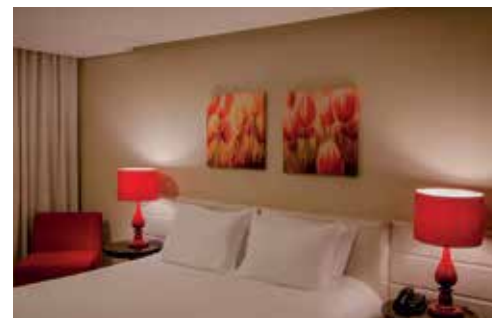
















Uma História,
Uma Família,
Um Grande Hotel

Um Século



Homenagens

O ano do Centenário foi de muitas comemorações no Grande Hotel Canela.

Uma variada programação iniciou 2016 com a tradicional Ceia de Reveillon do hotel, iluminada pelos fogos à beira do lago e pela hospitalidade que há cem anos nascia naquele mesmo local. A abertura do grande ano foi brindada por mais de duzentas pessoas, reunindo a família, amigos, convidados e hóspedes.

A programação do ano iniciou no dia 6 de janeiro com a apresentação do Terno de Reis, abençoando a temporada de comemorações com os cânticos folclóricos da família Seibt reunindo a comunidade. As paredes do velho prédio do Grande Hotel receberam exposição fotográfica do acervo de Canela antiga do colecionador Antônio Olmiro dos Reis, e dos documentos





históricos resgatados pelo pesquisador Marcelo Vech, como a Ata de Instalação de Canela como 6º distrito de Taquara, em 1926. Noventa anos depois de tão especial data, em 16 de março de 2016 o Grande Hotel foi homenageado, por iniciativa do Presidente da Câmara de Vereadores de Canela, Gilberto Cezar, com uma Sessão Solene no mesmo local da anterior.

Durante todo o ano foram realizadas diversas atividades culturais e sociais que possibilitaram a participação da comunidade, que frequentou o hotel nesse momento histórico de comemorações. O grande destaque foi a Sonarte Company, uma iniciativa que reúne crianças e jovens através da música, e que elegeu o Grande Hotel Canela como seu local oficial para ensaios e apresentações. Desde 2015, organizados pela diretora Angélica Gomes e sob a regência e direção artística do Maestro Mauro Gomes foram realizados, foram realizados dezenas de recitais, com apresentação de grupos de cordas, flauta e coral, em um conjunto





de eventos culturais que emocionou a todos. Em 2016 a Sonarte Company com a Orquestra Jovem de Canela, além dos concertos compôs o Jingle Comemorativo do Centenário, tocado em todas as ocasiões especiais.

O Canela Instituto de Fotografia e Artes Visuais realizou seu grande evento anual, o Canela Foto Workshops integralmente no Grande Hotel. Reuniu fotógrafos gaúchos que documentaram com suas lentes as belezas do lugar, ocupando os duzentos metros da cerca em frente ao lago com fotografia e arte.

Recebidos pela Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, Deputada Silvana Covatti o Hotel foi homenageado com um Grande Expediente em comemoração ao Centenário, iniciativa do Deputado João Fischer que entregou placa comemorativa à família Corrêa.

Um selo comemorativo dos Correios foi impresso, para circulação nas correspondências que passaram a divulgar a importante data.

Eventos na cidade mobilizaram moradores e turistas, em reconhecimento ao papel desempenhado pelo Grande Hotel Canela como agente de desenvolvimento da região. A Escola João Corrêa prestou, durante o ano letivo de 2016, uma bela homenagem ao Hotel, trazendo para seus alunos e para a comunidade a história da saga da família Corrêa. Também é importante mencionar a linda homenagem realizada pela ABIH durante o Festuris do ano anterior, que reuniu agentes e entidades ligadas ao Turismo em um prestigiado almoço, no hotel quando Anita Corrêa Moreira, representando a quinta geração, recebeu placa comemorativa em nome da família.



Tantas homenagens e eventos culturais marcantes durante o ano do Centenário trouxeram à tona a constante vocação que o Grande Hotel Canela tem, de ser agente cultural e de preservação da memória dos primórdios do turismo na Serra Gaúcha.

Estas páginas, como um álbum de recordações, apresentam algumas mensagens escolhidas dentre tantas que o Grande Hotel Canela recebeu pela passagem do seu Centenário e mostram, antes dos créditos finais, fotos que marcaram estes tempos que serão lembrados para sempre.





O Hotel do Seu Danton

De 1949 a 1953, minha família veraneou em Canela, no Grande Hotel que, para nós, era o Hotel do Seu Danton. Grandes momentos da minha adolescência foram vividos ali. Os jovens se reuniam na frente do hotel, em bancos sob as árvores. E eram muitos. Não só hóspedes do hotel, mas também amigos que tinham casa em Canela e levavam seus próprios amigos. Se não estávamos sentados ali, é porque estávamos jogando pingue-pongue. Às vezes eram organizados torneios. Meu irmão foi campeão de um. Orgulho para a família.

Também fazíamos passeios a pé. Lembro de uma vez em que fomos, mais de vinte, à Laje de Pedra para ver a paisagem. O hotel ainda não existia. Os meninos (dizíamos *guris*) nos ajudavam a atravessar as cercas de arame farpado, o que não deixava de ter um gostinho de aventura. Chegados à beira, desfrutávamos daquele maravilhoso panorama.

À noite o programa era ir ao cinema e depois sentar para uma coca-cola no bar que ficava anexo. Para mim o ponto alto da estadia era o Carnaval. No primeiro ano fomos ao baile infantil. Marilena e Aquilea, as filhas do Seu Danton, e nossas queridas amigas, emprestaram fantasias e lá nos fomos, a pé, por um caminho atrás do hotel, até o Clube Serrano.

Mas no ano seguinte, já fomos à noite. O baile no Serrano era sábado. Segunda feira era no Hotel. Primeiro tínhamos que pedir licença ao Seu Danton. Depois percorríamos as casas dos conhecidos que veraneavam em Canela, e

juntávamos o suficiente para pagar a orquestra. Os outros hóspedes também contribuía. Não lembro de ninguém que fizesse cara feia. Não sei a que horas, depois do jantar, o salão, já devidamente enfeitado, era aberto e se iniciava a festança. Aqueles bailes de segunda-feira eram sempre um sucesso.

Canela é muito importante para mim. E o Hotel tem um lugar especial na minha memória afetiva. Lá, minha irmã Ana Maria conheceu o futuro marido, José Luiz Correa Pinto, sobrinho do Seu Danton. Lá, encontrei gente querida, gente interessante e fiz muitas amizades. Também foi lá que Sady e eu passamos nossa lua de mel, há 53 anos. Depois voltamos com nossas filhas, genros e netos.

Enquanto nossa casa estava sendo construída, foi o Hotel do Seu Danton – que agora chamo pelo nome correto, *Grande Hotel* – que nos acolheu. Assim como fiquei triste quando meu pai comprou o apartamento em Torres e não fomos mais veranear em Canela, também fiquei apreensiva quando nossa casa ficou pronta. Era uma nova etapa. Já não seria mais hóspede, e sim anfitriã.

Faz mais de sessenta anos daqueles verões em Canela. A rigor, eram apenas vinte ou vinte e cinco dias, menos de um mês. Mas na minha lembrança o verão inteiro era lá, embaixo daquelas árvores em frente ao Hotel. Sei que a serra é chuvosa, mas não me recordo de chuva ou templo nublado. No Hotel do Seu Danton e da Dona Anita, da Marilena e da Aquilea, sempre havia sol e alegria, muita alegria.

Heloisa Vellinho Corso



Crônica de Tempo e Espaço

Inverno de 2016...

Dando um *Ob! de casa* no tempo, valho-me dos versos de Apparício da Silva Rillo, em sua poesia “Herança”:

“Naqueles tempos, sim,
naqueles tempos, as casas já nasciam velhas.
Eram umas casas cálidas, solenes
sob as telhas portuguesas maternais.
Tinham balcões e sacadas essas casas
e úmidos porões e sótãos com fantasmas...”

Em Canela, inserida na Região das Hortênsias e Rota Romântica, numa espécie de portal dos *Campos de Altitude* – os Campos de Cima da Serra, a receptividade vem de longa data. Prova disso nos mostra a história pois, no aurorescer do século XX, já existiam alguns estabelecimentos ensaiando um tímido movimento na arte de bem receber.

Na verdade e a bem da verdade, nossa região e principalmente a localidade onde hoje está situada nossa cidade, ainda no primeiro quartel do século passado testemunhava o surgimento de estabelecimentos a espera de *veranistas*, pois a modesta vila com não mais de 300 almas e alguns fogões, já desfrutava do título de *Estação de Veraneio*.

Por outro lado, afirma-se que, nesses últimos 100 anos, segundo estudos científicos e estatísticos, é bem possível que tenha acontecido mais mudanças que em toda a história da humanidade.

Um tempo, onde o Grande Hotel presenciou um mundo quase inimaginável para os dias atuais, dado a vertiginosa velocidade da tecnologia.

Nesse ínterim, entre as décadas de 1910 / 1920, podemos ter uma visão das conquistas do ser humano...

Presenciamos a decolagem do primeiro avião de passageiros em um vôo-teste, com... 16 pessoas a bordo;

Ouvimos a 1ª chamada (ligação telefônica) à longa distância, que rapidamente se modernizou;

Surgiu a máquina fotográfica, para as pessoas poderem tirar fotos onde estivessem, ou seja, uma câmera portátil;

Exatamente há 100 anos (em 14 de junho), falecia o escritor João Simões Lopes Neto, o maior escritor regionalista gaúcho, autor de *Lendas do Sul e Contos Gauchescos*, entre outros;

Falecia Ramiro Fortes de Barcelos, o “Amaro Juvenal”, autor do maior clássico gaúcho: Antônio Chimango;

A população mundial, girava em torno de 2 bilhões de pessoas;

A expectativa de vida do ser humano era de apenas 54 anos;

Da Europa, ouvíamos notícias da 1ª Guerra Mundial;

O mundo católico vivia sob as bênçãos do Papa Bento XV;

O Brasil era governado por Venceslau Brás;

O Rio Grande do Sul, tinha como presidente Antônio Augusto Borges de Medeiros.

Eram tempos que existiam, nos hotéis, dias especiais: “dia de fazer pão”, “dia de carneação”, “dia de fazer geleias, *schmiers*, compotas”, etc...

Pedro Oliveira



Gostamos de pensar e dizer que o Grande Hotel, testemunha ocular da nossa história, nesses cem anos de existência, foi casa de pasto, taverna, pousada, hospedaria, pensão, restaurante, hostel, flat, apart hotel, resort, albergue, hosteria, hotel,...

Abrigou reuniões do serviço público (executivo e legislativo).

Mais. Transformou-se em salão de atos, salão de bailes, centro de convenções, palco para apresentações musicais e de teatro.

Mais ainda. Num ecletismo na mais pura acepção da palavra, serviu de maternidade à câmara ardente.

O Grande Hotel, entendemos, identifica-se com a própria história de Canela. Na verdade, ele fixa-se no tempo e no espaço como autor e personagem dessa história, hoje presente na memória de *veranistas* e canelenses.

E, num *arremate* no espaço, mais alguns versos do Rillo:

*“Naqueles tempos, sim,
naqueles tempos, as portas eram altas
e alto o pé-direito das salas dessas casas.
Os homens usavam barbas e picavam fumo
em rama,
as mulheres faziam filhos... bordados...
rosquinhas.
Os homens iam ao clube, as mulheres à missa,
e homens e mulheres aos velórios.
Morriam discretamente e ficavam nos
retratos...”*

E, hoje, nas páginas deste livro. Uma espécie de janela aberta no amanhecer de cada dia!





Mensagem da Família Corrêa

Ninguém duvida de que vivemos num *mundo líquido*. Já no século XIX o velho Marx, sociólogo, dizia que tudo o que é sólido desmancha no ar. A modernidade trouxe consigo as instituições descartáveis, os ambientes substituíveis, tudo transitório. As pessoas circulam entre as profissões e ofícios, assim como se livram de uma roupa velha que não nos serve mais. Quando o Grande Hotel Canela completa 100 anos, administrado pela nossa família, não há como deixar de identificar um fato quase épico, algo que contraria a *lógica do mundo líquido*.

Primeiramente o fato de uma empresa brasileira completar 100 anos. Em segundo lugar, uma empresa hoteleira, pioneira no êxito da Serra Gaúcha como destino turístico brasileiro. E, além disso, 100 anos sob a administração da família Corrêa, cuja história se confunde com a da cidade de Canela, sobretudo a partir do seu fundador, João Corrêa. Aqui, família e tradição se entrelaçam num sucesso existencial. Imagino que o filósofo John Locke, quando formulou a sua *democracia de proprietários*, pensou em empreendimentos como o Grande Hotel Canela, onde o trabalho de uma família em torno de um negócio próprio permitisse o aumento do bem-estar dos que o cercam.

Assim foi e assim é o Grande Hotel Canela. Danton Corrêa foi empresário, político, desportista, benfeitor e pai de família. Um homem

comum que tinha o compromisso com os destinos do universo que o cercava. Ele cumpriu sua missão. Anita foi a matriarca, que possuía um sentimento de nobreza pelo trabalho e pela família. Ambos nos legaram o sentimento de compromisso com a eternidade, que se desdobra na nossa descendência. Isso foi mais ou menos o que disse a ela, quando fui escalado pela família para fazer o discurso dos seus oitenta anos. Não se pode imaginar Canela sem o Grande Hotel, não se pode imaginar o Grande Hotel sem *Os Corrêa*. O Grande Hotel Canela hospedou personagens da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. Alguns eu mesmo conheci quando menino.

Este livro é motivado pelo merecido sentimento de orgulho que todos nós temos, por pertencermos a este clã, descendentes da Vó Anita e do Vó Danton. Mas é também uma contribuição aos canelenses e aos gaúchos, para que conheçam sua história e os personagens que a forjaram, homens e mulheres que, há mais de cem anos, acreditaram neste solo abençoado e nesta paisagem de beleza incomparável, objeto de desejo de gente de todo canto do mundo. O livro é também uma mensagem de fé no que virá. Duramos cem anos – e outros cem estão por vir. Nem tudo o que é sólido desmancha no ar. A eternidade nos espera a partir dessa pequena amostra de um século.

Daniel Corrêa Homem de Carvalho





English Version

The Secret of Success

Liliana Reid

This history begins in 1882 when João Corrêa, at the time only 19 years old, got to know ‘Campestre Canella’, a still inhospitable region, inhabited by few settlers and farmers, but of huge natural beauty. Canela is like that, a magic land that enthrals at first sight and stirs emotions in all the people that arrive here. It is, therefore, a natural thing that when the young man knew the place he immediately glimpsed his future and the possibilities of making progress arrive there. His dream took almost 30 years to come true. So that it could happen, he had to build roads and make the train go up the mountain, making it possible for businessmen, new residents, and vacationers to access the place. Few towns have such a heroic and entrepreneur founder as João Corrêa, and his accomplishments are told here in the first chapter – *A History* – by the renowned writer Eduardo Bueno, gaúcho and vacationer in Canela since the 1960s.

The research we made, with the indispensable help of Paula Krause, João Corrêa’s great-grandchild, reunited documents and pictures, which the family so carefully preserved along the last hundred years so that the new generations could know the history of the family, that threw some light on the secret of João Corrêa’s success, besides important historic facts about the formation of Canela. It also revealed facts that are related to the history of the immigrants, to the tourism and hospitality, and to the progress of the entire Região da Hortênsias. Many were the factors that contributed to the growth in the number of vacationers in the Serra Gaúcha, but no doubt, the railway branch Taquara-Canela was fundamental to this process, facilitating the access, shortening distances, and boosting a new model of tourism. The train played its role going up the mountain, transporting tourists to one of the most beautiful regions in Brazil.

This book is a testimony of the formation of the hospitable mentality of the family and of the town, the history of the first tourists, of the beginnings of the hotel industry and of the commerce, which were responsible for the financial support of thousands of residents. A tourism that started in a time when people traveled by mule-drawn carts and lightning was possible thanks to carbide, at the same time that hotels were settled in Caracol, and when João bought the lands where he built his own hotel. By telling the memories

of the Grande Hotel Canela, the only hotel in Brazil administered by the same family that founded it, *A History*, *A Family*, *A Grand Hotel*, we revive through images, historic archives, accounts and essays, part of the history of the sierra, highlighting the importance of the preservation of the cultural patrimony of the region. The curatorship of the images was made by the photographer Fernando Bueno, director of the Canela Instituto de Fotografia e Artes Visuais which develops a work for preserving the visual material of the town along with renowned Brazilian photographers.

The history of the Grande Hotel Canela projects the saga of two big families united through the marriage of Danton and Anita: João Corrêa’s family, founder of the town, and Pedro Carlos Franzen’s family, who built the Castelinho do Caracol which was made from local wood and is today one of the most important tourist spots of the Serra Gaúcha. The chapter *A Family* has an epic narration by Paula Taitelbaum who tells the achievements of these people that today have their names in squares, streets, and schools in town. The many past memories told affectionately ‘from mouth to heart’ among the Franzen Corrêa, took the form of a novel in Letícia Wierzchowski’s poetic writing telling the love story of Danton and Anita.

Well, on second thoughts, any life could be turned into a book, even the one of a hotel! And, it is with the reminiscences of João Corrêa’s twin grandchildren, Aquiléa and Marilena, that we tell here the history of the *A Grand Hotel* which was settled in the past millennium, grew, and became modern resisting the time and its characters. And the book has a fourth part, *The Centennial*, an epilogue that – as might be when something or someone reaches the advanced age of a 100 years – brings the deserved tribute from the family of its founders, and from friends for the good moments lived and revived, from the community of Canela that held their events – weddings, honey-moons – at the Grande Hotel, and from suppliers, collaborators and partners that made it possible for us to perform this work. Everybody wanted to pay homage. We selected some of them to remain as memories of this centennial. João Corrêa left a material legacy to the history of the town, but above all, he left, recorded in the memory of his descendants (and why not in the tourist vocation of the region?), the secret of his success, the magic words he would repeat tirelessly to his children: *Nothing is impossible to be done!*

João’s Dream

Eduardo Bueno

The pine forest raised majestically as a temple of rough and purplish columns. The cup-shaped treetops of the pines full of spiky branches as if they were antennas perforating a cloudless sky. The ancestral silence was broken only by the squawks of the purple parrots or by the fluttering of the blue jay. Below the forest canopy, under the pine cones and dried out branches, grew other smaller species of the same beauty and value – cinnamon trees with trunks covered with moss, cedars of rough skin, an ipê tree in bloom... Closer to the ground, reddish lichens, and lilac bromeliads received rays of a sunlight that colored the forest like flares through a stained glass. Agoutis and guans sneaked into the shadows of the xaxim tree ferns while a crystalline stream ran on a slab glittering like reflexes in a mirror. Then, suddenly, the shadows of the forest ceased, opening space to a vast and plane glade covered with turf – a sky upside down planted in the green of the fields.

An island of grass lost in time, but well located in space. The typical space of the Serra Gaúcha immersed in immemorial time.

João Corrêa dismounted the horse, blinked the eyes rapidly and vigorously – as he would do many other times for many years in his life. He took off his hat, passed his hands on his sweaty hair and took a deep breath. It was a morning in 1882, and he was 19 years old. The horse snorted, inflated its nostrils, dilated its flanks, and lowered its head to graze. The horseman kept fearless under the shadow of the so well known and centennial cinnamon tree that framed that field – the Campestre Canella- where, according to legend, the cattle drivers used to rest since a century before, when the aforementioned tree was already there spreading the same shadow...In a flash, at a glance – like the fly of the jackdaw, like the jump of a frog – Corrêa glimpsed the future. And, immediately, he turned it into a dream.

That place would be his, and there he would build his future.

History is a creation, almost a fantasy. History is not an exact science, although it is constructed through exhaustive research and solid documental base. The question is that the person who writes chooses what remains and what is left out: cut, edit, and sometimes, conjecture. Based on facts,

for sure, but the facts are elusive, under the transparent veil of time. The time that sometimes elucidates is the same that sometimes puzzles you.

Well, there are no documental records to prove that the scene narrated above happened like it was described – although the scenery is real (and, in a way, it keeps very similar), and the date is correct. The man really existed, and the horse and the horse ride too. The horseman’s dream is also plausible. But who can assure that such a dream had gone through his mind at that moment? How can you know the exact moment when João Corrêa (1863-1928) had the glimpse that that place would be his, and that, from that moment on, he would be able to transform the history of the Serra Gaúcha and of the Brazilian tourism for good, even changing part of the local economy and politics?

The fact is that there was a place called Campestre Canella, and it looked like “an island lost in the tropics”, as he called it. And this grassy place was a really pleasant resting place for the cattle drivers – although it is difficult to believe that in the first decades of the 18th century those rude horsemen would deviate so much from the main route (which bordered the Campos de Cima da Serra, passed by São Francisco de Paula, and went down the slope to Taquara), only to rest in such a place. Anyway, in the beginning of the 1800s, or, already at the dawn of the 19th century, the so mentioned Campestre was a consolidated reference point in the life and in the route of the men that drove cattle and hinnies through the steep humps of the mountains. And the shadow of that cinnamon tree, as well as the field, had acquired notoriety.

What one can not know for sure it is if before being 20 years old, the intrepid and visionary João Corrêa, just married and just unemployed, would really have had the idea of buying that clearing, making a village there, taking a railway there, and even building a hotel in the place. Such assumption sounds like the substance tales are made of – the same fine fabric on which we print, that is, a statement according to which, although he came to write so much and so well during his adult life, João Corrêa would have attended classes only for three months, without ever having received any other kind of formal education.

What happens is that the material tales are made of is the same one that guarantees dreams. And, João Corrêa, very early in life, would be able to fulfill his dreams, to fire and sword, with the stiffness of the train tracks and the hardness

of the wood sleepers, with the proved faith in the power of money and in the ability to weave the threads, the bonds and the tricks of politics. With the help of his wife and children, and especially, with the certainty that the impossible exist only to be contradicted.

Therefore, how can we doubt of any deed attributed to this man? The fact is that, with or without documental proof, we can imagine him, at 19, tall and well-built, with strong and skillful hands, wearing boots and hat, standing in Campestre Canella and looking ahead with his sparkling and watery eyes – eyes that caused a good impression on those who looked at him.

And so, as his look expands, it is as if the landscape around him transmutes. It is not a bucolic and romantic place anymore. That pine forest is worth money – and João Corrêa is a pragmatic man. He would profit from those trees, as any man at that time would. The turf itself is not only a pleasant place. It is a strategic one. The routes that permeate the top of the sierra and climb the valley, have inevitably to pass by that place. To the east is Faxinal and the route to Campos de Cima da Serra; to the west is Gramado and the connections to the properties of the Italian immigrants; to the North, Vacaria, Lages and a straight route to Sorocaba; to the south, the valleys that reach the riverside of the Sinos and to the fields of Gravataí.

The air is fresh, but the running water is fresher – and not only to drink, because if tamed, it will offer abundant and cheap energy... And the men who work hard, and profit much, after a time want and need some rest. Will there be a better place to rest there? Among clear waters, fresh shadows and fresh air? But, so that all that come true, accesses are necessary. The motor roads must come to replace the muddy routes that fitted more horses and hinnies, mere routes for cattle. And, more than motor roads, the train has to reach the top of the mountains, even if puffing like the horse that first took João to those blessed fields.

Because of all that it makes sense and it causes no offense to reason to imagine João Corrêa standing right there, in the heart of Campestre Canella, and if history could be forwarded, like a tape in an already outdated video cassette player, we would be invited to see, through his eyes, in a vertiginous rhythm, the squared turf turning into a square, just made and already surrounded by straight streets (not by chance baptized as Borges de Medeiros and Júlio de Castilhos).

In the background a cathedral imponently starts to appear, like a basalt pine tree, on a land that had been his; and commercial houses, repair shops and blacksmithing, and vacation houses, also built on lands sold by him. A town being born out of nothing.

And like this, exactly where the cinnamon tree that baptized that field was, arises a railway station, to which the train arrives gasping, belching out smoke, and João smiles and rejoice, although tired out, almost bankrupted. But then, along with him, the train stops working, and cars, like a swarm of bees, arrive to replace it. And lines of cars are formed, and even traffic jams, bringing tourists from all corners of Rio Grande do Sul, from all places of Brazil and also Mercosul, and many stay at the hotel, the Grande Hotel, which Corrêa build because of the advice and the request of his wife.

And, like a miracle, in a country whose development model is so voracious and cruel as Brazil , the air keeps fresh, the pine forest still casts its shadows on the wavy and green fields. The waters are not so clean anymore – but the fountain that soon João recognized is still crystalline. And Canela turns into a happy dream in an urban Brazil that grows out of control, surrounded by smoke.

Who can doubt, therefore, that João Corrêa’s vision turned into reality? He is still here in stone and bronze, with eyes that do not blink anymore, but that keep watching. Who would dare to say that, when dismounting a horse under the shadow of the ipe trees in bloom, framed by the umbrose outline of the pine trees João Corrêa would not have foreseen all that now is a reality? But, to reaffirm this certainty, it will be advisable to recapitulate his so intense and full of accomplishments life.

It is time, therefore, to go down the sierra – either by horse or by train, with the illustrious company of João Corrêa.

João’s Achievements

João Corrêa da Silva – who after would adopt only the first last name – was born in Santa Maria da Boca do Monte, in 1863. But, it is not exactly there where we have to look for his roots, maybe neither the origin of his fierce motivations. To understand them it is more appropriate to go down Campestre Canella and go back to São Leopoldo, close to where Corrêa would have left, by horse, bound to the fields

that would be his, in a moment of 1882, when Brazil was still an enslaver empire with less than ten million inhabitants – only 434 thousand settled in Rio Grande do Sul.

As this is a hypothetical journey, it does not look like a nonsense to go back to the point of departure on any given weekday of 2016. Why then, in the very heart of São Leopoldo, on a busy crossing of Avenida Mauá, it would be easy to see thousands of hurried passengers walking in the main train station of the city – actually, a surface light rail. And, like in a tribute coherent with history, the wagons on which they get on and off, are standing in the exact place where the corners of Avenida Mauá and Avenida João Corrêa meet.

It is not a simple coincidence. Although the majority of the users of Trensurb do not know, the fact is that the connection between Mauá and Corrêa is much bigger than the casual meeting of their names on a busy corner. After all, both helped to put the trains – and Brazil – on the tracks of history, and what is more, they brought tourists to places in the sierra that, they believed, deserved to be more than simple dots lost in a map.

The Baron of Mauá, pioneer of the Brazilian railway system – among other routes and among many hardships – made the train arrive in Petrópolis, the old imperial vacation town in the region of the sierra in Rio de Janeiro. Some time after, Corrêa would follow the same hard path to open to fire the entrails of the mountains of the sierra and, after years of negotiations and efforts, he would be able to install the line Taquara-Canela. That was the impulse needed for the old Campestre, called by the name of a tree, to sprout with strength and turn into one of the most acknowledged and desired tourist destinations in Brazil – as well as the town that hosts the only Brazilian hotel to be run by the same family for a century, the João Corrêa family.

João Corrêa was born exactly 50 years after Irineu Evangelista de Souza, better known as Mauá. Both men never really met, as the baron settled in Rio de Janeiro, and the colonel spent most part of his days going traveling around Rio Grande do Sul. Even so, there are many other similarities between their biographies that it looks more like the smoke of their old trains crossing: both were born in the interior of Rio Grande do Sul, lost their father at a very early age, started to work when still kids, had little formal education and left their hometown very young. And, the most important: as well as Mauá, João Corrêa was tireless

accomplishing the ideas he had – was it to install a railway on steep mountains, was it to invest in the town,which most than adopting as his, he actually founded.

João Corrêa Ferreira da Silva was born, as already said,in Santa Maria da Boca do Monte, on February 17th, 1863. His father, Manoel Corrêa da Silva, moved there when still a young boy after he left São Leopoldo to follow a career in the Army, where he got to be ranked as a lieutenant. In Santa Maria, Manoel met the woman who would be the mother of his three children, a German descendant called Luiza Juliana Sonnet. That was the union of Portuguese blood and German strength of character. This mix would define the destiny and would guide João Corrêa’s accomplishments. But not only his accomplishments: misfortune would also be part of the recipe, because, in March 1866, right after the boy turned three years old, the head of the family died while in the bloody Paraguay war.It was not the first time that the Corrêa family had been stricken by a conflict, but it was the first time that it left such a deep hollow.

About three decades before, in 1835, when the Farroupilha Revolution had begun, João’s paternal grandfather, the Azorian José Ferreira da Silva, took part in it. But, as most of the citizens of Vale dos Sinos, he was on the side of the Imperialists, and not of the Farrapos. In 1837, in the middle of a conflict, José became the inspector of the seventh headquarter of São Leopoldo, and, later on, he would get, for two times, the position of president of the Municipal Council of the town, in 1857 and 1869. It is important to say that his connection with São Leopoldo had begun before the German immigrants arrived, in 1825, as he had settled there with his wife, also Portuguese from the Azores, in 1821, a year before the Independence of Brazil, attracted by the fertile soil that surrounded the winding river that gave name to the region.

In Vale dos Sinos José’s seven children were born, among them, João’s father, Manoel, in 1827. João Corrêa seems to have inherited much of his grandfather’s personality: the spirit of leadership, the involvement with politics, and the desire to let his name perpetuated in time and places he had been to. But the arrival of João Corrêa in the town of the paternal family would only happen in his adult life. Before that, he would have to go through the hard trajectory that started very early, at the age of 8, in São Sebastião do Caí, when he earned “two coins of 84 cents of a pataca a week”, driving animals that kneaded the adobe in a brick factory.

At 12, he moved to Forromeco, district of Bom Princípio, also in the region of Caí, to live with relatives. There, he learned the craft of blacksmithing that, by the way, seemed to be predestined by one of his last names: ‘Ferreira’. Also there, he would have attended “the only school of his life, for the short time of three months” – as most of the sources show, although not only the waved calligraphy as well as the short and lucid writing with which he wrote his letters, seem to point out that this was not the only education he had.

Thirty-two years went by until his sons, already his partners at that time knew that his father had made that wagon and went to look for it. They found it in the scrap junk of the V.F.R.G.S, in Santa Maria, where they bought it for one Conto de Réis(1:000\$000). This would be the first passenger wagon they would use right after the rebuilt of the branch São Leopoldo-Fazenda São Borja, previously used by cargo trains. More emblematically the same mythical wagon would also be used in the line Taquara-Canela when it finally became ready.

But, there were still many years to come so that this happened, even because João stayed only one year in the English company, since at 18, not only had he left the company but also had gotten married to Maria Luiza Frederica Burmeister, who was 17 – a marriage that brought to life eight children.It was a bold attitude, as he, besides building a family, also decided to have his own business – and he could not be braver than that. The young couple moved to Santa Cristina do Pinhal, almost on the edge of Sinos river, in the vicinity of Taquara and not very far from Sapiranga. From then on, João would have had the idea of making a new railway to Torres.

Of course, the point of departure would not be Santa Cristina – a bucolic small village until nowadays, almost forgotten in the middle of sandy hills and wetlands on the banks of the Sinos river. The branch would probably depart from Novo Hamburgo and from the valley where Entrepelados is today, would follow to Santo Antônio da Patrulha, almost the same route of the present road RS 242, without facing a higher mountain. But, the project would never be accomplished. In a certain way, it does not really matter, as it was in that same year of 1882,before completing two decades of life and having left Santa Cristina do Pinhal by horse, that João Corrêa took the way that led to the valley, went up the sierra and came to know the place he would never forget.

When João arrived for the first time to Campestre Canella, the lands belonged to Joaquim Gabriel de Souza. Even though the brief and apologetic biographic profiles of Corrêa usually state that he would have been hypnotized by the local beauty, and dreamed of acquiring it motivated by the possibility of making a railway go up the sierra, it is not likely that he, at 19, with no fixed job and having just had a setback in his project to take the train to Torres, he actually had thought of buying that desired land and more than that, making the train go up the sierra.

Even because, eight years before, in 1874, the company he had worked for had already thought about such possibility – and had given it up. Effectively, the English company, represented by the Scot John Mac Ginity (a former employee of Mauá), had inaugurated the first railway of Rio Grande do Sul, the segment Porto Alegre-São Leopoldo, and right after he presented a project on extending the railway to São Francisco de Paula. The question is that the settlement was too small to justify the huge risks and the high cost the endeavor would demand because it would be necessary to overcome the barrier of mountains. And so, the idea of installing a railway on the winding roads of the sierra would stay stopped in time. As if waiting for João Corrêa.

And the plans would really have to wait because, disappointed with the impossibility of making the railway to Torres, João returned to the town he had been born in. In 1883, there he was in Santa Maria, where he opened a bakery – probably a suggestion given by his wife. But his vocation was in the blacksmithing, not in the flour, and a time after he was again in a blacksmithing shop – this time his own business. By this time, he moved to Lajeadoinho, Taquara, and there he started his career as a constructor, building the motor road between Taquara and São Francisco de Paula, until then a road only used by horse-drawn carts more than a century used by troops and cattle drivers. But the entrepreneurship, although concluded, brought him more losses than profits.

In 1890, back to Santa Maria, Corrêa decided to subcontract the construction of the first segment of the road Santa Maria-Cruz Alta, and the venture became his first financial success, although it had taken him four years of effort. He paid his debts and bought his first house in Santa Maria. But, it seems he did not live there for very long, because in 1894, invited by his brother Agnelo, at the time director

of Banco da Província, in Porto Alegre,he founded his own company: the Irmãos Corrêa Company. The objective was to open railways as well as motor roads. Already settled in São Leopoldo, the brothers made their first bid when they started to exploit a quarry in the Ranch São Borja, on the outskirts.They build a railway to transport the rocks and with them they made the first paved streets of São Leopoldo. Following that, they took a big swing: they built the lines of the State Telegraph, connecting Porto Alegre to São Leopoldo, Montenegro, Caí and Caxias.

Leveraged by the good political relationship and by the entrepreneur spirit, the company signed great contracts and started to win its competitors. While opening the roads Montenegro-Nova Prata, Caí-Caxias do Sul, Caxias do Sul-Vacaria, and the concession for the construction of the railway Novo Hamburgo-Taquara, João Corrêa also erected the metallic bridge Passo do Cofre, the bridge of Feliz Town, and the pier of Montenegro. Impressive ventures, made at the same time, before the dawn of the twentieth century, and involving more than half a million employees, would turn João Corrêa into one of the most dynamic entrepreneurs of all times in Rio Grande do Sul.

At last, owner of Canella

In 1903, considered a notable entrepreneur and already known as ‘colonel’ – title inherited from old times when powerful owners of lands received it from the National Guard, but that in his case was a kind of reverence for so many accomplishments. João Corrêa was finally able to acquire the almost virgin spiny lands, with pine trees with which he dreamed of. On March 28th, in that year, he bought from Capitan Felisberto Soares de Oliveira, an area of 19.862.950 square meters in Canella, for the price of twelve Contos de Réis. Five years later, he would buy 18.968.000 square meters more from Ignácio Saturnino de Moraes, for an estimated price of twenty Contos de Réis. So many millions of square meters made him virtually the only owner of Canella, more than 20 years after he had known it.

Even so, it took the family some years to definitely settle there, because he would keep traveling from place to place. João Corrêa, his wife Mrs. Maria Luiza Corrêa and their children – Josefina, João Manuel, Victor, Carlos, Aparício, Agnelo, Danton, and Luizinha – had already lived in Santa Maria, Tupanciretá, Lajeadoinho and São Leopoldo, before

moving to Canela, around 1910. It is important to highlight that Mrs. Maria Luiza Corrêa, more than simply accompanying her husband on his trips and movings, she was the kind of woman who would work hands-on, literally. During the construction of the motor road Taquara-São Francisco de Paula, for instance, with the children still very small, based on her previous experience in Santa Maria, she opened a bakery to feed the employees, at the same time that she helped in the blacksmithing shop. From 1910 on, when the family settled in Canella (before the house was finished), the matriarch took care of the children, of the land and the vegetable garden, she planted trees and flowers. It is not nonsense to say, therefore, that even the first hydrangea planted in Canela was attributed to her.

But before that, in 1904, when Canella was not yet a home but only a sea of wavy lands, João Corrêa, before anything else, invested in accesses, which would bring more progress to his favorite paradise. With a company that counted, at the time, with 600 employees, he started to work for the state government under the coordination of the engineer Faria Santos, who received the task of tracing the motor road as far as Canella. The opening of this new road came along with the expectation of the state government, under the command of Borges de Medeiros, that with the road it would be possible to reinvigorate the agriculture fronts and to take progress to new communities.

But, what united Colonel João Corrêa and Governor Borges de Medeiros was not only the roads. There were, between them, strong bonds of friendship, tied by political solidarity: both were linked to the Rio-Grandense Republican Party, the PRR. In the year when the work on the road to Canella began, the two of them started to exchange letters, what they did for more than a decade, even because Borges stayed ahead of the state government for about 30 years.

The relationship would only get strained in September 1919, when João Corrêa sent a letter to the, at the time, president of the province, requesting a meeting to talk about a financial help for the conclusion of the railway Taquara-Canela, behind the time because of many problems, among them, an epidemics of Spanish Influenza. Borges de Medeiros just did not answer. It was enough to affect the pride of the colonel who, less than a month after, sent another letter breaking off relationship with Borges, stating that he had suffered ‘contempt and humiliation’, and that he was

disconnecting from ‘your honor’. Furious, he also informed that, after finishing the road, he and his sons would turn away from the state. Probably Borges de Medeiros stepped back, because in another letter, written on September 15th, 1920, a much more gentle João Corrêa showed that the friendship had been taken back.

The Train goes up the Sierra

But, the economic difficulties reported in the letter of 1919 could never have been imagined five years before. In 1912, when the house of the Corrêa family had finally started to being built in Canella, the patriarch had just founded a new company – the João Corrêa and Sons Company – whose first contract was signed on March 10th, with Taquara Town Hall for the construction of the railway that would take the train to Canela. João Corrêa and Son’s Company counted, at the time, on “100 Contos de Réis, money that had come from the sale of a pine forest of 20 colonies, which belonged to him, and was acquired by Cia Florestal Rio-Grandense de Canela”. The construction of the railway was, no doubt about it, João Corrêa’s main project and biggest desire, maybe since he had known Campestre, in 1882. However, the colonel did not count on one thing: besides the daily setbacks, he would also face a big war, the one nobody would imagine, and exactly the people he admired so much, the German, were the villain of the history.

Until the beginning of the first world war, in 1914, things seemed to do well, and the first segment of the railway, which arrived in Três Coroas, had just been inaugurated – as the terrain in that place was plane. With the event of the war, the work had been interrupted because there was no operational budget. In one of the letters sent to Borges de Medeiros, written on the Christmas Eve of 1916, João Corrêa informed him that he could not get a loan at the Banco do Brasil in order to continue his great work. The loan was released by the state government and, in the following year, the railway Taquara-Canela could be finished.

But, if financial difficulties were big, the engineering ones would reveal to be bigger. In order to decide how to get to Canela, the most renowned engineers were invited to give their opinions. All of them stated that it was impossible to take the railway to the top without spending huge sums of money. The solution, however, was given by João Corrêa’s eldest son, João Manoel, who suggested that they built a

‘pigtail’ on the steepest bend of the sierra. The idea consisted of making the train, when arriving in Várzea Grande Station, run a small segment with the locomotive in the reverse gear until it reached the other side of the bend, where the ‘pigtail’ was, and then going back onwards, using a system of keys in the tracks, bound to the top of the sierra. The idea worked out, and on April 9th, 1921, the train went up the sierra and arrived in Gramado Station. The problem was that, along with the passengers, the train also took most of João Corrêa’s patrimony, who with no more resources, would not be able to finish the eight kilometers of tracks that were missing to reach Canela Station without getting a new loan.

Almost bankrupted, without resources, physically worn out, João Corrêa found himself in a situation that made him accept the low price offered by the state to install the railway, on December 7th, 1921: three million and three hundred twenty-nine thousand Contos – approximately half the money he spent in the construction... But, at least, there are documental and testimonial records of how he reacted to that kind of insult. Renato Costa, at the time general director of the State Treasury, would remind, years later (in February 1937), in the newspaper Folha da Tarde, and in February 1952, in Correio do Povo), João Corrêa’s resigned and proud behavior.

“We still remember today the final process of that takeover”, wrote Costa. “We, many times, received the visit of João Corrêa, who requested our friendly intervention so that the last arrangements of that act were hurried up. We never heard him complain. His lips would never whisper words of revolt against the low price the state paid him for the takeover. We only heard his melancholic comments about the adjustments, about not being compensated for at least the work and hours dispensed by him and his sons on that monumental venture”.

And it was in those circumstances, and one more time in the name of his sons, that João Corrêa uttered the sentence that, in a way, would immortalize him: – Mine and my sons’ glory is having won the ascent of the mountain, having gone through painful sacrifices and even going hungry. The road will be there as an example for those who will have to repeat this feat. We want nothing else than that. Canela will be the Petrópolis of Rio Grande do Sul , and the men of tomorrow will see if we were utopians or if we revealed to Rio Grande do Sul one of the most beautiful and prospective corners of

its territory”, he wrote in a mix of relief and vent, right after the agreement was sealed.

Anyway, one of the reasons that certainly made him accept the agreement of the takeover, made at such a low price, was, more than the financial hardship or the injured pride, the commitment made by the state to extend the railway from Gramado to Canela, even because the distance was only seven kilometers and the terrain was already prepared to receive the tracks and wood sleepers. But, the eclosion of the so-called Revolução Libertadora of 1923, deflagrated against Borges (in the power for, almost uninterruptedly, a quarter of a century, since 1898), paralyzed the work. It would be necessary, therefore, to wait three more years and count on a new bank loan and on the help of the timber sector in the region so that finally, on August 1st, 1924, the whistling locomotive could arrive for the first time to Canela Station, which was built exactly on the spot where the cinnamon tree was, in the old place cattle drivers used to rest. João Corrêa had made it.

Restless until the end

But, if you think he had some rest after the inauguration of the train station in Canela, you are mistaken. He was interested in other people’s rest, the people who, thanks to the train, would go up the sierra to spend vacations, to treat tuberculosis, to breathe new air. As to him, he was restless, he did not want to stop. On October 12th, 1924, he took on the Town Hall of São Leopoldo and kept doing what he knew well and what he loved: building. He started new motor roads, implemented the service of water treatment and the respective hydraulic close to the Sinos river, started the construction of the Hospital Centenário in São Leopoldo, and leveraged the implementation of the Toca Hydroelectric Plant.

Despite being so involved with the valley down there, it was when he went up the sierra and arrived in Canela that he felt home. Since the first house was ready, in 1923, the Corrêa family started to receive many guests, among them friends and authorities. So many were the guests that one day his wife, Mrs. Maria Luiza Corrêa, told him that they had to build a hotel. An idea that pleased João Corrêa. And so, on December 25th, 1916, they open to the public the first hotel which was the embryo of the present Grande Hotel Canela – and which marks the arrival of its centennial in 2016.

Fortunately, João Corrêa lived enough to see, in 1927, the hotel become a real tourist entrepreneurship, founded officially in that year under the direction of Danton Corrêa, one of his sons, and in the same place where it is now. Since its beginning, the Grande Hotel was a favorite spot for visitors, were they only tourists or important authorities. Like ambassador João Neves da Fontoura, who in the year of the foundation of the hotel spent a time there and stated that everything that existed in Canela were results of João Corrêa’s entrepreneurship.

A perso who had probably stayed at the hotel was the already mentioned Renato Costa, who by the way, made the most vivid description of João Corrêa: *“There was, in this man of calm feature controlled by a powerful desire, a permanent agitation of ideas. I knew him in the full peak of his astounding activity. He was simple. No arrogance in his attitudes. A man of a kindness that contrasted with his power of seduction and the firm and invincible tenacity of his spirit. Tall, well-built, as if nature had endowed him with exceptional physical qualities to overcome the harsh environment in which he lived most part of his life. In that gigantic body, there was the predominance of a calm physiognomy, where his small sparkling eyes gave the impression that they were constantly searching out a strange world. In that characteristic way of pressing the eyes with ideas being born in improvisations of a minute, supersizing, overcoming and imposing himself to all difficulties. And the dreams that were in his imagination took then concrete real forms”*, wrote costa in 1937, in an article in Correio do Povo, entitled Um Desbravador dos Sertões.

When he died, in 1928, few months after Getúlio Vargas had been empowered as governor of Rio Grande do Sul, and two years before the Revolution of 1930, João Corrêa, in a certain way, remained alive. His spirit is still present in town, his bust is imposingly raised in the central square, his memory is always exalted when we talk about the history of Canela, from its foundation to its tourist vocation. In 1932, four years after his death, the widow, Mrs. Maria Luiza Corrêa, donated two plots of land for the construction of the main Church Nossa Senhora de Lourdes, also known today as the Stone Cathedral and present symbol of the town. Also, the plots of land of the Lutheran Church, the town hall, the cemetery, and the João Corrêa School were donated by the family.

And, if João Corrêa’s dream for the permanency of the train did not last, the desire that Canela became Petrópolis supplanted his will. Nowadays, while this sierra town of Rio de Janeiro seems to be forgotten in its imperial past and is drowned in a chaos of an uncontrolled urban development, Canela remains vibrant, receiving millions of tourists a year, many of them staying at the only hotel in Brazil that has been run by the same family for 100 years: the Grande Hotel Canela, built almost in the heart of Campestre.

That is why João Corrêa is much more than a name of a square, of a school, of a street or avenue. It is good to know that when we walk downtown, beside the place where the tree that gave the name to the town was, and very close to where the locomotive, that represents in a lower scale the one that Corrêa could take up the mountain, is standing breathless. And much more when staying at the Grande Hotel, where the memory of the founder of the town is frequently celebrated through exhibitions of old photos and the through the constant presence of his descendents – grandchildren, great-grandchildren, and great-great-grandchildren.

Because, if João Corrêa, as well as Mauá, glimpsed a Brazil that Brazil was still not able to accomplish, one thing he certainly reached: he could join many Brazils in the same place, in the magic Campestre Canella. After all, when we hear different accents echoing in the corridors of Grande Hotel – they are paulistas, cariocas, mineiros, from the northeast and north of Brazil, not to mention the ‘hermanos’ from Argentina, with their typical way of speaking – it is as all of them were saying, even not knowing, that they are there thanks to the paths open by João Corrêa more than a century ago. And that they can enjoy there, even if just for a weekend, the dream he had more than a century ago.

From Father to Children

Paula Taitelbaum

On the table of so many seats, there was the best muslin cloth that starched to perfection was like a magic rug that would take all the present people on a trip through many aromas and tastes. In the center, surrounded by trays and silver cutlery, porcelain, and crystal glasses, an arrangement of fresh hydrangeas picked hours before by Dona Luiza.

But, although that Christmas was like so many others, it would end up becoming the most special of all. It would be the first of many to be celebrated in the place which the family officially called a hotel, on 25th December, 1916.

And even if the description of the Christmas supper is only a figment of my imagination, even if we do not know if there were candles, muslins or porcelain, one thing is right: Christmas in family was like that, the Corrêas were reunited and, on December 25th, the young Danton, seventh child of João and Luiza, still did not know that his name would be engraved forever in the history of the hospitality of Canela.

Danton would turn 22 years old. He had been born on February 27th, 1895, in São Leopoldo, six months before the end of the Federalist Revolution, which started in 1893, and made Rio Grande do Sul the stage of a civil war, whose objective was ‘to free’ the state from the hands of the republican Júlio de Castilhos and conquer more political autonomy for the Gauchos. An armed conflict in which the Chimangos, defenders of the government who wore white scarves, would defeat the Maragatos, federalists who worn red scarves around their neck.

The outcome of the revolution certainly pleased Danton’s father, since João Corrêa was a member of the Rio-Grandense Republican Party. The young boy, himself, would get affiliated to PSD, the Social Democratic Party, which was republican. By the way, not only in politics but also in sports, he was always on the opposite side of the reds. On June 23rd, 1912, while the family started to build their house in Canela, Danton, at the time 17, helped the Grêmio Football Porto-Alegrense to defeat his traditional rival, winning by 6X0 in the Baixada, in Porto Alegre, and becoming undefeated champion two times that year. He played in the defense, with the legendary and unbeatable Schubach and Mohrdieck, and was part of that winning team until at least 1914.

In Porto Alegre, besides having created new moves at Grêmio, Danton attended the capital Engineering School and met the one who would be his first wife, Maria Bento da Silva. The couple would get married in 1919, and would stay together until her death in 1930. And it was with Maria Bento that Danton came back to Canela in 1924, year in which, thanks to his father’s big efforts, the train had finally arrived at the old Campestre. Incentivated by the Colonel – who foresaw many tourists arriving because of the train –,

Danton and his eldest sister, Josephina, created a society to administrate the hotel of the family. A hotel which, in 1924, was not only ‘a bedroom with two beds for couple and child’, like the one which started the activities on the Christmas of 1916.

Danton and Josephina’s idea was to expand the hotel that, since the Corrêas had moved to a house in the entrance of the town, accommodated more guests. Therefore, in 1926, while João Manoel Corrêa, Danton’s brother, was the intendant of Taquara, they started the construction of a new building, made of wood, with a more complete and comfortable infrastructure. The name chosen, demonstrate the grandiosity of the project: Grande Hotel.

Since the day when the Grande Hotel Canela was inaugurated, in 1927, Danton would never disconnect himself from it. It does not mean, however, that along with his life, he had exclusively dedicated himself to the administration of the hotel. Actually, Danton had an immense and intense political performance in the community.

On March 14th, 1926, he was one of the people in charge of the commission for the installation of Canela as the 6th District of Taquara. And, in 1930, he was nominated vice sub-intendant of the district he helped to create.

Unfortunately, Danton’s life was also made of losses, and in the same year, he became a widower of his first wife, Maria Bento, mother of his children Álvaro and Lecy. Two years later, in July 1932, he would get married to Anita Franzen, the one who became his right arm woman (and also the left) at the Grande Hotel Canela from 1934 on, when Danton acquired his sister’s shares in the society.

Anita’s participation, in fact, was extremely important to the expansion of the hotel, as Danton, besides administrating the hotel multiplied more and more his dedication to Canela. In the beginning of the 1930s, for example, along with the sub-intendancy of the district, he also took over the position of sub-delegate of the police department. His children say that, in this position, Danton implemented working time in the prison so that prisoners got more productive and deserved the food they ate.

It is not nonsense, therefore, that a newspaper had described him as having a “restless character, if not dynamic, along with the good will to the faithful performance of the duties he was in charge of.” That is: if anyone had any kind of

problem, any request, any suggestion to Canela, Danton Corrêa would certainly be able to help.

Despite the many commitments with the public life, he was always dedicated to the family, which would not stop growing. In 1938, when Canela was elevated to the condition of village – with 325 houses, 33 commercial houses, 4 factories, and 12 hotels and guesthouses – Danton and Anita put up a house attached to the Grande Hotel so that they could raise their six children: João Carlos, Darja Marilena, Mirna Aquiléa, Régis Danton, Luiz Fernando, and José Ângelo.

Talking about family, it is important to highlight that Corrêa was the most traditional last name in Canela, and not only thanks to Danton and his father. All João Corrêa’s children, in different ways, left their names engraved in the history of the town. Josephina, besides having managed the Grande Hotel for many years, was the one who, following her mother’s example, founded the first bakery in town. João Manoel not only was the intendant of Taquara but also helped his father to solve many problems during the construction of the railway (he had the idea of the ‘pigtail’). Carlos, when very Young, managed the family hotel with his mother and after was ahead of the father’s Stone quarry, besides having been intendant of Júlio de Castilhos and Montenegro, and administrator of several ports in Rio Grande do Sul. Aparício, an agronomist engineer, was an accountant at the company João Corrêa & Sons, worked at the state agriculture secretary, and acted as justice of the peace in Canela. Agnelo participated in all the father’s entrepreneurship. And, Luizinha, in spite of not having participated directly in the politics, got married to Mr.Vasconcellos Pinto, who was intendant in Cruz Alta, and with her husband started a new lineage of politicians: the son, João Alfredo Corrêa Pinto, was a mayor in Canela, José Velhinho Pinto would also be a mayor for two times.

Well, as to Danton, among so many political and social achievements had a direct participation in the creation of the town. In 1944, while the world felt the heavy shadow of the second world war on its shoulders, he was fighting to emancipate the town – conquered on December 28th, that year. It was not by chance that, in 1947, in the first election in Canela, Danton Corrêa was elected mayor with the majority of the votes: of the 1,947 electors, 1,064 voted for

him. He was empowered on January 1st, 1948, and among his firsts accomplishments he paved several streets and opened roads in the countryside of Canela. In 1951, last year of his mandate, he received illustrious visitors, among them the North American ambassador Herschel V. Johnson.

At the end of his mandate as a mayor, Danton was elected municipal councilor, with a very expressive number of votes. And, on November 8th, 1958, he was one more time elected mayor. He had more accomplishments like schools and churches and helped Canela to grow and to promote itself.

Meanwhile, João Carlos, his first child with Anita, was taking on the hotels tasks, and after, he would end up being the main administrator (along with his wife Helena) of the Grande Hotel, expanding and modernizing it. When he retired, his brothers, Régis Danton, Luiz Fernando, and José Agnelo (with the support of their wives, respectively Maria Luiza, Erna, and Camila), took on the board of directors, and nowadays they are preparing the succession to the new generation.

But, back to the past, despite the involvement of Danton in so many construction works and accomplishments, it was when he was at the Grande Hotel, with his wife Anita, that he felt he had fulfilled his mission: creating a unique place that could be (and it was), the scenery of a story filled with love.

Danton and Anita, a Love Story

Leticia Wierzchowski

Life always has its reasons, but that is something that Danton Corrêa could not imagine the day he met a young lady called Maria Bento, in Porto Alegre.

Danton was a jaunty man who looked like a movie star and for whom girls sighed. With Maria, things were not different. She fell in love with the handsome man who had come from the sierra to study in the capital city. They were having a date when João Corrêa, Danton’s father, called him to say that he had to return home to help the family with the construction of the so awaited railway Taquara-Canela. Danton got married to Maria Bento, and there they both went to Canela.

After some years, the railway was finally finished. Danton and his sister Finoca started to run the Corrêa’s hotel, the Grande Hotel Canela. Danton and Maria had two children, Álvaro and Lecy. But all of a sudden, Maria Bento died.

Danton was 35 years old when he became a widower.

The current year was 1930.

Danton accepted that loss with courage, as he always did with everything in his life. He was alone, with two small children to raise. But Mrs Luíza Corrêa was a brave woman. If life had tripped her son up, she would help him to get back on his feet. She soon had an idea. She knew where he could find a remedy for his pain. And such a remedy could be found very near, in the greeny Caracol, in the house of an old friend of the Correa family, Pedro Carlos Franzen. Was it not João Corrêa who had always said that the Franzen’s daughters would be excellent wives?

The fact is that the Franzen family had four beautiful daughters who lived in a house built with loving care and known in the region as the Castelinho – the little castle. The franzen’s home was a place surrounded with music. Each of the four girls played an instrument: Irene played the sitar, Anita the violine, Cora the guitar, and Ivone the piano. Many musical gatherings took place in the house, and the local men who had the intention of getting married would make a point of taking part in them. And it was there that Luíza Corrêa advised her son to go so that he could heal his heartache.

It was the perfect shot.

Danton enjoyed the visits to the Castelinho, and the Franzen’s sisters were very happy with the presence of that charming and misterious man. But, among the four, it was Anita who longed for him. When Danton arrived at the Castelinho, the lights of the world would turn on for her. A love story started there, among the pine trees and the musical chords.

Mrs Luiza Corrêa had not made a mistake: Danton fell in love with the intelligent and fun blond girl, the second daughter of Pedro Carlos Franzen. As he was a very determined man, as soon as he could he proposed to Anita.

Many musical gatherings happened until 1932, when Anita and Danton got married. Luiza Corrêa sighed with relief. In the altar, under heavenly blessings, the bonds between those families, which were so important to the progress of

the region and which shared the dream of building a prosperous town, were tied.

That marriage would also be the soul of the Grande Hotel Canela. Here, I move on a little to say that things rushed up after the day on which Anita had a gold wedding ring in her finger. Both were anxious to live, as if they knew destine would bring them many dreams and much work.

A time ahead, after an unsuccessful pregnancy, Anita had in her arms her first baby, João Carlos. He would be the only child to be born in the Franzen’s Castelinho, under the blessings of Anita’s sisters.

In 1934, Finoca moved to porto Alegre, and Danton took control of the Grande Hotel Canela. Before buying his sister’s shares, Danton got to his beloved Anita, with that special way of talking he had, and asked her:

– Would you be so brave as to take care of the hotel with me?

Anita would never say no to him, and answered:

– Wherever you go, I will go with you.

Few weeks later they would move to the hotel.

Standing in front of the main building, at the time made of wood, holding her little boy’s hand, Anita could never imagine that the place would be her house for the rest of her long life, and that during the next 65 years she would be the joy and the mainstay of that place. Along with her love for Danton, a passion for the Grande Hotel was also born in Anita Franzen.

Settled in their new house, they started to take care of it. Danton was surprised with the capacity of his young wife. She had studied in the famous school Evangelisches Stiff, but her knowledge about the hotel and its administration was inate. Nothing would slip away, from sumptuous dinners to the preparation of the starch to be used in the table cloths. She displayed an unfailing eye for everything, always thinking, organizing and inventing delicate novelties for the guests.

As if she were many, and not only one person – so beautiful, almost diaphanous – Anita would do many tasks: she would choose the English porcelain, the wines that arrived from Portugal and France for the summer season, organize dinners, sew linen, deal with suppliers and boil the soap used for washing clothes in steamy big tubs that were in the back of the hotel. She was born for that, although she did not know.

Maybe João Corrêa, in many of the visits he made by horse to the Franzen's Castelinho, had sniffed in the girl who played violine, the necessary gifts to implement his family's hotel, a feeling that later he would share with his wife Luiza. The thing is that Anita quickly became the soul of the place, fitting the hotel routine as a hand to its glove, and the wedding of the jaunty Danton with the young daughter of the Franzen's was announced effectively as a lasting success.

Danton was very jealous of his beautiful wife. Even with a very busy public life-in 1930 he had already been the district counselor of the 60. District of Taquara- he accompanied her in all business she had to do, and he was always around her. Danton sighed at her sight as he used to do at the time of the musical gatherings at the Castelinho, when he used to go back home taking wrong ways in the sierra, so madly in love he was.

It did not take long for Anita to find out she was pregnant again. Although her womb grew visibly, Anita kept doing her tasks untiringly. Some time after, with the help of Frau Feltz, the midwife, she gave birth not only to one baby, but two. Marilena and Aquiléa! They were so alike, one a copy of the other. Small, fair and delicate like the mother, they were a double prize for that love that, although late, was burning and eternal.

Danton fell in love with the daughters, and Anita decided that they would have compound names, as they would have to multiply everything in their lives. She named them Darja Marilena and Myrna Aquiléa, the name of one of her favorite flowers.

The arrival of the twins was a new breath of life for the family. Álvaro and Lecy, who lived in the hotel with the father and the stepmother, and the little João Carlos were fascinated by those two little girls who looked so alike, that one would think God was playing with them.

As the twins grew, running down the corridors and rooms of the hotel, they learned how to make the staff and the guests get mixed up with their similarity, one always looking like the other. One would never know if it was Marilena or Aquiléa who was taking air in the terrace or helping Anita to sew new linen for the bedrooms.

The twins loved when people got confused because of their similarity, and they liked to play tricks on their friends. Later in life, their boyfriends were submitted to the same

tricks, and so intimate were their existences that, unaware of it, Marilena and Aquiléa wove a common future in a city far away from the winter of the Serra Gaucha.

The love of Anita and Danton did not cool down, even with the uncountable tasks of the hotel and the frequent incursions Danton made in the public life of the region.

The stork was very nice to the couple:

In 1940, Régis was born.

Three years later, Luis Fernando came to the world.

In 1949, José Agnelo arrived.

The children were born in the hotel, and in the hotel they learned about work. Since a young age, each one of them had a task in the day-by-day of the place. They learned how to make butter, how to set the table and place the glassses and cutlery in the right way. They helped to slaughter the animals, they separated the fat and the tallow that remained to use in the preparation of the soap that they used for washing the clothes. The twins were responsible for the dessert. Lecy's task was to coordinate all the seven brothers and sisters, under the supervision of the restless Anita.

For the kids, it was an occasion to go to the train station by cart to wait for the ice that would come by train – giving to Canela an atmosphere of Macondo, and to the Corrêas ways of the Buendía in their lives full of wonderful daily adventures. Everybody was happy at that hotel perched on the top of the sierra, and love turned the place into one of the favorite destinations of the families who came from far away looking for mild temperatures during the summer season.

Nothing was difficult for Anita or for her children, and Danton was always ahead, building almost magically, two lives: one in the hotel with the family and the guests, and the other, a public life, in positions at the town hall. He was a district counsilor, a town counsilor, a vice mayor, and two times the mayor of the town he loved with all his soul. During all this time, Danton Corrêa never accepted a salary. Anita used to tell him that he was chosen in order to donate to the town his work, without receiving anything in return.

Although he was busy opening new roads and building schools, Danton Corrêa was always present at meal time. The children were happy and obedient, living in such a wonderful place that those childhoods, among dozens of

bedrooms, a kitchen the size of a ballroom and full of boxes of fruit and delicacies, English porcelaine and collective work, remained untouchable on their minds, and also on the minds of the following generations.

It is important to say that that the winters at the time of this story found the doors closed at the Grande Hotel Canela. The inclemency of the cold weather in the sierra used to scare guests in a time when central heating was only a dream, and when it was necessary to have the comforters made with geese feathers close to the fire so that they got warm and the kids could sleep the whole night.

On the coldest days, Danton used to go to his annual hunting excursions with his friends. When the sons grew up, they would follow him on those adventures, while the daughters would keep company to Anita or would go shopping in Porto alegre. The men used to go to Cambará or São Francisco de Paula. First, they would go by horse, after, as time went by and progress arrived, they would go by car, and would come back loaded with partridges, capibaras and armadillos.

It was a deserved rest for the summer that would come, with the hotel crowded with families that would stay for one or two months. In the parks and in the hotel rooms there used to be lots of friends, boyfriends and girlfriends for Anita and Danton's sons and daughters. The parties at the hotel were very famous and until nowadays are remembered with smiles by the guests of that time.

There was one in special...

It was Carnival, and the hotel lounge was full of animated guests.

Among them, was Anita, as usual,wearing a fancy dress and surrounded by many people. Danton walked around, but he would not take his eyes off of his wife. In one of those times he saw a man gazing at her. Danton waited a few minutes to see what was going to happen, but the dancer kept on looking at her, as if he was in love with her. Suddenly, he felt as jealous as he used to be, so he crossed the room like a lightning bolt, an grabbed the man by his shirt. In front of everybody, he threw the man out of the window, making him fall on a bed of flowers, expelling him from the rooms of the Grande Hotel Canela for good.

Well, it was a love like few would have, the love of that couple...

Time went by, the children grew old. The twins got married and their grooms were cariocas – from Rio de Janeiro. Danton proudly entered the church with the daughters, one on each side, both alike in beauty and happiness, a scene that remained in the memory of all the people who were present at the wedding ceremony. After their wedding, Darja and Myrna went to live in Rio de Janeiro with their husbands, coming back to the hotel on their summer vacations. João Agnelo met his wife Camila in the hotel rooms. Love multiplied under Anita's kind eyes, while Danton administrated the town hall once more.

Other children were born, Danton and Anita's grand-children. Maria Tereza, Carla Regina, Rosa Helena, João Francisco, Marta, Cláudia, Álvaro, Carlos Augusto, João Henrique, Daniel, Adriana, Maria Valéria, Luiz Eduardo, Adolpho, Cláudio, Cybele, Danton, Lísia, Priscila, Martina, Mariana, Paula, Luíza and Eduardo were born.

Among so many arrivals, a departure: Danton Corrêa died at 70 years of age, of a heartstroke. The year was 1965. Danton was still a very strong and active man. He left Anita with a unwary farewell.

But Anita Franzen had a strong character, and she went ahead with her life. She was taken cared by her children and loved by her granchildren. She was a queen in her hotel. The grand-daughters would come every night to sleep with grandmother Anita, and despite missing her husband, all that affection given to her by all of the grandchildren made her feel like once before, when her children helped her with the daily work of the hotel.

The grandchildren learned to help in the parties and also learned to love the Grande Hotel Canela, their home.

And time went by...

Inclement, restless, spreading good and bad things, making the hydrangeas bloom and seeding the winter frosts.

The heartstroke that took João Carlos away – like his father – definitely devastated Anita. João and Camila helped her take care of the hotel during thirty five years, and she felt really alone after that loss.

On the day of the burial, hold by five of her offspring, she said with a sigh:

– To bury a child is the price we pay for living long.

Anita died at a very old age, surrounded by a large descent, in the hotel she loved so much. Lying down on her bed, in her last moment, Anita Franzen could still hear Danton's soft voice whispering to her decades ago:

– Would you be brave enough to take care of this hotel with me?

And she still knew by heart her answer, which was said in the fire of that love she felt for her handsome husband:

– Wherever you go, I will go with you.

And she went.

Everything in this life is history. A town is history, a hotel is history, and a family, with its tendrils that spread and branch in the space and time, is also history.

Danton and Anita left a large descent that will increase as years go by, spreading all over the world the seed they planted on the top of the sierra. As I finish this shortstory, the couple's great-grand-children total thirty nine souls, but others are on the way.

Cronology

Based on historical facts and data taken from the Corrêa family's acquis, this timeline with events of the region, the state and the country can help us understand the facts and deeds of past times. Oral narratives and memories passed through generations contextualize the events that influenced the development of the Serra Gaúcha.

1822

Proclamation of the independence.

1824

Beginning of the arrival of German immigrants to Rio Grande do Sul.

1863

On February 16, João Corrêa da Silva was born in Santa Maria da Boca do Monte, son of Lieutenant Manoel Corrêa Ferreira da Silva and Luiza Juliana Sunnet. On September 16, in the same year, Luiza Frederica Burmeister, who became João's wife, was born.

1864

Beginning of Paraguay War.

The mountainous region of Rio Grande do Sul is still inhospitable and virtually desert, with vast open fields where cattle drivers stopped for some rest. Some properties are already organized, like Fazenda do Faxinal, which belonged to Felisberto Soares de Oliveira.

1866

Lieutenant Manoel Corrêa Ferreira da Silva died in the Paraguay War, João Corrêa's father.

1875

Beginning of the arrival of Italian immigrants to Rio Grande do Sul.

1881

Wedding of João Corrêa and Luiza Burmeister, both 18 years old. They had eight children.

1882

João Corrêa, at 19, gets to know Campestre Canella, region that at the time belonged to Joaquim Gabriel de Souza. He gets fascinated with the place and dreams of buying lands and building a railway.

1888

Abolition of slavery in Brazil

1889

Proclamation of the Republic.

1894

João Corrêa and his brother Agnelo Corrêa, director of Banco da Província de Porto Alegre, founded the Irmãos Corrêa Company. To give sequence to other enterprises, João Corrêa moves to São Leopoldo.

1895

Beginning of the Federalist Revolution in Rio Grande do Sul, which lasted until 1895. Violent fightings shake the state.

In São Leopoldo, on February 27, Danton Corrêa da Silva was born. João Corrêa's seventh child.

1898

João Corrêa beats competitors and contracts the reconstruction of the roads Montenegro to Nova Prata and Caí to Caxias do Sul.

1899

The state government opens a competition for the construction of a railway to connect Novo Hamburgo to Taquara and Canela. João Corrêa, his brother Agnelo Corrêa and Augusto Carlos Legendre take on the contract.

1900

The government of RS contracts the construction of a road to connect Caxias do Sul to Vacaria, and of the metallic bridge of Passo do Cofre, over the river Rio da Antas.

1902

Beginning of the construction of the railway to connect Novo Hamburgo to Taquara and Canela.

1903

August 17, the inauguration of the railway Novo Hamburgo to Taquara. João Corrêa and his brother Agnelo go up the mountains determined to buy the “Canella”, but they only buy lands that surrounded it, lands that belonged to Felisberto Soares de Oliveira.

The inauguration of the motor road to Canela.

Inauguration of the construction of the railway Taquara to Canela.

1904

The João Corrêa Company, active in the construction and reconstruction of motor roads, has, according to reports of the state public constructions, “600 workers”. The company is contracted by the state to open motor roads in Linha Bonita, Campo do Canela em Cima da Serra and Sapiranga to Herval, with the purpose of facilitating the flow of agricultural produce through the railway that connected Taquara to Novo Hamburgo.

1905

On October 17, Anita Franzen was born. Registered as Augusta Sommer Franzen, in São João do Monte Negro. She would be Danton Corrêa’s second wife.

1908

On May 6th, João Corrêa buys lands in Canela from Ignácio Saturnino de Moraes.

1910

João Corrêa beats competitors in a public competition of the Ministry of Aviation for the construction of the railway branches of Dilermando de Aguiar to São Pedro do Sul, and São Borja to São Luiz Gonzaga.

1911

João Corrêa Ferreira da Silva constructs a railway branch from São Leopoldo to Fazenda São Borja. After that, he constructed tram lines connecting São Leopoldo to Novo Hamburgo and Hamburgo Velho.

1913

Canela receives its first school, which was before settled in Saiqui.

João Corrêa builds his house on the borders of Campo de Canella.

1914

Inauguration of 20 kilometers of railway between Taquara and Sander, which facilitates the arrival of vacationers to hotels and guesthouses that surrounded Canela.

Pedro Carlos Franzen begins the construction of his house: the Castelinho do Caracol, which until nowadays belongs to his descendants.

1916

On December 25, João Corrêa and his wife Luiza open their house to receive guests, the origin of the Grande Hotel Canela which is until today under the administration of the same family.

1919

Danton Corrêa gets married to Maria Bento.

More than twenty kilometers of the railway are finished and the railway reaches Varzea Grande, a district of Gramado.

Beginning of Henrique Feltes’ Hotel in Canela downtown to accommodate businessmen and travelers. It would work until the end of the thirties.

1921

On April 9th, the president of the Province of Borges de Medeiros takes on the construction of the railway Taquara to Gramado, with more than 10 kilometers finished.

1923

Beginning of the Revolution of 23, an armed revolt led by Assis Brasil in order to bring down Borges de Medeiros, dividing Rio Grande do Sul between Maragatos and Chimangos.

1924

The President of the Province of Borges de Medeiros takes on the construction of the rest of the railway to reach Canela and pays João Corrêa much less than he had spent.

João Corrêa is elected Municipal Intendant in São Leopoldo, confirming his position as a leader of the Republican Party and an esteemed entrepreneur in the community.

The arrival of other families which bought pieces of land to live and to spend vacations in Canela.

On August 1st, the train, making a total of 58 kilometers, gets to Campestre Canella, and on the 13th, the railway station of Canela is inaugurated. João Carlos started to run the Grande Hotel Canela.

1926

On March 2nd, Campestre Canella is elevated to the condition of District of Taquara, through the Act number 309. João Manoel Corrêa, son of Colonel João Corrêa, takes the position of intendant in Taquara.

On March 14th the opening session of the 6th district of Taquara is held, with the main office at the Grande Hotel Canela. The reproduction of this document is found at the Museu do Grande Hotel Canela.

1927

Danton Corrêa inaugurates the central building of the Grande Hotel Canela, build with wood of the region.

1928

On March 16th, Colonel João Corrêa da Silva dies in São Leopoldo, he was still the Municipal Intendant.

1930

Maria Bento,Danton Corrêa’s wife, dies.

Danton Corrêa is appointed deputy sheriff of the 6th District of Taquara, with Main Office in Canela. Inauguration of the electric power plant Usina da Toca, counting with the presence of Getúlio Vargas.

1931

Danton Corrêa is appointed deputy sheriff of the 6th District of Taquara.

1932

On July 30th, the wedding of Danton and Anita Franzen, with whom he had 6 children, most of them were born at the Grande Hotel Canela.

1933

Canela’s central square receives a statue in homage of its founder and is named Praça João Corrêa.

1934

Danton Corrêa buys shares of Grande Hotel Canela from his sister Josephina.

1938

Canela is elevated to the condition of Village.

On January 16th, inauguration of the church Nossa Senhora de Lourdes – our present Catedral de Pedra – on a site donated by Mrs. Luiza Burmeister Corrêa.

Danton and Anita’s family move to the house built for the family, attached to the hotel.

1939

Setting of Canela’s first cellulose factory, the first in Latin America, with a thermoelectric plant that helped provide part of the electricity to the rest of the town.

1944

On December 28th, the emancipation of Canela Town by state law decree number 717.

1945

January 1st, the setting of Canela Town.

On January 7th, the inauguration of Canela’s Evangelic Church built on a site donated by Mrs. Luiza Burmeister Corrêa.

1946

Maria Luiza Burmeister dies, João Corrêa’s widow.

1947

Danton Corrêa became the first elected mayor of Canela.

1948

Danton Corrêa da Silva takes on Canela’s Town Hall, a mandate until 1951.

1951

Danton Corrêa is elected a town councilor in Canela

A big horse riding event is held in Canela, it was attended by the state governor, General Ernesto Dornelles.

1960

Danton Corrêa is elected mayor of Canela for a new mandate, from 1960 to 1963.

1962

Danton Corrêa receives Governor Leonel Brizola in Canela, for the inauguration of Fábrica de Acordeões Soneli.

1963

The line of the train to Canela d stops its operation.

1965

On March 15th, Danton Corrêa dies.

Anita Franzen Corrêa keeps running the Grande Hotel Canela along with her son João Carlos Franzen Corrêa.

1977

Anita Franzen Corrêa is paid homage as a dean of the hospitality industry in Rio Grande do Sul.

1986

The Escola Superior de Hotelaria da Universidade de Caxias do Sul is set in Canela.

1991

A council formed by the brothers Régis Danton Corrêa, Luiz Fernando Corrêa and José Agnelo Corrêa take on the administration of the Grande Hotel Canela.

1996

Anita Franzen Corrêa is paid homage as a Prominent Personality in the tourism of Rio Grande do Sul.

1998

Anita Franzen Corrêa dies in Canela.

2016

The Grande Hotel Canela turns 100 years old.

The Grande Hotel has a History to Tell

Liliana Reid

Now that I arrived at the advanced age of 100, I have many stories to tell. I have been here for a century. Before, there were fields, grazings, and abundant native forests here. A leafy cinnamon tree gave the village the name of Campestre Canella. Its shade friendly sheltered people that passed by with herds of cattle coming and going to the Campos de Cima da Serra. Maybe, my vocation to receive travelers was born with the energy that was spread here.

This vocation started to pulse when João Corrêa built, exactly here, almost under my shade, a house for his family.

The house was always full of visitors, as João was so enthusiastic with the region that he wanted to show to his many friends the natural beauties and the enthralls of his ‘Camp-estre’. He used to bring authorities, businessmen, relatives, and many times friends who were sick and looked for the healthy climate of the place. Everybody was invited to stay at the Corrêa’s.

Mrs. Luiza Corrêa, João Corrêa’s wife, who received everybody, suggested that the best thing to do was to open a hotel. The idea was accepted, and on December 25th, 1916, I started to work and I became the most popular vacation hotel in the town. Because of this, the family had to move to another house in the entrance of the town, and the constructions made by João were transformed in exclusive bungalows for the visitors.

I was born here, and I have always been here, while people passed. My walls filled with music, whispers, voices, dreams, laughs, and weeps keep in each fiber of the wood the records of people’s stories, of the time and achievements I witnessed. Many children were born and nursed here, and I also woke our patriarch João Corrêa, Danton, and other family members, receiving the homage of those who loved them.

With the arrival of the train in 1942, the number of tourists increased, curious to know the new vacation spot. It was then that João Corrêa’s eldest daughter and youngest son created a society to administrate me and to promote the coming of more vacationers. So, in 1927, Danton inaugurated the central wooden made building, maximizing my capacity of receiving guests and, in the opening I received this beautiful and grandiose name: Grande Hotel Canela.

In 1934, Danton’s and his sister Josephina’s society was dissolved. It was in this year that he asked Mrs. Anita Corrêa if she would take the challenge of being an hotelier. She accepted, and during 65 years she was the tireless hostess, the matriarch that left the mark of her personality and her sweet smile, having been a prominent person in the tourism and hospitality in Rio Grande do Sul.

With so much modernity nowadays, it is very difficult to imagine, but it was not easy to be an hotelier at the time electricity had just arrived, the streets were not paved, there were no cars and no supermarkets, no computers not to mention the internet, but Danton and Anita managed everything to perfection.

In the next pages, many memories are told, memories found among the papers that were carefully kept and preserved by the Corrêa family in respect and homage to past times that are still alive in the memories of my construction, that, despite old, gets renovated and updated day by day in order to continue hosting with comfort the travelers that arrive. The same way that old cinnamon tree that gave the name to the town used to do.

Documented Memories

As soon as the decision of opening the hotel was taken, everything started to be controlled in the big log book bought from Selbach Commercial Publishing, dated from January 8th, 1917, the oldest document found among the belonging of the Grande Hotel.

From that date on, nothing was left out:

– A room for a couple and a child;

– Bungalow nº6 – a bath at 4 p.m;

– Livery of a horse \$ 1.500;

– Alfalfa for the horses \$600.000...

In February, beers and poppers brought by traveling salesman announced Carnival.

For the kitchen: a can of olives, a can of peas, and items from the bakery:

Payable 1 bag of wheat flour, receivable 20 loaves.

They recorded credits and debts, the name of the guests who arrived and what they ordered for their own consumption, like benzoin soaps, matches, and also all the goods that the family consumed, like cheese for *Frau* Corrêa and 1 Hollandeza for *Janguta*.

It was the first log book of the hotel. It recorded how much the guests paid when they left, the cash withdrawals of the gardener and employees, everything was written down on the pages whose heading was ‘News of the Day’. The baths taken by the guests were charged separately, as well as the orders and the purchases of each family were debited to their respective bungalow. Baths, soaps, liters of milk, candies for the kids, toothpicks, vegetables, butter, lard, what was due and what was charged, everything in the same log book to keep under the attentive control of Mrs. Luiza Corrêa. In the book you

could find out what was fashionable at that time: they used to drink Primor beer and Rheno and Bordeaux wines. And like this, they would sum the profits in Contos de Réis – currency at the time – and the hotel started to grow.

Narratives and Memories

(Narratives and memories written by Aquiléa Corrêa Homem de Carvalho and Marilena Corrêa Cavalcanti, the twins, João Corrêa’s granddaughters.)

Until the 50s, you would reach the hotel by the front of the central building, where there was a small lake with a wall covered with ivy on one side and a cypress fence on the other. The access was made through a wide stone front stair at the top flanked by big bushes of delicate white flowers called ‘bride veil’. A pathway paved with stoneware led to the main front porch, from where you could see an alley of hydrangeas. It was through this way that you arrived at the reception. The just-arrived guests had to fill by handwriting their main information in the register book. It was obligatory to show the wedding certificate, and in some cases, a medical certificate stating the person was not a bearer of infectious diseases.

It is told that the first seedling of hydrangea was brought from Petrópolis, Rio de Janeiro, by Mrs. Luiza Corrêa, João Corrêa’s wife, to the Grande Hotel Canela.

The telephone of the hotel was in a rectangular wood box hanging on the entrance wall of the office. There was an only telephone set, number 12. To make calls, you had to crank the handle up. On the other side the operator, at the Canela Telefônica Central, put the requested calls through, which could take hours to be answered.

In the Cosiness of the Sierra

In the building erected in 1927, there were around twenty rooms, with bathrooms at the back, masculine, and feminine, supplied with cold and hot water. In the rooms, jugs and bowls on a sideboard that later were replaced by English porcelain washbasins with water connection. The drinkable water came from a spring located on the hotel premises and was poured into magenta clay jars.

The wood bungalows did not have a standard pattern and were built according to the financial availability of the owners, and the projects were made by Danton and Anita, who always

looked for the best location so that the rooms could receive the morning sun, indispensable to the cold weather.

The bungalows were in a row on both sides of the main building: on the right side from 01 to 10, and on the left from 11 to 19. In all of them there were living rooms in the entrance, one or two bedrooms, and a bathroom made of masonry, in the beginning, with bath tubs, that later were replaced by electric showers.

The beds were iron ones with resistant slats and mattresses stuffed with horsehair and padded with striped fabric. The pillows were stuffed with goose feathers and the comforters stuffed with very well carded sheep wool and padded with colored big flowers patterned fabrics. The linen was made of white pure cotton cretonne and the bedside tables were topped with hand-embroidered cloths finished with delicate crochet laces made by the owner herself.

The hotel was searched by couples on honeymoon. For those occasions, the bungalows had a special preparation: an ice bucket with champagne and crystal coupes. Sometimes the families brought their own embroidered and laced linen, made especially for the occasion. Many couples still come back to celebrate their wedding anniversaries and to remind the days spent in the hotel.

Of Oven and Stove

One of the attractions of the hotel was the kitchen. The recipes that were in the family for generations added up to the culinary secrets and guests’ specialties. Breakfast was served in the smaller room. The rye bread, the corn bread, and the streusel kuchen – kind of cake topped with butter and sugar crumbs – served with jellies, honey, and creamy cheese, invited guests to start the day.

Many guests made a point of waking up very early to go to the milking yard, drink the thick and foamy milk, just milked by Seu Basílio or Seu Artidório, whose grandson, Egídio, grew up listening to these stories and has worked there as a waiter for more than forty years.

Until the 60s, the Grande Hotel had adopted the full board system, with lunch, dinner and afternoon snack included in the tariff.

The bell rang inviting guests for the meals which were served in the big room, with capacity for up to 200 people.

The tables covered with white jacquard cloths and napkins folded in the shape of fans were served by waiters that already knew the taste of the regular guests. The meals started with bread, butter, and soup, followed by a varied homemade menu which always had tasty steaks made on the big wood stove sheet, supervised daily by Mrs. Anita Corrêa.

For dessert, at lunch, it was served fig, peach and quince sweets, guava sweet with cheese, Orange peels in syrup and other homemade delicacies prepared with fruit from the backyard of the hotel. For dinner, they served layer cakes of varied fillings coated with white meringue carefully adorned with the tip of the fork. Many of the recipes were taken from the book by Yaiá Ribeiro, and others were created by the women of the family, like the emeraldine pudding by Mrs. Luiza Corrêa, and the coconut pudding by Mrs. Anita Corrêa, that were the favorite of the guests as well as the grape juice tapioca pudding, jelly, and the Rei Alberto pudding, always served with custard. There was no mixer neither blender. Everything was made by hand in big enamel or metal bowls and with big wood spoons. In the high season, Dona Virgulina would come from Banhado Grande to spend days preparing sweets in copper pots. The green figs, after boiled in water with ashes, were peeled and immersed in a syrup with cloves and cinnamon sticks, acquiring a transparent bright green color.

Iron, Fire and Ice

Before the advent of the home appliances, the clothes were washed in huge tanks with homemade soap bars, whitened on the grass and dried in the sun. The irons were heated with coal, and the linen, after being very well folded, were passed between two wood rolls manually operated by a handle on an English machine made originally to make pasta, and creatively adapted by the hotel staff in order to let the sheets very smooth. To help move the old machine – which is still part of the hotel memorabilia – was an entertainment for the boys of the family.

Provisioning, at that time, was very complicated, and almost everything was made by the family and their assistants. They had geese, chickens, eggs, jams, sweets, and a big orchard. The first freezers of the hotel were not electric; they were made of wood, coated with metal inside. To preserve food and beverage, they had to be supplied daily with big bars of ice which came from Taquara Town, 40 kilometers far from Canela. The hotel museum keeps a Steigleder fridge in perfect conditions.

Until the end of the 50s, the production of eggs was seasonal, and to have them the whole year and supply the high season it was necessary to preserve them in big tubs where they were submerged in a thick liquid formed by water and lime and stocked in the basement.

Silent Night

On Christmas, the best part of the party was the preparation. In the beginning of December, the cleaning of the house and the painting of the rooms were started. Many hours dedicated to the list of presents and their preparations. The old Mundlos machine worked non-stop sewing new clothes, dresses for the dolls, curtains, and green and red crepe paper bags to wrap the presents. The Christmas tree reached the ceiling. It was a natural pine tree handpicked for the party and decorated with red, green and blue balls, silver wreaths, bells, and colorful wax candles. After the supper, all the family joined around the adorned tree to sing Silent Night to the sound of the piano played by a member of the family. The Christmas crib was made in details. Mirrors turned into lakes, and the trails were made with sand and stones. Near the manger, filled with straw, were John and Mary, the donkey, the sheep and the shepherds. The three kings stayed on the furthest trail and got closer and closer to the manger until they were beside baby Jesus, on January 6th, the Three Kings’ Day, when the tradition in town was to receive the visit of the ‘Terno de Reis’ – group of singers – that arrived singing the story of Christmas and whose members were always invited to have dinner.

Entertainment and Art

Leisure at that time was very different from today: horse-drawn cart rides or horse rides, table tennis and cricket games, volleyball championships with the guests of the hotels in Canela and Gramado, excursions to Caracol waterfall and to Laje de Pedra to enjoy Quilombo valley and its scarps from the top of Chapadão – a high plain – or walk by the side of the railway to Gramado to come back in the afternoon train. The walk to the square to watch movies at the Selbach family’s movie theater and to have an ice cream at Dona Amália’s coffee shop and the cards game was the night entertainment.

With the arrival of the train, the train station became a meeting place at 5 p.m, with boys and girls waiting for the news. The same happened with the mass on Sundays and

the dancing parties at the Corrêa’s hotel, where the entry was free and professional and amateur musicians played for fun.

The Carnival in Canela was very famous. The balls took place at Clube Serrano, with happy buffon groups, election, and the crowning of the queen, people in costumes like an odalisque, pierrot, gypsy, and columbine. The popper was part of the play in the ballroom and it could be bought in glass or metal tubes at the bazaars and at the reception of the club.

On Monday the ball was held at the big room at the Grande Hotel. The preparation itself was a party, with guests helping with the decoration, drawing and painting masks that were hanged with colored streamers. On this day, dinner was served earlier and right after dinner the tables were taken to the corners of the room, and packs of streamers were put on them, and the party started at the sound of the Carnival marches played by the orchestra ‘Flor da Serra’.

The rooms of the Grande Hotel had always been the stage for many celebrations, wedding parties, commemorative lunches, Rotary and Lyons Club meetings, and were the elegant spot where families and Canela’s society got reunited. Great ideas and decisions were taken during dinners and meetings, also political campaigns and initiatives like the construction of a church or a new surgery block for the hospital.

The Freshness of Vacations

The majority of the tourists came from Porto Alegre and other towns of the state. They would come to the sierra to rest and enjoy a milder weather during the Summer, although the householders did not use to stay all the time, only on the weekends.

Many bungalows were occupied by the same families in all the seasons, and for this reason they became known by the name of their guests, for example: nº 01 was Fidoca’s and Mrs. Maria do Carmo Mendonça Lima; nº 6, Mrs. Tininha Bulau’s; nº 14 Canabarro’s; nº 15 Di Primo’s. Nº 18 was rebuilt for the arrival of the State Intervenor, General Cordeiro de Farias, and for this reason a telephone set with a direct line to the Palace was installed in the room. There were also the bungalows of the Dabdab family, Mrs. Hilda Katz’, Mrs. Joantina Huck and the Maisonnave’s. There was not a number 13, as many guests were superstitious, as opposed to Danton Corrêa, who considered 13 a lucky number.

Modern Times

In the beginning of the 1950s, with the development of the tourism in the Serra Gaúcha, the Grande Hotel Canela started to work during the whole year. The facilities were updated, replacing little by little the wood constructions of the 25 bungalows- some with fireplace and iron heaters – by masonry. The park and the garden were enlarged. A dam was built, and the ponds became the Grande Lago – big lake. But, the hotel grew without losing its identity of being run by the family.

Around the 1960s, the construction works of the central building were started in order to offer more comfort to the visitors. In the 3.200 square meters of constructed area were the reception, offices, warehouse, lounge with fireplace to warm guests up in the cold winters, bar, breakfast room, the big restaurant with view to the lake, games and events room, pantry, and a huge kitchen that despite of its modern equipment still holds a wood stove.

The corridors of the basements, shelter the cauldrons that feed the central heating and the water and serve as a passageway to other blocks to the hotel employees.

The Cream of High Society

Along the years, many distinguished guests spent vacations at the Grande Hotel Canela.The memory of their stay was rescued on the pages of the Guests Log Book, carefully preserved by the Corrêa family. The reading of the old pages, reveals interesting facts related to the presence of old vacationers like the politician and journalist Lindolfo Collor, grandfather of the ex-president Fernando Collor de Mello, who in the 1930s used to stay at the Grande Hotel. It is told that it was there that, inspired by the quietness of the place, wrote the book Garibaldi e a Guerra dos Farrapos.

In 1932, the Renner brothers – AJ Renner, 48 years old, and Kurt Renner are registered.

Also arrive for New Year’s Eve the couple Oscar and Clothilde Bastian Meyer with their daughter Lya, the pioneer of the classical ballet in Rio Grande do Sul. Along with them, comes the German fiancéé of the acknowledged ballerina, Henrique Schmitz. The couple would get married in the next year, and would build their vacation house in Canela.

In 1935 the widow Mrs.Ilza Pinto Chaves Barcellos, at the time 54 years old, is registered. A new register in January of

the next year shows that she was a regular guest and friend of the Corrêa family. Mrs. Ilza Pinto Chaves Barcello incorporated her culinary secrets into the hotel cooking. Also of the same family,

Ismael Chaves Barcellos signs the guest’s log book in the decade of 1930.

In 1941, there is the signature of Mafalda Veríssimo, at the time 27 years old. She and her husband, the writer Érico Veríssimo, used to spent their vacations at the hotel.

In the 1950s, Ildo Meneghetti stayed in bungalow nº 67, when he was elected governor of the state. Later on, he would build a beautiful house in Canela.

For seven years followed, there are registers of Doctor Bruno Marsiaj’, an eminent doctor in Rio Grande do Sul, on his vacations with wife and children.

Representatives of the high society of Rio Grande do Sul also stayed at the Grande Hotel: Germano Petersen, Manoelito de Ornelas, Ernani Fleck, the Nesrala family, the J.H.Santos family, Doctor Eduardo Faraco, Doctor Moisés Velhinho, the publisher José Bertaso Filho , the Ritters, the Roseblatts, and so many others like Manoel Braga Gastal, who celebrated his 80 years of age at the Grande Hotel and was received by Mrs. Anita Corrêa in the prime of her 91 years of age.

A Bungalow, a Museum

In one of the old bungalows is the museum, which reproduces, in its small rooms, the ambiances of once upon a time, with original furniture and belongings of the time of the inauguration. The bedroom with iron bed and crib, the dining room with utensils used in the pantry and kitchen, the bathroom, old objects used in the day-by-day, and documents that constitute authentic witness of the beginning of the hospitality and of the tourism in the Região da Hortênsias.

The New Grande Hotel

The Grande Hotel Canela is located in a privileged and central place in town, amidst a park with an área of 7 hectares covered with lawns, gardens with flowers and hydrangeas of different shades, pine trees, cypresses and alleys, and woods that invited for some rest in the silence of its shadow and in the magic of its enchants.

In December 1977, a new building was inaugurated, replacing the old wood building.12 more rooms with view of the park were built.

From 1991 on,the Grande Hotel Canela started to be administrated by a counseling board formed by the fourth generation of the family, the brothers Régis Danton, Luiz Fernando and José Agnelo Corrêa, who introduced a new managing model, focused on the preservation, in the sustainable management, in the concern with the ecology, and mainly in the respect to the needs and well-being of their guests.

In a natural park with 85 thousand square meters of constructed area, the Grande Hotel Canela has 34 private and independent bungalows and 92 rooms which offer a total of 276 accommodations, all equipped with air-conditioner and central heating, and 5 events rooms with capacity for 680 people. The leisure area has soccer and tennis courts, indoor heated pool, jacuzzi, sauna, fitness room, ecologic trails, coffee shop, bar, piano, indoor and outdoor barbecue places, bocce court, gourmet space, meeting rooms and movie room.

The 1926 building is still there, imposing in the center of the park, and it is called ‘casarão’- big house. The old kitchen was turned into a ‘grill place’, where guests can prepare their own churrasco and organize food events.

Cultivating, since 1916, the spirit of hospitality and the art of welcoming with a focus on environmental sustainability, the Grande Hotel Canela offers today all the experience acquired allied to a constant updating in the hospitality sector, aiming for comfort and total guests satisfaction.

Tributes

In the year of the centennial, many celebrations were held at the Grande Hotel Canela.

The varied agenda of 2016 started with the traditional New Year’s Eve Supper at the hotel, which was illuminated by the firework on the lakeside and by the hospitality that was born at the place a hundred years ago. The beginning of the year was welcomed by more than two hundred people, bringing family, friends, and guests together.

The agenda of the year started on January 6th with the performance of the ‘Terno de Reis’, who blessed the celebra-

tions season with folk chants sang by the Seibt family and reunited the community. The walls of the Grande Hotel received a photographic exhibition from the archive of the collector Antônio Olmiro dos Reis and historic documents rescued by the researcher Marcelo Veek, like the minute of the installation of Canela as the 6th District of Taquara, in 1926. Such a special date was celebrated at the Câmara de Vereadores de Canela, in a solemn session, on the same day, March 16th, ninety years after.

During the whole year, several cultural events were held, and the community could participate in these historic moments of celebrations. The highlight was the Sonarte Company, an initiative that gathers children and young people through music and that elected the Grande Hotel as the official place for the rehearsals and performances. Since 2015, dozens of recitals were held, including the performance of string groups, flute, and choirs, a set of cultural events that touched everyone. In 2016, the Sonarte Company with the Orquestra Jovem de Canela, besides making concerts also composed the jingle in celebration of the centennial, which is played on all special occasions.

The Canela Instituto de Fotografia e Artes Visuais held its great annual event, the Canela Foto Workshop, exclusively at the Grande Hotel. It joined gaúcho photographers that documented with their lenses the beauties of the place, and the two hundred meters of the fence in front of the lake were taken up by photographs and art.

On June 22nd, at the Palácio Farroupilha, the Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul paid an homage to the hotel with an expedient in celebration of the 100 Anniversary, an initiative of the Deputado João Fischer.

A commemorative postage stamp was printed in order to circulate in the mailings and diffuse the important date.

Events in town mobilized citizens and tourists in recognition to the role played by the Grande Hotel Canela as an agent of the development of the region. The João Corrêa School, paid a beautiful homage to the hotel, bringing to their student and to the community the history of the Corrêa family’s saga. It is also important to mention the homage held by ABIH during the Festuris in the previous year when agents and entities related to tourism were reunited in a prestigious lunch in the hotel and when Anita Corrêa Moreira, representing the fifth generation of the family, received a commemorative plaque on behalf of the family.

So many remarkable tributes and cultural events during the year of the centennial brought up the constant vocation of being a cultural agent and of preserving the memory of the beginning of tourism in the Serra Gaúcha that the Grande Hotel Canela has.

These pages, like a pictures album, present some messages chosen among so many others that the Grande Hotel Canela received for its centennial and show, before the final credits, pictures that marked these times that will be remembered forever.

Seu Danton’s Hotel

Heloisa Vellinho Corso

From 1949 to 1953, my family spent our vacation in Canela, at the Grande Hotel, which, for us, was the hotel of Seu Danton.

Great moments of my adolescence were lived there. Young people joined in front of the hotel, in benches under the trees. And there were many. Not only the guests but also friends that had vacation houses in Canela and took their own friends along.

If we were not sitting there, it was because we were playing table tennis. Sometimes tournaments were organized. My brother was the champion one time. A pride for the family.

We also used to have a walk. I remember one day we, more than 20 people, went to Laje de Pedra to watch the landscape. There was no hotel there yet. The boys, we used to call ‘guris’, helped us to cross the wiring fences, what was a kind of adventure. When we arrived on the edge, we enjoyed that wonderful view.

In the evening, we used to go to the movies, and after have a coke in the bar that was beside the movie theater. For me, the high point of the stay was the Carnival. In the first year, we went to the kid’s Ball. Marilena and Aquiléa, Seu Danton’s daughters, and our dear friends, lent us costumes, and there we went, walking on a trail behind the hotel to Clube Serrano.

But in the following year, we went at night. The ball at Clube Serrano was on Saturday. On Monday, it was at the hotel. First, we had to ask permission to Seu Danton. After, we would go from house to house to invite the people we knew and who were also on vacation in Canela, and

collected money to pay the orchestra. The other guests also contributed. I do not remember anyone who would refuse to cooperate. I do not remember at what time, but it was after dinner, the room already decorated was open and the party started. These balls on Mondays were always a success.

Canela is very important for me. And the hotel has a special place in my affective memory. There, my sister Ana Maria met her future husband, José Luiz Corrêa Pinto, Seu Danton’s nephew. There, I met nice people, interesting people, and made many acquaintances.

It was also there that Sady and I spent our honeymoon, 53 years ago. After we returned with our daughters, sons-in-law, and grandchildren.

While our house was being built, it was Seu Danton’s hotel, which now I call by the right name of Grande Hotel, that hosted us.

When my father bought an apartment in Torres we stopped going to Canela, and I got sad, and I also got apprehensive when our house was ready. It was a new phase. I would not be a guest anymore, but a hostess.

More than sixty years have gone since those summers in Canela. Actually, it was a twenty, twenty-five days vacation. But, on my mind, the whole summer was spent there, under those trees in front of the hotel. I know the sierra is rainy, but I do not remember rainy or cloudy days.

At the hotel of Seu Danton and Dona Anita, of Marilena and Aquiléa, there was always sunlight and happiness, much happiness.

A Chronicle of Space and Time

Pedro Oliveira

Winter, 2016...

Saying “Is there anybody home?” to time, I resort to Aparácio da Silva Rillo’s stanzas in his poetry “Heritage”:

*“In that time, yes,
In that time, houses were born old.
They were warm, solemn houses.
They had balconies and terraces
And damp basements, and attics with ghosts...”*

In Canela, a town located in Região das Hortênsias and Rota Romântica, in a kind of gateway of the Campos de Altitude – the Campos de Cima da Serra, – hospitality is long standing.

History proves it, as there were already some establishments rehearsing a shy movement in the art of welcoming.

Actually, our region, and mainly the place where Canela is located today, still in the first quarter of the last century, witnessed the setting of establishments that waited for vacationers, since the modest village, with no more than 300 souls and some stoves, already boasted the title of ‘vacation station’.

On the other hand, it is stated that in the last 100 years, according to scientific and statistical studies, it is possible that more changes have happened than in all history of humanity.

A time when the Grande Hotel witnessed a world almost unimaginable for the present days, due to the vertiginous speed of technology.

In the meantime between the decades of 1910/1920, we could have a vision of the accomplishments of the human beings...

We witnessed the take off of the first plane for passengers in a test flight with 16 people aboard;

We heard the first phone call at a long distance, that rapidly became modern;

The cameras, so that people could take pictures wherever they were, that is, the portable cameras;

Exactly 100 years ago (on June 14th), the writer João Simões Lopes Neto died, the greatest gaúcho regionalist writer, author of *Lendas do Sul* and *Cantos Gauchescos*, among others;

Ramiro Fortes de Barcelos died, the ‘Amaro Juvenal’, author of the Best gaúcho classic: Antônio Chimango;

The world population was about 2 billion people;

Human life expectancy was only 54 years;

From Europe, we heard news about the 1st world war;

The Catholic world lived under the blessings of Pope Benedict XV;

Brazil was governed by Venceslau Brás;

Rio Grande do Sul had Antônio Augusto Borges de Medeiros as president;

In that times there were special days at the hotels: ‘day for making bread’, ‘day for slaughtering’, ‘day for making jelly, jam, compotes’, etc...

We like to think and say that the Grande Hotel, an eye-witness of our history in these 100 years of existence, was a grazing place, a tavern, an inn, a posada, a guesthouse, a restaurant, a bed-and-breakfast, a flat system hotel, an apart-hotel, a resort, a hostel, a hotel.

It hosted public service meetings (executive and legislative).

More. It became an auditorium, a ballroom, a convention center, a stage for musical and theater performances.

Much more. Eclectically, in the purest sense of the word, it served from maternity to chapel of rest.

The Grande Hotel, we think, is identified with the history of Canela. Actually, it is fixed in time and space as author and character of this history, today present in the memory of the vacationers and people from Canela.

And to finish up with space, some more Rillo’s stanzas:

*“At that time, Yes,
At that time doors were tall.
Men wore beard and chopped leaves of tobacco
Women made children... embroidery...doughnuts.
Men went to the club and women to the church.
Men and women went to funerals.
They died discretely and stayed in portraits...”*

And, today, on the pages of this book. A kind of open window at the dawn of each day.

Message of the Corrêa Family

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Nobody doubts we live in a liquid world. In the XIX century the old Marx, sociologist, would say that everything that is solid dissolves in the air. Modernity brought with it disposable institutions and replaceable environments. Everything is transitory. People change professions and jobs in the same way they get rid of old clothes that do not fit anymore. Upon completing 100 years of age, the Grande Hotel Canela, which is run by our family, it is impossible

not to identify a fact that is almost epic, something that goes against the logic of the liquid world.

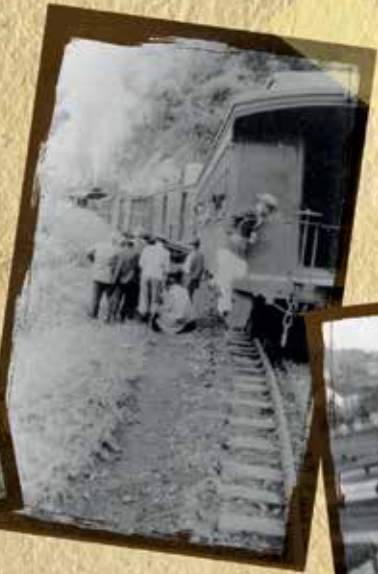
First of all, the fact that a Brazilian company becomes a 100 years old. Secondly, a hospitality company is a successful pioneer as a Brazilian tourist destination in the Serra Gaúcha. And, furthermore, the company has been all these years under the administration of the Corrêa family, whose history mingles with the history of Canela, especially after its foundation by João Corrêa. In this case, family and tradition intertwine in an existential success. I guess that when John Locke, the philosopher, formulated his democracy of ownership, he thought about enterprises like Grande Hotel Canela, where the work of a family enabled an increase in the wellbeing of the people who lived around them.

So it was, and so it is the Grande Hotel Canela. Danton Corrêa was an entrepreneur, a politician, a sportsman, a benefactor, and a family man. A common man who was committed with the destinies of the universe which surrounded him. He fulfilled his mission. Anita was a matriarch who had a sense of nobility for the work and for the family. Both of them left us as a legacy the sense of commitment with eternity, which unfolds in our descent. This is what I told her when I was chosen by the family to make the speech for her eighty years old celebration. One can not imagine Canela without the Grande Hotel Canela. One can not imagine the Grande Hotel Canela without the Corrêa family. The Grande Hotel Canela hosted characters of the history of Rio Grande do Sul and of Brazil. Some of them I met when I was a boy.

This book is motivated by the deserved feeling of pride that all of us have, by belonging to this clan, descendants of grandmother Anita and grandfather Danton. But, it is also a contribution to the people of Canela and to all the gaúchos, so that they know their history and the characters who forged it. Men and women who more than a hundred years ago believed in this blessed land and in this landscape of incomparable beauty, object of desire of people from all parts of the world. The book is also a message of faith in what is to come. We endured a hundred years, and other hundreds are to come. Not everything that is solid dissolves in the air. Eternity awaits us, as we can see from this small sample of a century.

*São 100 anos de
identificação com Canela e
de tradição hoteleira.*

Canela, desde os seus primórdios, teve empreendedores vocacionados para o turismo. João Corrêa, nosso fundador, foi o marco com a abertura do Grande Hotel Canela, que há 100 anos vem fortalecendo esta vocação.



Parabéns, Grande Hotel Canela e Família Corrêa!
A Prefeitura Municipal de Canela brinda este sucesso com vocês.

Este livro foi realizado com o apoio das empresas da Região das Hortênsias e do setor de turismo, de fornecedores, amigos e parceiros que desta forma ajudaram a escrever um capítulo importante para a história de Canela, do Turismo e da Hotelaria no Rio Grande do Sul.

APOIADORES



• Família Corrêa & Konder Homem de Carvalho

• Lins, Homem de Carvalho & Pizzolante Advogados Associados

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



CO-PATROCÍNIO



Imagens

Capa: Cerejeira no GHC, foto Fernando Bueno

P. 02: Estação do Trem de Canela em 1934 – APAOR

P. 08: Trem na estação de Taquara – APFFC

P. 10: O Gaúcho nos Campos de Cima da Serra – foto Fernando Bueno

P. 12: Araucárias – foto Fernando Bueno

P. 13: João Corrêa – APFFC

P. 14: Vale do Rio dos Sinos, aquarela do artista alemão Herrmann Rudolf Wendroth, 1852 – ABI

P. 15: São Leopoldo, gravura de Oscar Canstatt, 1864 – ABI

Pp. 16, 17: Extração da madeira – APFFC

P. 18: Estação Ferroviária Novo Mundo (atualmente Três Coroas) – APFFC

P. 19: Obras da Ferrovia – APFFC

P. 20: Nivelamento manual na construção do leito da estrada de ferro entre Sander e Várzea Grande – APFFC

P. 21: O Barão de Mauá, litografia de S. A. Sisson para a Galeria dos Representantes da Nação, 1861 – Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, RJ | Ferrovia em Obras – APFFC

P. 22: João Corrêa, Augusto Carlos Legendre e Agnelo Corrêa, pintura a óleo de Ferrari, 1903 – Museu Histórico Municipal Adelmo Trott de Taquara, RS

P. 23: Manoel Corrêa Ferreira da Silva, pai de João Corrêa, pintura a óleo do acervo da família Corrêa Kanan

Pp. 24, 25: Abrindo caminhos na montanha – APFFC

P. 26: Construção de estação ferroviária – APFFC

P. 27: Vagão de passageiros – APFFC

P. 28: O trem na estação de Sander – APFFC

P. 29: Serraria no Caracol – APFFC

P. 30: O trem na estação de Igrejainha – APFFC

P. 31: Esquema de funcionamento do “Rabicho” – Acervo Particular de Marilu Kern

P. 32: Em cima do trem João Corrêa, esq. para dir. Major Nicoletti, Daniel Rochrine, Honório Reis, maquinista, Rodolfo Arend e Engenheiro Bertolusi (nomes segundo grafia pouco legível, atrás do documento)

P. 33: Trem chegando a Canela, fotografia de H. V. Torres – APAOR | Locomotiva tipo Mogul, da Eggers-toff, Alemanha, adquirida em 1904 para o trecho Novo Hamburgo-Taquara, ilustração de G. Parziale – APFFC

P. 34: O GHC na década de 20 – APFFC

P. 35: O Coronel João Corrêa Ferreira da Silva, o fundador de Canela, gravura – APFFC

P. 36: João Corrêa entre filhos, amigos e colaboradores – APCFFC

P. 37: Inauguração da Usina da Toca, com presença de Getúlio Vargas, 1930 – reproduções da Revista do Globo – APFFC

Pp. 38, 39: João Corrêa cercado por parentes e amigos em seu aniversário no Capão dos Corrêa em 1922– APFFC

P. 40: João Corrêa, busto em bronze | Documentos relacionados com a estrada de ferro – APFFC

P. 41: Carta de João Corrêa ao Intendente de Taquara | João Corrêa, monumento em bronze na praça | GHC – APFFC | Carro a Motor que conduzia turistas, Trem e Canela – APAOR

P. 42: João Corrêa com Dona Luiza e familiares – APFFC

P. 44: Danton Corrêa e Anita Franzen Corrêa, familiares e amigos no Castelinho do Caracol – APFFC

P. 45: O jovem Danton Corrêa – APFFC

P. 46: Danton Corrêa na escola, no Vale dos Sinos – APFFC

P. 47: Danton Corrêa na Baixada, Porto Alegre, jogando pelo Grêmio em 1914 | Danton Corrêa no Esporte Clube Serrano de Canela – APFFC

P. 48: Antigos Chalés do GHC – APFFC

P. 49: Comércio de Canela – APAOR

P. 50: Danton Corrêa com os irmãos João Manuel, Josephina, Carlos e Aparício, e a mãe Dona Luiza Burmeister Corrêa – APFFC

P. 51: Anita Franzen Corrêa com seus seus filhos Luiz Fernando, Darja Marilena, José Agnelo, Mirna Aquiléa, João Carlos e Régis Corrêa | Danton e Anita – APFFC

P. 52: Danton Corrêa, Sr. Gustavo Müller, o sobrinho Paulo e os filhos Régis e Luiz Fernando durante inspeção na estrada – APFFC

P. 53: Documentos e fotos dos arquivos de Danton Corrêa com quadros dos pais de Anita, Pedro Franzen e Luiza Sommer ao centro – APFFC

Pp. 54, 55: Danton Corrêa e Anita Franzen Corrêa – APFFC

P. 56, 57: Danton e Anita com familiares e amigos no Caracol – APFFC

P. 58: Anita entre costuras – APFFC

P. 59: Filhos de Danton e Anita – APFFC

P. 60: Caçada, atividade de lazer comum na época, na região – APFFC

P. 61: Anita Franzen Corrêa no Carnaval – APFFC

Pp. 62, 63: Jardins do GHC | Anita Franzen Corrêa com a primeira neta | As gêmeas Darja Marilena e Myrna Aquiléa – APFFC

Pp. 64, 65: Documentos e fotografias de Danton e Anita – APFFC

P. 66: Danton Corrêa | Os filhos Álvaro e Lecy | O casamento das gêmeas Darja Marilena e Myrna Aquiléa – APFFC

P. 67: Documentos e fotos de Danton Corrêa e Anita Franzen Corrêa e seus filhos João Carlos, Luiz Fernando, Régis Danton e José Agnelo | Anita ao completar 90 anos, com filhos, noras e genros na Catedral de Pedra de Canela – APFFC

P. 68: João Corrêa, Dona Luiza e familiares – APFFC

P. 69: Reunião da Família Franzen Corrêa e seus descendentes no GHC, em 2016 – foto Dudu Contursi

P. 72: Antigo GHC – APFFC

P. 74: Casarão histórico do Grande Hotel – foto Ricardo Chaves

P. 75: Regulamento do antigo GHC – APFFC

P. 76: Danton Corrêa e amigos observando a paisagem de Canela – APFFC

P. 77: O Hotel antigo | A neve no GHC | Cascata do Caracol – APFFC

Pp. 78, 79: Documentos da memória do GHC – APFFC

P. 80: Antiga Entrada do GHC – APFFC

P. 81: O velho telefone | O antigo GHC | As gêmeas Darja Marilena e Myrna Aquiléa – APFFC

P. 82: Um quarto do antigo GHC – APFFC

P. 83: Fotografias e propagandas antigas do GHC – APFFC

P. 84: Antigo Salão de Refeições do GHC – APFFC

P. 85: Sino usado para chamar os hóspedes | Livro de receitas de Anita Franzen Corrêa | Fotos e documentos – APFFC

P. 86, 87: Recordações do GHC – APFFC

P. 88: Natal em Família, pintura de Viggo Johansen – Domínio Público

P. 89: Livro de receitas de Anita Franzen Corrêa com as especialidades do antigo hotel e foto do Natal da Família Corrêa – APFFC

Pp. 90, 91: Lazer antigamente no GHC e na cidade – APFFC | Cartaz do cinema – APAOR

Pp. 92, 93: Os veranistas | Reservas, destacando a datada de 1934, em alemão, das *schwester* do Hospital Moinhos de Vento – APFFC

Pp. 94, 95: Vistas do Hotel nas décadas de 50 e 60 – APFFC

Pp. 96, 97: Registros de hóspedes e personalidades ilustres | Os ex-governadores do RS Ildo Meneghetti e Leonel Brizola recebidos por Danton Corrêa – APFFC

P. 98: Museu do GHC – fotos Ricardo Chaves

P. 99: Museu do GHC – fotos (a) Fernando Bueno, (b, c, d) Ricardo Chaves

Pp. 100, 101: Casarão histórico do GHC – foto Dudu Contursi

P. 102: Recepção do GHC – foto Fernando Bueno

P. 103: Grande Hotel e seu parque natural – fotos Fernando Bueno

Pp. 104, 105: Alameda dos Chalés GHC – foto Sérgio Azevedo

P. 106: Apartamentos do GHC – foto Fernando Bueno

P. 107: Apartamentos e Chalé do GHC – fotos (a, b, c) Fernando Bueno, (d) Sérgio Azevedo

Pp. 108, 109: Reflexos na água – foto Fernando Bueno

P. 110: Paisagens do GHC – fotos (a) Sérgio Azevedo, (b) Fernando Bueno

P. 111: Paisagens do GHC – fotos (a, b) Paulo Backes | Trilha ecológica (c) Fernando Bueno

P. 112: Café na lareira – fotos (a) Fernando Bueno | Eventos (b, c) Sérgio Azevedo

P. 113: Ambientes e culinária GHC – fotos (a, c, d) Fernando Bueno, (e) Sérgio Azevedo, (b) GHC

Pp. 114, 115: O Lago do GHC – foto Fernando Bueno

P. 116: Fotos aéreas – APFFC | Vistas do Grande Hotel fotos (c) Fernando Bueno, (d) Sérgio Azevedo

P. 117: Vistas do GHC – fotos (a) Sérgio Azevedo, (b) Eliane Heuser, (c) Fernando Bueno, (d, e, f) – APFFC

Pp. 118, 119: Vista Panorâmica do GHC – foto Sérgio Azevedo

P. 120: Azaleias – foto Fernando Bueno

P. 121: Paisagens do GHC – fotos (a, b, d) Fernando Bueno (c, e) Sérgio Azevedo

P. 122: Fachada do GHC – foto Sérgio Azevedo

P. 123: Lago do GHC – fotos Fernando Bueno

P. 124: Apartamento GHC – foto Sérgio Azevedo

P. 125: Ambientes do GHC – Casamento ao ar livre, foto Studio Imago | Sala de estar e quadra, foto Fernando Bueno | Demais fotos Sérgio Azevedo

P. 126, 127: Vista do GHC – foto Fernando Bueno

P. 128: Detalhe do Relógio do GHC – foto Fernando Bueno

P. 130: Reveillon em Canela – foto Fernando Bueno

P. 131: Reveillon no GHC | foto Fernando Bueno | Sessão Solene da Câmara de Vereadores no GHC – foto Divulgação

P. 132: Pauta musical do jingle em homenagem ao centenário do Hotel, composto pelo Maestro Mauro Gomes da Sonarte Company

P. 133: Grupo de músicos com o Maestro Mauro Gomes, da Sonarte Company em uma das apresentações no GHC | Violinista Gabrieli Vargas – foto Sérgio Azevedo

P. 134: Arte na Cerca, Canela Foto Workshops no GHC – foto Fernando Bueno

P. 135: Anita Corrêa Moreira recebe placa comemorativa oferecida pela ABIH | Deputado João Fischer

entrega placa comemorativa à família Corrêa durante o Grande Expediente na Assembleia Legislativa do Estado

P. 136: Selo comemorativo do Centenário do GHC, lançado pelo Correios.

P. 138: Relógio do GHC – foto Fernando Bueno

P. 140: João Corrêa com familiares e amigos no Grande Hotel – foto do acervo da família Corrêa Kanan

P. 141: Poncheira que pertenceu a João Corrêa utilizada para servir o *bowle* nas festas familiares – foto Fernando Bueno

P. 142: Trem, óleo sobre tela de Roberto Mello, MG – APFFC

Pp. 144, 145: Trilha no GHC – foto Sérgio Azevedo

Pp. 146, 147: Cascata do Caracol – foto Fernando Bueno

SIGLAS E ABREVIATURAS

p. = Página

Pp. = Páginas

GHC = Grande Hotel Canela

APAOR = Acervo Particular de Antônio Olmiro dos Reis

APFFC = Acervo Particular da Família Franzen Corrêa

ABI = Acervo Buenas Ideias

LOCALIZADOR DAS FOTOS | PHOTOS LOCATOR



Edição Histórica do Grande Hotel Canela em seu Centenário

Créditos

EDIÇÃO Liliana Reid	REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS Fernando Bueno
EDIÇÃO DE IMAGENS Fernando Bueno	PRODUÇÃO EXECUTIVA Liliana Reid
TEXTOS Eduardo Bueno Letícia Wierzchowski Paula Taitelbaum	PRODUÇÃO GRÁFICA Fernando Bueno
Daniel Corrêa Homem de Carvalho Darja Marilena Corrêa Cavalcanti e Myrna Aquiléa Corrêa Homem de Carvalho Heloisa Vellinho Corso Liliana Reid Paula Krause Corrêa Pedro Oliveira	TRATAMENTO DE IMAGENS Dudu Contursi
PESQUISA Paula Krause Corrêa e Liliana Reid	DIREÇÃO DE ARTE E DESIGN GRÁFICO Marília Ryff-Moreira Vianna
FOTOGRAFIA Dudu Contursi Eliane Heuser Fernando Bueno Paulo Backes Ricardo Chaves Sérgio Azevedo Studio Imago	EDITORAÇÃO Rosana de Castilhos Peixoto
PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS DO HOTEL Paula Krause Corrêa Priscila Corrêa	REVISÃO Maria Teresa do Valle
	VERSÃO PARA O INGLÊS Maria Cristina Munaretti Monsu
	REALIZAÇÃO Canela Instituto de Fotografia e Artes Visuais
	APOIO Buenas Ideias
	IMPRESSÃO E ACABAMENTO Coan Indústria Gráfica

Referências Bibliográficas

ARQUIVOS PARTICULARES DA FAMÍLIA FRANZEN CORRÊA, pertencentes ao Museu do Grande Hotel Canela.
BIELSKI KERN, Marilu Ana – Montanhas e Dormen-tes: Considerações Sobre A Construção do Ramal Ferroviário Taquara-Canela e sua Influência no Início do Veraneio na Serra Gaúcha – Monografia apresen-tada como requisito parcial à conclusão do curso de graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos.
CARDOSO, Maria Aparecida Wolff – Monografia Histórica para Câmara de Vereadores de Canela.
CARVALHO, Aquiléia Corrêa Homem de Carvalho; CAVALCANTI, Marilena Corrêa. Grande Hotel Canela In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Vera Lucia Maciel (Org.). Raízes de Canela. Porto Alegre: EST, 2003.
COSTA, Renato – Jornal Folha da Tarde, fevereiro de 1952, e Correio do Povo, 1937, em artigo intitulado “Um desbravador dos Sertões”.
DA SILVA, Marcelo Matte – História da Eletrificação no Rio Grande do Sul.
STOLTZ, Roger – Primórdios de Canela, Nascente Tu-rístico do RGS – Fundação Cultural de Canela, 1992.
OLIVEIRA, Pedro; VECH, Marcelo; REIS, Antônio Olmiro dos. Canela Por Muitas Razões. Porto Alegre: EST, 2000.
ROTARY CLUBE DE CANELA – Boletim de Julho, Agosto e Setembro de 1964.

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas, estabelecimen-tos, entidades e autoridades que, direta ou indi-retamente, ajudaram a tornar possível este livro durante a etapa de pesquisas e entrevistas, e muito especialmente, aos responsáveis pelos textos e imagens, e aos que o apoiaram financeiramente. Foi importante a participação neste projeto da Prefeitura Municipal, da Câmara de Vereadores de Canela e demais representações municipais e esta-duais, que reconheceram a importância do Grande Hotel como alavancador do turismo e da hotelaria na região.
São inúmeros os agradecimentos. Certamente omi-tiremos muitos amigos, parceiros, clientes e forne-cedores que passaram pelo Grande Hotel Canela desde que começamos esta obra e nos apoiaram com histórias de seus veraneios, fotografias, depoi-mentos e palavras de incentivo. Não conseguiría-mos nominar todos, mas saibam que nossa grati-dão é imensa.
Em especial, agradecemos à Antônio Olmiro dos Reis colecionador e pesquisador canelense – graças a sua incansável dedicação e perseverança podemos contar em Canela com documentos e fotografias pre-servados para serem usados como fonte de pesquisa e memória para as próximas gerações.
Agradecemos à Heloisa Vellinho Corso; à Dilmo Opitz, amigo da família Corrêa e um dos princi-pais animadores dos antigos carnavais do Grande Hotel pela contribuição à nossa história; à Dona Andradina Roma Vaccari, pelas ricas reminiscências sobre a vida na cidade e no Grande Hotel Canela;

à inestimável contribuição do Pedro Oliveira, pes-quisador e escritor canelense; à Marcelo Wasem Vech pesquisador e escritor que nos cedeu docu-mentos valiosos e livros para pesquisas; ao Rotary Clube de Canela por ceder material comemorativo ao centenário de João Corrêa em 1963 e em especial ao Dr. José Domingos Prates Baptista cujas narrati-vas sobre o desenvolvimento de Canela contribuí-ram para a redação dos textos deste livro; à Marilu Ana Bielski Kern por sua pesquisa sobre a chegada do trem à Serra Gaúcha; à Carlos Trott do Museu Histórico Municipal Adelmo Trott de Taquara; ao Mundo a Vapor e à família Urbani pela preservação da história do trem e à Incorporadora Nova Alter-nativa por resgatar essa história com seu projeto Estação Canella; à UCS – Universidade de Caxias do Sul e à Profª. Margarete Fátima Lucca por sua constante mobilização em prol da cultura da região; à Rádio Clube Canela e ao Jornal Nova Época, que nos ajudam a divulgar desde o início este projeto; à Caixa Econômica Federal e seus representantes na região que compreenderam a importância do livro para a preservação da história de Canela; à direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental João Corrêa pelas homenagens e pelo material cedido; à FAURGS – Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela contribuição ao projeto; à Eduardo Bueno, e o grande empenho do Canela Instituto de Fotografia e Artes Visuais nas pessoas de Liliana reid e Fernando Bueno.
Agradecemos aos colaboradores do Grande Hotel Canela, e à toda a Família Corrêa, tão bem represen-tada pelo texto de Daniel Corrêa Homem de Carvalho.



Este livro foi composto nas fontes Garamond e Humanist
impresso em papel couché 150/m²,
tiragem de 1.200 exemplares,
impresso na Gráfica Coan.
Primavera de 2016.